

AN 217
W

R

U

n° 2

L

Editorial	4	Furman 217	EDGSP	92	Rodrigo Maida
Sem Tesão	7	Marcio Bahia	The Cluster	93	Patrick Cate
Criaturas del asfalto	10	Alexander Jiménez	Vivir para aprender, aprender para vivir	94	Sandra Cid Sillero
Escéptico septiembre	10	Rafael Romero	Creación de los funerales	98	Álex Saldías
Don't talk to the void	11	Charlie Geyer	País	102	Farishtay Yamin
De Sáhara, Tummana(s) y Zainabu(es)	12	Giulia Maltese	El club de los hombres irracionales	105	Miguel Ángel Herranz
El músico;	14	Alejandro Aguado	El patio de los vecinos	106	Alicia Ramos González
ChiriVonFiesta			Sacrificio diario	108	Emilio Barraza Durán
El tour de Lazslo	16	Ignacio Muñoz Delgado	Felicidad	110	Lucia Pradillos Luque
Poema nº2	21	Enrique Arias Beaskoetxea	Solitária	111	Brenda Bernsau
Sóc	22	Laia Planagumà	O "homem cordial"	112	Joe Noreña
Las manos de café	24	Jacob Hardiman	Interpretación	118	Elizabeth Reinosa Aliaga
Debajo de ti;	25	Miguel Ortiz	Historias de familia	120	Enrique Barrera Gómez
Vivimos en un mundo			Alan era sólo un niño	123	Guillermo Rodríguez
¿Qué ocultan sus ojos?	26	Lydia Lutz	Verano mediterráneo	124	Lori Catanzaro
Supermarket;	30	Patricia Odriozola	El globo y las estrellas	128	Damián Maseda
Brand new voice			Transgresiones en el arte	130	Paola Cintrón
Il tasso	32	Marina Cavadini	Mi corazón es una piscina	135	Carolina Otero
Página 31	34	Alexxander Norton	El pecado mortal;	136	Clara Mengolini
A Begoña	38	Paula Ruiz Santamaría	Los funámbulos		
Bertsolaritza	40	Itxaso Rodríguez	(In)seguridades	139	Carlos Benítez Barrera
Codificación	44	Todd Hughes	¿Y los 43?	142	Luis Bejines
Breve diegese da infâmia	45	Alberte Momán	Fecha de aniversario	144	Jesús Cárdenas
A visit with my father	46	Amarilis Ortiz	La tierra de nadie	145	Manuel Felipe
Nebuloso	50	Alejandro Arango	Me iré desnuda	146	Mynelis Sánchez
La Siega	51	Valeria Ulrich	Madre terra;	148	Antonia Russo
Romance del camino	52	Maymester 2015	Aurore		
Ciudades;	54	Valentina Castro	Una orilla para soñar	150	Khédija Gadhoun
Contrarrevolución			La noche y el día	152	Juan Luis Rod
Torrão amado	55	Murilo Pocol	El árbol	154	Cheikh Sene
La máquina del tiempo	56	Marcos Penott	No hay por qué	158	Juan Peñaloza
Dos mujeres artistas	58	Ramón Ángel Acevedo	La Bestia	160	Mariano Contrera
Plaza de Tian'anmen	66	Jorge Ortiz	Borderline Ars Poética	164	Vivian Sanchbraj
La fábrica de palabras	68	Berna Muñoz	El ponchador	166	Sylma García González
Caballo	73	Nelvy Bustamante	Prefijos	170	Pilar Vega
Haiku palaciego	74	Edward Friedman	Descubriendo a Louis	172	Anthony J. Ríos
Natura	79	Carlos Vicéns	Hacia la salvación	174	Damian Andreñuk
Choque de identidades	80	Tugba Sevín	Para conocer Cuba	176	Blamem
When phototropism:	86	Bert Geyer	Material online no ensino de português	182	Diogo Oliveira
Plumbing and producing			Poema para que me llames	188	Roly Avalos Díaz
Malahblarismo	88	Francia Herrera	Paper Ball	190	Fernando Varela
La clave del éxito	89	Jota Blumenthal			
The Trip;	90	Renata Oliveira			
Wanting					



Bem-vindos a este segundo número de Furman 217. Para alguns de vós pode que seja a primeira vez que ledes esta revista e outros, se calhar, já lestes o primeiro número há um ano. O desejo que move este projecto continua a ser o mesmo: criar um espaço de expressão onde diferentes línguas e nacionalidades misturem qualquer tipo de produção artística ou académica com total liberdade. Após a convocatória de colaborações, recebemos mais de 1 500 contributos! Muito obrigado a todos por acreditardes neste projecto, sem vós Furman 217 não existiria.

Como no primeiro número, tentamos fazer uma escolha que representasse diferentes nacionalidades, línguas e personalidades. Desta forma, temos escritores inéditos junto a escritores que já publicaram vários livros, fotógrafos junto a desenhadores gráficos, e falantes nativos junto a estudantes que estão a dar os seus primeiros passos em falarem línguas estrangeiras. Mais uma vez, esta polifonia que para alguns pode ser muito caótica ou desordenada é justamente o que nos permite atingir o que nós achamos como as maiores virtudes da revista: não homogeneizar, quebrar as hierarquias, e apresentar as experiências quotidianas na sua verdadeira multidisciplinariedade.

Tendo em conta que o número de pessoas a trabalhar nesta revista não chega a meia dúzia e que quisemos ler os 1 500 contributos, demorámos bastante no processo de seleção. Foi justamente por isso que este segundo número tem mais do dobro de colaborações que o primeiro. Porém, ainda tivemos que deixar fora contributos que eram mesmo bons. É por essa razão que queremos encorajar a todas as pessoas que não foram publicadas neste número a que enviem mais colaborações para o próximo número quando abrirmos a convocatória.

Entre outras coisas, neste novo número ides encontrar histórias em banda desenhada, colagens, crónicas, e línguas como, por exemplo, o italiano, o euscaro e o catalão. A ordem dos materiais não tem um critério pre-determinado e, portanto, convidamos-vos a ler a revista de forma aleatória.

Por último, queremos agradecer mais uma vez a todas as pessoas que tiraram os seus poemas, contos, fotos, etc. da gaveta e no-los enviaram para serem publicados.

Abrços e até à próxima convocatória,

Furman 217



Sem Tesão Não Há Solução:

Furman217 e a pequena grande revolução do inconformismo

Alunos de doutorado de primeiro ano são espécies interessantes. Chegam ao grau mais elevado de estudos universitários com imensa paixão e energia. Normalmente apresentam uma vitalidade deslumbrante. Quando perguntados quais são seus interesses de pesquisa, muitas vezes abrem suas penas como pavões prontos para capturar e seduzir o olhar do outro. Muitos se atiram aos seminários de primeiro ano com a determinação de uma leoa ao capturar sua presa. O vigor é comparável a um Greyhound pronto para alcançar a linha de chegada. Ao longo dos anos, uma incrível metamorfose faz com que muitos destes alunos se transformem em uma espécie completamente diferente. A determinação se transforma em insegurança e ansiedade. Perguntas terríveis, como “Quando você vai terminar o seu doutorado?”, provocam nesta nova espécie o impulso inusitado de enterrar o pescoço e a cabeça na terra. A energia se desvanece e muitas vezes seus movimentos se tornam lentos como o de um bicho-preguiça. Alguns enfrentam um inverno longo e desejam apenas entrar em um período de hibernação para fugir das agruras do doutorado.

Como e por que tal transformação acontece em um período tão curto de tempo? Os estudantes de primeiro ano não sabem ainda, mas a academia é um habitat dominado por regras rígidas de hierarquia e parâmetros de sucesso que os submetem necessariamente a enormes mecanismos de pressão e angústia. O sistema acadêmico americano exige dos estudantes de pós-graduação um acúmulo enciclopédico, quase inumano, da “literatura básica” de cada área. Do “bom aluno” de doutorado, esperam-se trabalhos acadêmicos com amplitude e profundidade (o tão decantado “breadth and depth” exigido pelos professores universitários). Exames de qualificação, e escritas e defesas de tese se tornam processos dolorosos que frequentemente esmagam toda a paixão, o fervor e a criatividade dos jovens estudantes de doutorado. Estes alunos chegam ao programas de PhD em busca do Eldorado, mas terminam se sentindo como a Macabéa de Clarice Lispector, habitando uma cidade “toda feita contra ela”.

O objetivo aqui não é fazer um artigo científico sobre como a academia mata o prazer da descoberta e a curiosidade intelectual do jovem estudante de doutorado, enterrando-os em um emaranhado de citações e peer reviews. Esta é apenas uma breve crônica sobre um grupo de alunos de doutorado que, reunidos na sala Furman 217 na Universidade de Vanderbilt, se recusam a perder a paixão pela exploração de ideias, pelo diálogo livre, pela descoberta prazerosa e que resistem às camisas de força da instituição acadêmica. Ao criarem e promoverem sua própria revista, Furman 217, estes jovens alunos criam um espaço aberto e rico de trocas intelectuais. As chamadas de trabalhos são uma aula sobre pluralidade. No primeiro número, os editores chamaram textos em espanhol, português, galego, inglês e no segundo número abriram espaço para o basco, o italiano, o francês, o mirandês ou qualquer outra cor que pudesse tornar a revista ainda mais radicalmente colorida e exuberante. A chamada de contos, crônicas, ensaios, poesias, entrevistas, quadrinhos, desenhos, fotografia ou, como dizia a convocatória “qualquer outra ideia que tiverdes”, demonstra a abertura dos editores e o desejo de não restringir, não sufocar o desejo da expressão livre. A cornucópia temática do primeiro número incluía o desejo, a viagem, a comunidade, a justiça social, a academia, o ato da escrita, a música, a memória, o espaço urbano, a tecnologia, entre outros. O segundo número vai ainda mais longe e traz quase o dobro de contribuições.

Entretanto, a radicalidade destes jovens editores não está apenas na busca pela pluralidade. A revista Furman 217 representa uma pequena grande revolução porque é feita sob o signo do prazer, da paixão, da curtição pela comunicação e expressão sem amarras. Como um jovem professor assistente na Universidade de Vanderbilt, tive o prazer de conhecer a turma jovem por trás da revista. Não se engane, caro leitor, com o seu título, imaginando jovens intelectuais discutindo os andamentos da publicação em uma sala de aula sisuda, fria e séria. A referida sala Furman 217 nada mais é do que uma metonímia que pode se transfigurar em uma mesa de bar, nas famosas mesas de português às sextas-feiras, regadas à alegria, amizade e cerveja, em uma roda de samba, salsa ou fado, numa festa improvisada na casa dos estudantes, numa aula intimista na casa do professor, num ensaio da banda e até na sala de aula tradicional. É neste ambiente de troca rica, liberta e estimulante que nasce a Furman217. Kadiri

Fernandez, David Vila Dieéguéz, Berna Muñoz, Charlie Geyer, Marco Parodi e o resto dos fundadores de Furman217 são jovens irrequietos que continuam movidos por aquele fogo que a academia insiste em apagar nos primeiros anos de doutorado. Esta turma jovem compreende algo que Roberto Freire explorou de forma brilhante na coletânea de ensaios sugestivamente chamada Sem Tesão, Não Há Solução. A evocação ao pequeno clássico de Roberto Freire não é gratuita. No livro, o autor utiliza a palavra tesão, primeiramente um vocábulo vulgar para expressar a excitação sexual, e transforma-a em conceito de resistência e pulsão da juventude contra a conformidade, a repressão e a violência. A pequena grande revolução e ousadia da Furman 217 é justamente esta: organizar e selecionar textos e objetos que recuperem o tesão da leitura e da escrita no sentido freiriano da palavra. Ao serem guiados pelo prazer e alegria, sentimentos proibidos e banidos do Reino da Academia, estes jovens editores criam um microcosmo, uma pequena caverna onde o fogo original da curiosidade intelectual e da liberdade de expressão protegem-os das temíveis mutações provocadas pelo ambiente acadêmico.

A audácia e a revolução do prazer promovidas pela Furman 217 não significa, obviamente, falta de academicismo. Pelo contrário, representa algo perdido – ou talvez nunca conquistado – pelos círculos acadêmicos, preocupados com um modelo de desenvolvimento intelectual que ignora o tesão freiriano fundamental e seu potencial de transformação. Levando em consideração a explosão do número de submissões do primeiro para o segundo número, fica claro que a proposta deliciosa e subversivamente “hedonista” da revista é um estrondoso sucesso. O enorme êxito e frescor da Furman 217 sugerem novos caminhos, jovens caminhos que, se não vão reestruturar o engessado mundo acadêmico, apontam para a poderosa ideia do tesão acadêmico como solução.

Vida longa à Furman 217! E que seus leitores sintam a mesma energia e pulsão inconformista dos jovens fundadores desta revista que acharam no prazer da leitura e da escrita o seu pequeno grande espaço de revolução e ousadia acadêmica.

Marcio Bahia
Associate Teaching Professor
of Portuguese and Brazilian Studies
University of Notre Dame
Department of Romance Languages and Literatures.

CRIATURAS DEL ASFALTO

Alexander Jiménez

Alguien dijo basta
y la ciudad quedó en silencio,
los muchachos jugaban
a encender fuegos,
las mujeres a desfilarse desnudas.
Todos detenidos en un flash.

Alguien dijo basta
y en la incertidumbre
hundió su mano,
como si no estuviera
acostumbrado al dolor.

ESCÉPTICO SEPTIEMBRE

Rafael Romero

vida, perdóname el insulto
de querer vivir cien años en un solo día
perdona que mi vientre aúlle
es hambre de ficción, es sólo eso
el desconcierto es mi pastor
y yo soy un pequeño fraude
la luz del sol ya no me escuece
lo sé, mi mundo es un hotel barato
en donde nunca se convive muchas horas
perdona que reclame excesos
perdóname la insensatez de rebelarme
de escribir epístolas desnudo
pero ante todo, perdóname la terquedad
la alegre indisciplina de estos años
de zumbidos y de balas
de cariños primitivos y silvestres

Don't talk to the void

*And if you gaze long into an abyss,
the abyss gazes also into you.*
—Nietzsche

The prayer was like: god from god, light from light, stardust from the void is what we are. It's unavoidable. Not a-voidable. Not a void able. Ineffectual space. Uncaring medium. Unmitigated tedium. Temporal void gets cranky when it has too much space/time to think. It ruminates on its lonely nature. A void able? Not a void able to not exist? Co-dependent void. Inevitably vital to the pulse of the cosmic heartbeat. God has high blood pressure, and jumps rope twisted with many knots, and uses stardust chalk for cosmic hopscotch. Deities sometimes diet too, and alcohol is prohibited. Think if god tripped during a cardio workout. We would all be crushed. And we would ask, "Who sold him the drugs? And will he smoke the third rock?" The holy fire is hot enough. And he's got money. Faith banked from our religious trust fund. Most capitals are non-secular. He finds the aesthetics of asceticism appealing. Appellate courts did not see this coming. They ate the apple of their third eye, and the rhetoric of their juris diction was a paradise lost. The jury's prudence won the day. Scared of the scars of astral retribution, they decided this was out of their league. They only played hopscotch in their driveways.

Charlie Geyer



“Liso Japonesa, 14€”. Éste el cartel que llama mi atención paseando por Tirso de Molina. Vuelven a la mente las conversaciones con Tumanna, hermana(tra) recién conocida en los campamentos de refugiados saharauis, en la wilaya de Bojador.

Recuerdo su plancha para el pelo: lo alisaba para las ocasiones especiales: bodas y bautizos. Para las ocasiones especiales iba “a la señora” para que le dibujara preciosos garabatos de henna en las manos —“en los pies, sólo si estás casada. ¿Tú estás casada?”. El concepto de “noviazgo” le resultaba aún difícil de entender.

Volvía a casa con las manos envueltas en bolsas de plástico azul, que luego comerían las cabras—íbamos “a las cabras” todas las tardes, antes de que anoheciera—junto con los restos de la comida. Durante tres horas esperaríamos, sin moverse apenas, que aquellos dibujos aparentemente negros—prestos a adquirir un color amarillento—se grabaran en su piel.

Pasaría luego a echarse en la cara y en los brazos su dosis diaria de crema (¿hidratante?), confiando en que pronto lograría blanquear del todo su piel, escondida debajo de una de las muchas melfas que tenía almacenadas en el trastero de al lado de la cocina. Recuerdo, en las bodas, aquellas caras albinas que hacían de fondo a boquitas pintadas y ojos negros y penetrantes.

Lo blanco se imponía en la hamada argelina como la era del 2.0 imponía su virtual presencia entre una jaima y otra, y las series de Arabia Saudí y Katar invadían las casas de adobe con su aparente modernidad, que no eran más que límites adornados de joyas de oro y plata y sentimientos censurados.



“Me gustaría casarme”, decía, y, sin embargo, parece que los saharauis de hoy día no quieren comprometerse: “Se entretienen contigo y te hacen perder el tiempo”. Si en la boda tuviera la suerte de encontrar “al hombre adecuado”, al día siguiente serviría cous cous con carne de camello para almorzar, insistía. Desafortunadamente, al día siguiente, comimos carne de cabra con patatas fritas.

Zainabu, otra hermana(tra), pasaba de tanto acicalamiento, del cotilleo entre las mujeres de su casa, apenas tenía amigas en el campamento. Era, como le decía yo, de otro planeta. De ojos tristes y entrañables, trabajaba en la Media Luna Roja, de administrativa, dos días a la semana, martes y miércoles—los martes y los miércoles, Tumanna se encargaba de servirme el desayuno. Le hubiera gustado aprender inglés. Apenas nos entendíamos en español y yo apenas chapurreaba hasanía. El traductor de Google, en más de una ocasión, nos resultó muy útil. Incluso aquella vez cuando quiso decirme que ella no tenía derecho a soñar, cuando, como europea, me sentí responsable de los 40 años de exilio a los que condenamos a más de 250.000 saharauis.

Cuando me fui, al principio suspiró y me preguntó, “why?”. Luego, al contestarle que tenía que marcharme, su tristeza se convirtió en resignación: “una más”, pensaría. “I’ll se you again, inshallah”, dijo. Volví a contemplar en su rostro la ausencia de sentimientos y pulsiones tan caóticos y embriagadores, como los del primer mundo. Volví a percibir la aceptación pasiva de su suerte mulana. Y me marché. Sentada en un bistró, saboreando comida gourmet, pensando en los últimos caracteres (espacios incluidos) para redactar, tengo la sensación de que todo sepa y huelga a arena.

Giulia Maltese (Fotos y texto)

El música...



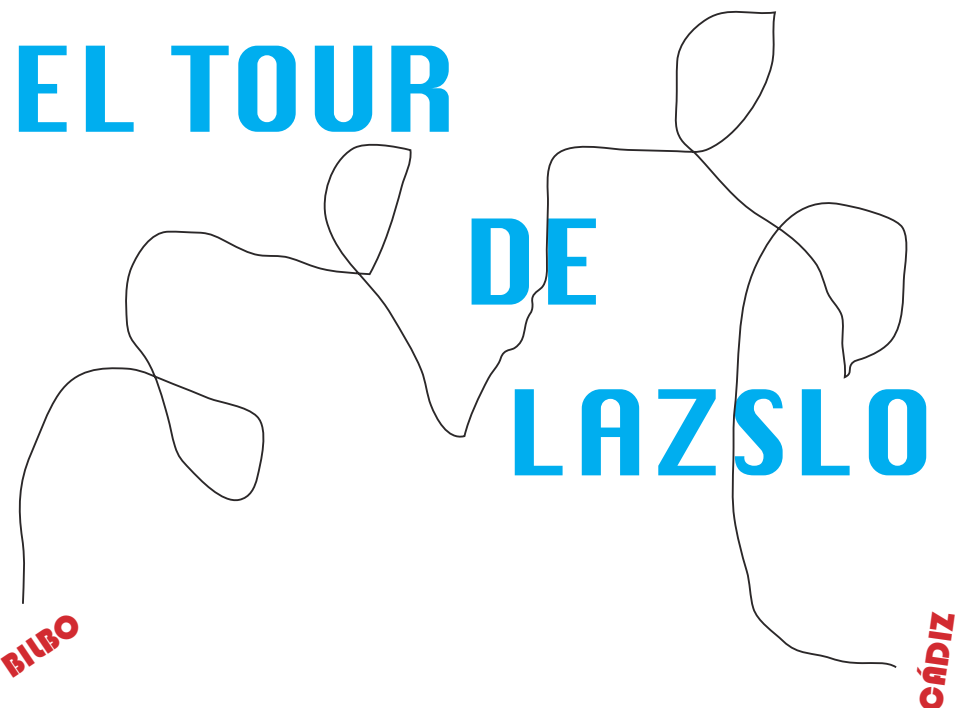
Escrito en un francés fácil gracias fue narrado por Antonia Aramburu, la propietaria del boliche. Malerra fue un pequeño pueblo - pueblo - ubicado en la zona sur de Patagonia, que durante cinco siglos hasta 1887 cuando la propiedad de boliche lo abandonó por falta de movimiento económico. Por allí se sentó la antigua y muy importante ruta hoy casi en desuso. Libertad Lamareque fue una actriz muy popular entre las décadas del '40 y el '60. Alfredo Malerra fue un músico muy reconocido a mitad del siglo XX.



Alejandro Aguado



ChiriVonFiesta (1 y 2)



Ignacio Muñoz Delgado

El pasado verano decidí hacer una de esas pequeñas locuras que solo entiende el que las realiza. Cogí mi bicicleta, me colgué la mochila, me calé mi txapela y comencé a recorrer los casi 1.000 kilómetros que separan mi tierra de la de mi abuelo. O lo que es lo mismo, la distancia que va desde mi querida Bilbao hasta la añorada Cádiz de mi abuelo. Pero lo realmente llamativo de aquel trayecto era mi objetivo: quería encontrarme con un hombre al que no conocía y que jamás había oído hablar de mí. Bueno, para hablar con más precisión diré que nunca nos habían presentado y, desde luego, que nunca habíamos conversado, pero conocerle, lo que se dice conocerle, sí que le conocía. Como no iba a hacerlo si

abuelo me lleva hablando de él desde que nací. Ciertamente mi abuelo tenía una habilidad asombrosa para colocar en cualquier conversación algún comentario, anécdota o historia acerca de su querido Laszlo Kulcsar. Da igual que estés hablando de política, de religión, de cotilleos o de la llegada del hombre a la luna. Mi abuelo siempre le hace un huequito en la conversación a Mr. Kulcsar. Y si hablamos de fútbol entonces sí que no hay escapatoria. El Cádiz y Laszlo Kulcsar monopolizarán la conversación. La verdad es que cuenta sus historias y recuerdos de forma tan amena y con tanto cariño que, aunque las hayas oído mil veces, vuelves a sonreír.

Mi abuelo ha sido hincha del Cádiz desde que nació. Con apenas cuatro añitos ya le llevaba su padre, mi bisabuelo, los domingos de la mano al estadio para ver juntos el partido de su Cádiz. Daba igual que estuviera en primera o en segunda división. Que fuera bien o mal clasificado. Que jugara fenomenal, regular, mal o peor. Allí estaban ellos. Sin embargo, con treinta años recién cumplidos, allá por 1970, mi abuelo tuvo que emigrar a la otra punta del país para buscarse las habichuelas. Bilbao fue su destino. Un clima diferente; una forma de ser distinta; una filosofía vital opuesta. Todo eso le dio igual. Lo que realmente llevaba mal era no poder ir con su padre los domingos por la tarde, en caravana peatonal, con sus camisetas amarillas y su bufanda al viento, al Estadio Ramón de Carranza.

Apenas llevaba tres semanas en Bilbao cuando el Cádiz anunció el fichaje de Laszlo Kulcsar. Esa fue la primera de sus coincidencias. Ambos recién llegados a un sitio completamente diferente de todo lo que conocían. Laszlo Kulcsar marcó su primer gol con el Cádiz el día que mi abuelo conoció a mi abuela. Otro guiño del destino. Ellos no lo podían saber en aquel momento, pero ese día uno renunció a su Cádiz natal por amor a una mujer. Y, el otro, en curiosa paradoja, quedó unido para siempre a la tierra de mi abuelo. Desde entonces la empatía y el cariño que sentía mi abuelo por Laszlo fueron en aumento. Compartían hasta unos bigotes ciertamente similares. La verdad es que mi abuelo ya tenía bigote antes de que ficharan a Laszlo, pero todos bromeaban con que lo llevaba para parecerse a él. Como él mismo siempre ha dicho, “parecemos

hermanos de distintos padres”. Y como un hermano no puede tener un nombre impronunciable para uno mismo, especialmente si parece que se han olvidado de ponerle algunas vocales, mi abuelo rápidamente lo bautizó como “Currito”.

Por supuesto, como no podía ser de otra manera, también coincidieron en sus horas bajas. En 1976 el negocio de mi abuelo no iba nada bien. Mucha gente le aconsejó que lo cerrara. Ese mismo año, el Cádiz, a pesar de Lazslo, descendió a Segunda División. Lazslo recibió ofertas de los clubs más importantes de Europa. Todos querían ficharle y veían en el descenso de su equipo la oportunidad perfecta para poder, por fin, contar con sus servicios. Mi abuelo finalmente decidió seguir adelante con su negocio. Currito, por su parte, decidió jugar con el Cádiz en Segunda División. Al año siguiente el negocio de mi abuelo empezó a levantar el vuelo mientras el Cádiz ascendía a primera división. Lo que os digo, vidas paralelas.

Pero volvamos con mi pequeña gran locura. Mi abuelo cumplía este verano 75 años y estuve varios días pensando en un regalo especial para una fecha tan señalada. Muchas ideas pasaron por mi cabeza, pero cuando vi el poster enmarcado del Cádiz de la temporada 1977-1978 que todavía tiene colgado en su salón, lo tuve claro. Tenía que contactar con Currito y hacerle partícipe, de alguna manera, de una felicitación. El objetivo mínimo era conseguir que le firmara y dedicara su camiseta del Cádiz. Y si, además, se prestaba a grabarle un mensaje de felicitación en vídeo, el éxito sería total. Pero primero tenía que intentar localizarle. Después de navegar unas cuantas horas por internet pude constatar que seguía teniendo un restaurante en la ciudad. Les llamé y me confirmaron que Lazslo seguía viviendo en Cádiz y que todas las semanas se pasaba por su restaurante. No pudieron, o no quisieron, concretarme más. Pero cuando tienes una locura entre ceja y ceja, no necesitas mucho más. Mi padre, que fue el único a quien le confesé mi plan, insistió en pagarme el billete de avión. Pero yo le dije que tenía que hacerlo a mi manera, cruzándome el país en bici que por algo el ciclismo es mi gran pasión y la bicicleta mi medio de transporte habitual. Y por si quedaba alguna duda añadí muy convencido, “Que somos de Bilbao, osti tú”. La conversación quedó zanjada.

Cuando estaba en mitad de mi tour con más de 500 km a mis espaldas y otros tantos por delante, me flaquearon las fuerzas. ¿Y si Lazslo era en realidad un borde? ¿Y si no me hacía ni caso? ¿Y si ni tan siquiera me recibía? Sólo de pensarlo se me ponía cara de idiota. Pero la crisis fue pasajera, ya que conseguí disipar las dudas con un argumento tan apasionado como inconsistente: “si mi abuelo lleva 45 años admirando a este hombre, no puede tratarse de un imbécil”.

Cuando entré en Cádiz montando en mi bici tuve una sensación difícil de explicar, había llegado a mi destino, pero la meta estaba todavía lejos. En cualquier caso, veía al alcance de mi mano darle una enorme sorpresa a mi abuelo y eso me hacía muy feliz. Llegué al restaurante de Lazslo y pregunté por él, pero no sabían dónde estaba, ni cuándo se iba a pasar por allí. Monté guardia durante varios días a la espera de que se pasara por su negocio. Cuando empezaba a desesperar, apareció Currito. No tenía ya su característico bigote, pero se conservaba muy bien para su edad. Sin barriga, con pelo y aspecto saludable, sin duda aparentaba menos edad de la que le corresponde a un exjugador de la década de los 70. Me identifiqué como fan suyo, que tampoco era cuestión de soltárselo todo de golpe, y le pedí por favor que me dedicara cinco minutos. Aceptó aparentemente encantado y sin dudarle. La cosa había empezado bien.

Allí estaba yo, sentado en la mesa de un restaurante compartiendo una cerveza con el ídolo de mi abuelo. Antes de que se impacientara le solté la verdadera historia, de principio a fin. Cuando terminé, Lazslo, que apenas me había interrumpido, se me quedó mirando en silencio, fijamente. No sabría decir si fueron dos segundos o dos minutos. Lo único que sé es que en ese momento me parecieron dos años. Finalmente rompió su silencio de una forma que jamás habría podido imaginar. De manera pausada, muy tranquila, como si estuviera hablando con un amigo de toda la vida me soltó: “¿Cuándo has dicho que es el cumpleaños de tu abuelo?”

Al día siguiente salí de regreso a Bilbao, pero el viaje de vuelta no lo iba a hacer en bicicleta. Ni solo. Tampoco había grabado un vídeo de felicitación con Currito. Era completamente innecesario porque el mismísimo Lazslo Kulcsar viajaba a mi lado en su coche. Quería felicitar a mi abuelo en persona.

Poema nº2

No sé si lo hizo para recordar viejos tiempos; o porque añoraba la fama o porque, simple y llanamente, quería hacer inmensamente feliz a un hincha de su equipo. En realidad, me dan igual sus motivos. El caso es que estaba dispuesto a cruzar el país para felicitar a mi abuelo por su 75 cumpleaños. Mi excéntrica misión estaba a punto de concluir con un éxito inimaginable. Durante el viaje de vuelta no paramos de charlar. Él no daba crédito a todo lo que yo sabía acerca de su trayectoria, y yo no podía creer lo que estaba haciendo por mi abuelo. En un determinado momento me puse a mirar por la ventana contemplando el paisaje veraniego de nuestro maravilloso país y sentí una inmensa felicidad.

Todavía no sé cómo pude aguantar todo un día sin contarle a nadie la gran sorpresa que le iba a dar al abuelo. Cuando sopló la tarta y se encendieron las luces recibió varios regalos. Todos bonitos, ninguno especialmente original. Hasta que pedí la palabra. Le enseñé su camiseta del Cádiz y le dije “conseguí localizar a Currito y le pedí que la firmara para ti”. Sólo con oír aquello se le luminó la cara como si fuera un niño. A continuación, le solté un jarro de agua fría, “pero me dijo que no”. Mi abuelo no pudo evitar cambiar bruscamente el gesto de su cara. Antes de que sufriera más, añadí, “ha preferido venir a felicitarte en persona”, e hice la señal pactada para que entrara en el restaurante el mismísimo Lazslo Kulcsar. Habíamos planificado mucho la puesta en escena y nos había quedado como en las películas. Al verle aparecer mi abuelo no daba crédito. Se puso de pie casi sin darse cuenta y le extendió la mano a Lazslo. Éste la estrechó con fuerza para acto seguido abrazarse a él. Todos rompimos a aplaudir y a cantarle el cumpleaños feliz. Pasado un rato, cuando las emociones se serenaron un poco, mi abuelo, todavía con los ojos un poco llorosos, me miró durante unos segundos. No me dijo nada y, sin embargo, me lo dijo todo.

El pesaroso se duele
por sus manos ausentes
cortadas por un hachazo
brutal, atroz, altivo.

Manos para escribir cartas,
para acariciar el cuerpo
de la amada entregada,
manos que dan a las palabras
énfasis, manos que recitan.

Manos para sostenerse
en el muro de piedra,
manos desalentadas
en el aire, solitarias,
huérfanas, abandonadas.

Manos incapaces
de trazar sombras chinescas
en la pared vacía
ante la luz de una vela.

- garza aleteante
en la bruma del ocaso-

En la oscuridad,
pared y sombra
son las fronteras
de la cruel cárcel
para las manos amputadas

E
N
R
I
Q
U
E

A
R
I
A
S

B
E
A
S
K
O
E
T
X
E
A

Extraído de Derrota íntima

Sóc un poema
amb vistes a un parc d'atraccions abandonat.
Explico amb cada lletra,
les vides que ja no passen per allà.
Els nens que ja no juguen.
Els cavallets que ja no giren.
Les parelles que ja no s'agafen de la mà.
L'olor dels núvols de sucre
que ja no hi és.
A cada vers, veieu com només queda un sac d'ossos
sacsejat amb massa força,
un piló de fulles fràgils
que s'escampen amb una ventada de tardor.
Sóc un poema
amb vistes a un cementiri,
on cada dia passeja gent amb flors
que seran ofrenes a la mort,
no per rendir homenatge als que ja no hi són,
sinó per demanar clemència
al pas del temps.
Sóc un poema
que viu a un núvol gris
on sempre plou i llampega.
Cada estrofa és un pensament,
una memòria que lluita per quedar-se
i no formar part de l'oblit.

Cada coma que porto escrita
és un batec del cor
que lluita per trobar tots els trossets que li falten.
Cada punt és una llàgrima,
una gota regalada que llisca sobre el paper,
que són les galtes.
Cada accent és una cicatriu,
un petit tatuatge ancorat als pulmons
tintant-los de negre.
Sóc un poema
que en recitar-se s'ofega,
necessita l'empenta del vent per fer sortir les paraules.
Paraules que no rimen,
que han perdut la màgia,
que necessiten recordar el seu significat primari.
Sóc un poema,
aquell que ja no recorda
quines mans el van escriure,
Quines mans es van passejar per tots els racons.
Sóc un poema,
un poema que la gent llegeix per sentir-se alleugerida
en veure, a cada vers,
que la seva desgràcia mai serà tan gran
com la d'un poeta.

**L
A
I
A

P
L
A
N
A
G
U
M
À**

LAS MANOS DE CAFÉ

Él se despierta antes del amanecer.
Ella camina con sus herramientas desenfundadas.
Todas las plantas están orgullosas enfrente de él,
Pero nunca tienen miedo.

Él usa sus herramientas para sacudir las plantas.
Ella usa sus herramientas para todo.
Todas las plantas resisten su toque,
Pero los granos de café caen con cada sacudida.

Él lucha con las plantas y los granos de café.
Ella tiene dos herramientas que no se pueden romper.
La Madre Naturaleza le da lo peor,
Pero ella demuestra que no puede sobrevivir sin que nada importe.

No hay nada más resistente que la mano,
De alguien que vive de la tierra.

Jacob Hardiman

Miguel Ortiz

debajo de ti
nada se mueve
te pliegas con el agua
abarcas como un río
todo el cuerpo
que te entrego

Vivimos en un mundo de cadáveres
expuestos en vitrinas, colgados en ganchos.
Cadáveres hablan por televisión, cantan por la radio,
alzan las manos al votar en la Asamblea.

Vivimos en un mundo de cadáveres
dulcemente dormidos sobre nuestros platos,
los adorna una magnolia, una rama de perejil.

¿Qué ocultan sus ojos?

El joven entró en la cafetería de una prisión con los grilletes y las cadenas arrastrando por el suelo, y todos miraron en su dirección, buscando la fuente del sonido. Lo miraban fijamente mientras los guardias le quitaban los hierros y soltaban a su cautivo para poder tomar algo. La imagen del joven, de pie y en medio de la peste y el jaleo de la prisión era un contraste inquietante. Él era un joven increíblemente pequeño con ojos marrones y tranquilos y un cuerpo tan delgado que el mono que llevaba puesto le caía colgando de la cintura; todo él era un visible contraste en el sitio donde estaba. Los otros prisioneros fingían que habían perdido su interés en el recién llegado, pero todavía le seguían observando; los hombros encorvados con el rostro entre apático y perdido. A los otros reclusos les parecía que el joven era un anciano cuyas tragedias habían erosionado su alma, aunque era obvio que no tenía más de veinticinco años.

El joven se sentó solo al final de una mesa larga, separado de sus nuevos compañeros. Y estuvo así por cierto tiempo hasta que la curiosidad por saber porqué ese jovencito estaba en aquel lugar donde parecía no encajar, superó el código social de los prisioneros. Lo rodearon y le preguntaron si iba a revelar la razón de su encarcelamiento. Aceptó la petición sin cambiar su expresión y, esta vez, fue el joven quien miró fijamente a los demás. Todos se fijaron en sus ojos porque estaban llenos de una emoción profunda y apenada pero imposible de definir. Con esta mirada fija entre el joven y los prisioneros, empezó a contar su historia.

“El día que cambió mi vida empezó a las cuatro y media de la mañana cuando me despertó la respiración fatigosa de mi querida Mamá. Me levanté del suelo, donde dormía, para sentarme con ella en su cama y consolarla, aunque es difícil consolar a los moribundos. Fingimos que las palabras dulces y las oraciones urgentes aliviarían sus síntomas como lo haría una buena medicina.



Botas y luz: Damián Maseda

Era una mentira piadosa llena de dolor, pero en esta época de mi vida al contarla, la creíamos juntos. Pero ahora entiendo que las mentiras que dan esperanza son las más dañinas.

Esa mañana fatídica, me puse mi único traje, limpio y brillante en contraste con el polvo oscuro que cubría el modesto apartamento. Preparé un cereal en dos cuencos y me senté con mamá para darle el desayuno con una cuchara. Descansaba entre cada cucharada para darle tiempo a respirar y asegurarme, como siempre, de que no hería su orgullo.

“Escúchame, mi amor, no te preocupes por nuestra situación. No es tan grave como temes. Muy pronto, la compañía nos mandará el cheque que estamos esperando. Entonces, compraremos las medicinas y la comida que necesito y saldremos de esta chabola. En este momento, sólo debes enfocarte en el nuevo empleo y muy pronto, la empresa te recompensará por tu trabajo diligente”.

“Vale, mamá”.

Lo dije porque era un sueño sobre el futuro y en esa época de mi vida, lo creíamos juntos. Ahora lo veo como otra mentira infantil, la inteligencia y la diligencia finalmente nos traerían la recompensa que merecíamos. Cuando recibí la beca, hace cuatro años, pensamos que era un billete

de oro, la manera de escapar, el secreto del éxito. Trabajé como ingeniero bioquímico pero el título no me proporcionaba nada especial todavía, mamá estaba enferma y los precios de las medicinas nos habían llevado a vivir a este barrio.

Después de intercambiar unos besos, salí y llegué al edificio moderno y colosal de mi empresa. Entré por debajo de la sombra de las enormes letras de varios productos farmacéuticos allí producidos. Me prometí de nuevo que aquel era el día en el que cambiaría nuestro camino. Estaba trabajando en el laboratorio cuando el jefe me dio una carta para llevar a la oficina de distribución. La llevé en un carrito que iba empujando por los pasillos, sufriendo del peso de las cajas de medicinas con el poder divino de curar los enfermos. De repente, una oleada de ardor e ira me golpeó; ahí en esas cajas estaba la cura para mamá, una cura que yo había desarrollado junto con la compañía. Por primera vez, me di cuenta que había creado esa medicina en nombre de la compañía, por la que ellos ganarían millones, y era un producto de mi intelecto y de mucho esfuerzo.

En este momento, el pasillo estaba desocupado y silencioso. En este momento, me quedó al alcance una medicina que salvaría la vida de mamá. En este momento, no había etiquetas de precios, las cuales se pegarían a los botecitos de pastillas tan pronto como yo llegara a la oficina de distribución. En este momento, vi la cura para mamá y el éxito de mi perseverancia malgastado debido al costo de algo que yo había hecho. De haber podido cambiar la situación en ese momento, habría sido el final de las cenas de cereales, el final de armarios vacíos a excepción del único traje que llevo todos los días, el fin de vivir en el apartamento ruinoso. En ese momento, imaginé nuestra salida triunfante de la pobreza y la enfermedad. Sin pensarlo, abrí una caja y un bote cayó en mi bolsillo.

Esa noche, un sol vívido y radiante se hundió en una noche aterciopelada e iluminada por las estrellas. Lo miraba maravillado con mamá mientras las medicinas corrían por sus venas. Me dormí y soñé con la esperanza de que esa noche sería la última que dormiría en el suelo. El día que cambió mi vida terminó cuando oí un golpe fuerte en la puerta del apartamento y el sueño rodó por tierra.

Me encontré en la sala del tribunal como si alguna fuerza siniestra me hubiera quitado de la vida y me hubiese abandonado en esta pesadilla. El abogado, elegido por el estado, porque la defensa legal es algo que se compra, me instó que aceptara la culpabilidad del supuesto delito cometido. Acepté. Seguía perdido en el optimismo quijotesco y ridículo; eran sólo unas medicinas. Esta creencia me dirigió a la fatalidad. El juicio acabó así:

“Para concluir, señor, - dijo el juez - ¿tiene algunas palabras finales en su defensa?”

“Sólo quiero señalar mi inocencia en este robo. Las medicinas son para los que las necesitan y no son la propiedad única de una compañía. Le imploro al jurado que tenga compasión, que entienda las circunstancias clementes, que considere ser justo”.

Cuando el jurado volvió, me desperté sobresaltado de mi fantasía idílica y vi por primera vez, con mis propios ojos, un mundo frío y rígido. El juicio mató mi inocencia y aprendí que el crimen real era la muerte de la esperanza.

“Y aquí estoy, en la cárcel con los ojos muy abiertos a la realidad, que existe sin la igualdad ni la justicia. Comprendo ahora la verdad cruel; la justicia, compañeros, no es una garantía para todos, sino que es un privilegio de la riqueza y el poder”.

Cuando el joven terminó la historia, bajó la cabeza y permaneció en silencio. Los otros prisioneros todavía seguían mirándole a los ojos y por fin entendieron la emoción misteriosa que sintieron al verle llegar; era la imagen de la derrota, desesperada y profundamente humana.

Lydia Lutz



"¡HOLA Y BIEN POR EL SEÑOR EL SEÑOR A LA TIENDA"
 ESTA VEZ POR AL SEÑOR EL SEÑOR A LA TIENDA
 MONÍSIMAS PEEJIAS GIEAN POR LOS S GÓNDOLAS.
 ALABAN Y COMPLACEN: QUÉ TE GUSTA MI ACOA. VOMÉ QUERÉS.
 EMPÍAN JUNTOS EL CEBALGUITO COMO EL CURA SE LOS OMOEVOE
 HASTA QUE LA MORTA LOS SEVASE.
 LA IDEA DE INVENAR UN BOGAR DE SITCOM
 ES TAN ERÓTICA Y TAN AFASIONANTE COMO JUGAR A LA CASITA.
 TODAVÍA.

EN DÍAS ASÍ ABEL DIJO QUE QUERÍA TENER UN HIJO,

YO LE DIJE QUE QUERÍA TENER UN PERRO.

I want my master
to have a
BRAND NEW VOICE!

PATRICIA
ODRIOZOLA



RCA VICTOR

A fines del siglo XIX, el pintor inglés Francis Barraud -hijo y sobrino de artistas con cierto renombre en el Reino Unido- retrató a la mascota de su hermano Mark escuchando las grabaciones que Mr. Mark Barraud, para entonces muerto, había hecho con un fonógrafo. Francis, heredero de aparato y mascota, pensó que una pintura del pobre Nipper confundido ante una voz sin cuerpo podía ser un excelente aviso publicitario.

Después de golpear varias puertas, a fines de 1899 Francis Barraud consiguió que la Gramophone Company le comprara la pintura con la sola condición de cambiar el fonógrafo original por un gramófono. En América los derechos fueron adquiridos por la Victor Talking Machine Company, algo así como "la Compañía Victor de Máquinas Hablantes". Nipper no era el único confundido.

Il Tasso

Tuo padre oggi è andato a Bereguardo in moto con una mannaia. Ha decapitato un tasso morto che avevo trovato al parco del Ticino – mi dice C.K. – adesso ha nascosto la testa da qualche parte in balcone. Un idiota totale. Ecco quello che fa. E non c'è verso di farlo ragionare.

*Papà.
PAPÀ?!
Perché non dici quello
che devi dire senza
dire papà?
Papà, cosa stai
facendo con il tasso?*



La collezione surgelata include:

Un pipistrello.
Un passero.
Uno scoiattolo spiaccicato.
E il bottino più prezioso: un barbogianni trovato nel posto segreto dove andiamo in campeggio d'estate. Credevo che il tasso sarebbe stato incluso nel tesoro.

fissare il vuoto:

Cosa combina papà? – Ho chiesto qualche giorno dopo a C.K. – È seduto sulla sua poltrona che fissa nel vuoto. Gli ho chiesto cosa stava facendo e pensa un po' cosa mi ha detto? Mi ha detto: "sto pensando al tasso".

Bombi che dormono nel frigo:

C.K. mi ha detto che un giorno si è accorta di uno strano ronzio che proveniva dal frigo.
Papà, perché i bombi nel frigo?
Perché col freddo vanno in letargo – mi ha spiegato.
Papà, di che specie si tratta?
È molto difficile capirlo – mi ha risposto.
E come hai fatto a catturarli?
È anche molto difficile capire il genere. Ho trovato i bombi mentre si stavano accoppiando. Così, avrei avuto entrambi i sessi.
Sono ancora vivi?

Note:

Gli entomologi hanno notato l'attività invernale del *Bombus terrestris*. Sono stati visti esemplari in cerca di cibo, nei pressi di quelle piante che fioriscono nei mesi freddi dell'anno. La maggior parte delle specie di bombi va in letargo durante l'inverno. Ci si può aspettare che questi imenotteri trascorrono circa la metà della loro vita in uno stato di riposo. Per il *Bombus terrestris*, tuttavia, l'inverno può essere un periodo frenetico tanto quanto tutto il resto dell'anno.

Marina Cavadini (foto e testo)

ALEX

NORTON

Página 31

,não posso sentir na sexta feira os sorrisos de fumo e o deambular de mãos agarradas e o abraço dos corpos, e eu a partir os relógios porque queria matar o tempo e ela a tirar as plantas dos vasos porque queria que a nossa respiração esvaziasse a atmosfera de oxigénio até sufocarmos nos nossos suspiros, e todas as cortinas tapando as janelas inexistentes, e retirarmos os móveis porque queríamos dançar mas não sabendo dançar cairmos no chão e rirmos disso, e tentarmos tomar banho mas a botija ficar sem gás e com o cabelo molhado e cheios de frio secarmo-nos em silêncio depois de eu lhe lavar os cabelos que são densos e se enredam na minha mão, e cantar poemas que ela não quer ouvir e ela falar-me do seu dia mas eu ficar a vê-la e a única coisa que vejo são os seus lábios a moverem-se e a cara desmaquilhada, e eu sair para comprar o jornal e sentir um aperto quando volto a

casa porque não sei se ela está lá e ficar feliz que ela ainda durma, e sair para trabalhar para chorar no vão das escadas, e ficar preso no elevador e ler um livro de Nietzsche que se chama ficar preso no elevador e doer, doer, doer de cada vez que a vejo a dar a mão a qualquer outro mesmo sabendo que esse outro tem algo que eu não tenho mas nunca terá o que eu tenho, seja o que eu tenho o que quer que seja, e odiar-me por pensar isto, e odiar-me por me odiar ao pensar, e sentir realmente a raiva de quem não sabe o que dizer mais, e dar-lhe flores que ela nunca porá na água e livros que porá mesmo quando os escrevi à mão só para ela, e talvez, talvez, talvez apenas um dia encontrar a maneira desequilibrada híbrida e completa de lhe dizer exactamente o que sinto. E desejar que esse dia chegue, sem deixar que o tempo passe para lá chegar.

E toda a minha realidade será teatral e bela
E banhar-me-ei na luz indolente de ser algo mais que um ser humano
E depois esmagar-me-ei de existencialismo
E ajoelhar-me-ei perante a Lua para lhe rezar
Mesmo sabendo que nunca perceberás porque lhe rezo
E farei de cada momento uma marca
E a tua pele fria crivando-me o coração
E gritarei a ventos desconhecidos que sou virgem
E os livros que escrevemos serão esquecidos
E levar-te-ei a passear o cão
E irei contigo a conferências aborrecidas
E a tua voz será o único soláço quando tudo o resto for destruído
Ainda que tudo o resto permaneça intacto muito depois de eu partir
E rasgarei as telas que fiz durante milhares de anos
E voltarei a casa rodando a chave num tambor
E as tuas unhas ficarão com a minha pele nas cutículas
E tu pedirás obediência
E ajoelhar-me-ei perante a tua mente, não perante ti,
Mesmo quando nunca compreenderes porque o faço
E tudo será ardente na minha vontade
E irei ver filmes que amo
E verei filmes que odeio
E de todas as vezes que chegar a casa esta estará sozinha
E de todas as tristezas que conhecer essa será a maior
E tu nunca estarás lá
E terei de ir ao médico sozinho quando ele me disser que tenho diabetes
E eu desistir de comer carne
Mesmo quando já o fizeste há anos

E vou desejar nada e desejar tudo e desejar-te a ti mas nunca o dizer
E vou coroar-te de flores
E dizer dos teus peitos que são de rola e são perfeitos
Antes de atirar ao ar um maço de notas que caem na cama seca
E vou mostrar-te o que tenho de mais vil em mim,
E dar-te apenas o que tenho de melhor
E dar-te sempre o melhor pedaço do bife que não comes
E levar-te a concertos que odiarás
E descobrir que nada temos em comum
Senão a própria noção de nada termos em comum, que em si é algo
oximórico
E vou chorar como se não houvesse amanhã
E nunca usar a palavra amor apesar de o querer acima de tudo
E não te dizer o quanto gosto de ti, pelo menos em português
E escrever textos irados
E ser Ricardo Reis
E ser o príncipe das Horas Mortas que tu também conheces
Mas pensas serem algo de belo quando na realidade são apenas minhas,
princesa,
E beberei as tuas lágrimas quando te deixar
E sentirei o teu corpo húmido quando decidir não o fazer
E pedir-te-ei em casamento, mesmo sabendo que nunca poderia casar
contigo
E lavarei as minhas lágrimas no teu busto curvilíneo
E amarei cada curva do teu corpo, mesmo as imperfeitas
E serei precipitado
E direi coisas demais
E estarei sozinho, mesmo quando estiver rodeado de gente

E estarei quando estiver só eu
Mas nunca quando estiver junto a ti,
E nunca, nunca, nunca pensar nas plantas que partes
E no sufoco do ar que crias
E dançarei contigo até os meus pés sangrarem
E tu beijares a ferida com os dentes,
E então talvez poder dizer tudo o que tenho a dizer
E sublimar todo o sentimento avassalador
Que não sabendo porquê se reduz a um dueto de jazz
E se aplaca no som de um piano.
E descansarei o meu fervor na não-melancolia,
E depois deitar-me-ei junto a ti.
Descansar um segundo enquanto fumo à janela porque na cama não se
fuma.
Deitar a tua cabeça no meu peito.
Sentir-te perto, mesmo sem jeito algum para o fazer.
Consumir as minhas esperanças.
E ser, talvez, só nesse momento, feliz.

Página 31



Imagen: Alberto García Gutiérrez

A Begoña

Hoy me he despertado pensando en cómo coño harías los huevos náuticos. Esta receta, que combinaba una espesa salsa de -creo recordar- guisantes, tomate picante y una especie de rebozado en los huevos cocidos, colmaba de felicidad a la familia Ruiz, que esperaba ansiosa el domingo de marras en que la decisión estaba tomada: tus prodigiosas manos, ayudadas por tu santa paciencia, recrearían el milagro una vez más, ante nuestras agradecidas papilas gustativas.

Recuerdo esas manos, que abarrotadas de lunares y sortijas, me hipnotizaban de niña hasta tal punto, que mandaste hacer de un ópalo australiano que no podía dejar de mirar, una sortija mágica para mí. Gracias a ti, cultivé durante un tiempo una extraña obsesión por la gemología, a causa de los muchos minerales que me traías de todos los confines de la tierra. Gracias a ti también los libros. Y la música clásica. Y viajar, la mayor obsesión de mi vida desde que me conozco, la gota que colma el

vaso a la hora de reconocermme en tus aficiones como con nadie me sucede.

Es lógico preguntarse cómo cabía en tan pequeña figura tantísima energía, y es que te recuerdo con matemática precisión: la soltura de tus andares, precisos, cargados de aquella renovada mil veces juventud, gracias a tu conocimiento del mundo y las personas. Tu cuello, siempre adornado de hermosos fulares de colores, lunares, flores, pájaros tropicales y animales salvajes debían asemejarse a tu corazón; un hervidero de deseos y pasiones que ya tan solo tenían cabida en tus veladas llenas de humo, palabras y música, veladas de soledad, de sabia y aprehendida soledad. Recuerdo tu socarronería como algo hereditario, tu risa, tu voz directa y sincera callando al mundo, prescindiendo de todo artificio en su ejecución. Tu boca de grandes dientes, enmarcada por unos labios finos y arrugadillos. Tu pelo, a veces tornasolado de colores parduzcos, siempre desordenado, tus ojos miel mirándome con sorna al principio, con ternura después, y ya al final, con miedo mal disimulado.

Resulta complejo olvidar la autenticidad de tus palabras, justas, sin adular, pero con un cariño casi de madre, papel que por tu dedicación absoluta a los demás tuviste con todas las personas que estuvimos a tu lado. Yo, al final, te visitaba como quién busca el único reducto de paz que le queda, ese espacio que cada vez nos cuesta más hallar en la vida adulta. De algún modo, me trasladabas tu fuerza, convenciéndome, sin un ápice de cursilería, de que creías en mí.

Hoy, evito tu barrio para tener el suficiente espacio en el botxo en que pueda diluir la extensión de mi tristeza. Miro a las señoras pequeñas embutidas en sus grandes abrigos, y tengo la absurda esperanza de que serás una de ellas, en un intento vano por rescatarte en el plano físico, te busco, inconsciente, aunque sé que nunca hizo falta, pues siempre nos encontrábamos.

Cuánto te estoy echando de menos esta mañana de invierno, Onona, mientras paseo frente al Arriaga, y veo que el Cascanueces vuelve a la ciudad con tanta magia como aquella Navidad, cuando era pequeña y me aferraba a tu mano bajo las luces, tan ilusionada por ver mi primer Ballet, que me iba a estallar el corazón.

Sonrío entonces hacia dentro, es decir, te sonrío a ti, que ya formas parte de mi ser, pequeño pajarillo de mis recuerdos, enorme e imperecedera, nuestra Begoñita.

Paula Ruiz Santamaría

Bertsotan Illinoisko Unibertsitatean

Itxaso Rodríguez

Orality has always been a primordial aspect of the Basque culture. An important form of orality among Basques has been **bertsolaritza**, a form of impromptu versifying. **Bertsolaritza** is the art of creating verses (**bertso**), on the spot or improvised manner following certain melodies. The impromptu nature of creating **bertsoak** rests its importance in timing limits, which are measured through rhythm and rhyme. Because time is not repeatable, neither is the **bertso**. In oral societies, the continuity of the “text” is an important concept for the continuation and recreation of the self. As such, creativity in wording (playing with words) becomes an essential skill that will allow the **bertsolari** (the person creating **bertsoak**) to provide continuity in creating and recreating a cultural heritage. As such, the cultural relevance of **Bertsolaritza** becomes symbolic for its connections between verbal art and performance, creativity and social voice.

The performance thus, consists of texts that are accompanied by melody, but such melody is only an excuse to establish the rhythm. In a **bertso** it is more important what is being said, and how it is being said, than how it is being sang. The topics involved in **bertsolaritza** may vary; from political topics, to humorous insults, it is a poetic conversation that does not cease to get recreated. In its most traditional form, they were performed solely by men at weddings, village festivals or male-to-male get-togethers. Today, **bertsolaritza** is still part of many village festivals, diner-table recitals, funerals, and other cultural events in which at least 2 people take part back and forth reciting **bertsoak**. In the last decades, it has become common to create contexts, championships and leagues where the presence of women has been notoriously increasing. Every four years, the Basque Championship of **bertsolaritza** is organized, and the best **bertsolari** is selected.

The incorporation of **bertsolaritza** in Basque instruction classroom is an important element for the understanding Basque culture. But in order to understand the complexity of **bertsolaritza** one needs to incorporate it as a task. As daunting as it may sound, the end results are nothing but satisfactory. As a Basque Beginners’ Basque instructor at the University of Illinois at Urbana-Champaign, I wanted to incorporate of **bertsolaritza** into the learning of the language and appreciation of the culture. And so I did. Students were asked to write, not improvise, a **bertso** in groups. The topic was given: welcome the three Basque writers (Marijo Olaziregi, Arantza Urretabizkaia and Eider Rodríguez) that were coming to visit us in Urbana-Champaign. Some were excited, others terrified, others confused, because everyone thought: “how can I write a poem in Basque when I have only been in class for 6 weeks?” so I answered: “with instruction, passion and lots of creativity”. I then explained that I selected the most simple rhythm, **Zortziko txikia**, an 8-verse **bertso** with 4 sets of bi-verses, each set composed of 7-6 syllable verses. We created 2 groups, and each group was assigned 2 sets (4 verses in total). First, each group was asked to pick a rhyme (an ending from all the endings we learned in class). Second, they were asked to brain-storm as many words they could think of with such endings. Third, they were asked to pick 2 of those words and place them in the second and fourth verses. Fourth, they were asked to finish the line (if the word had 3 syllables, complete it with the remaining 3 or 4 syllables). We wrote the lines on the board, and combined the 4 sets from both groups. The end result was:

Idazle maiteak,
Guk bertso bat dugu
Eskerrik asko zuei
Esan nahi dizuegu

Gu hemen euskarazko
Ikasleak gara
Ongi-etorri zuei
Champaign-Urbana

Dear writers, We have a bertso
Thank you to you
We want to you
We are Basque
Students here
Welcome to you all
In Champaign-Urbana

Bertsolariak: William Blaylock, Mackenzie Dannelh, Tricia Dean, Erin Madarieta, Ethan Madarieta, Natawut Monaikul, Samuel Newsun, Elizabeth Pyde, Martin Rosenberg and Daniel Ross.

We now had to practice singing it with the melody. I chose the most common melody for our rhythm **Zortziko txikia**: the melody from the song **Maritxu Nora Zoaz?** It was time to get ready for our performance and sing it to our guests. The writers arrived in Urbana-Champaign, gave their speech and when everybody was about to leave the room, students went in front and said: “we have a surprise for you”. The melody of **Maritxu Nora Zoaz** began to reverberate with words that only Basques in that room could understand and feel. **Bertsolaritza** happened in Urbana-Champaign.

A year passed and new students arrived to our Basque class. Another Basque writer was scheduled to visit us on campus, this time Kirmen Uribe. The daunting task began. Kirmen arrived, and the room began to reverberate again:

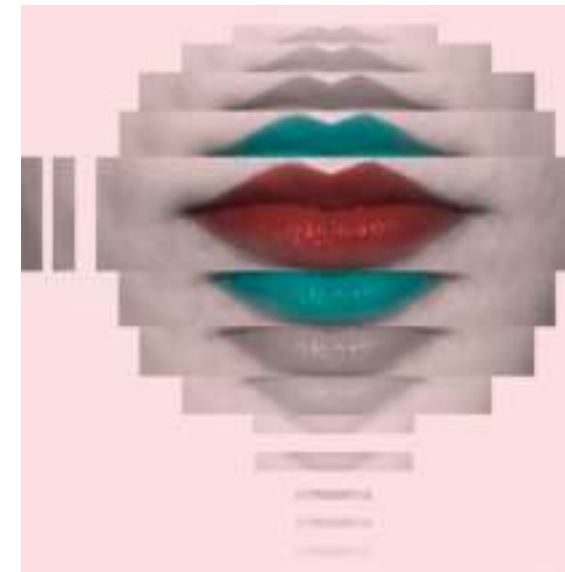
Lagunekin edango
Parranda egingo
Etorri nahi al duzu?
Sagardoa dago

Drinking with friends,
And partying
Do you want to come?
There is cider!

Guk ez dugu dirurik
Ikasleak gara
Edateko muxutruk
Hitz egin euskara

We have no money
We are students
In order to drink for free
Speak in Basque!

Kirmen felt welcome. **Bertsolaritza** rehappened.



Denominar-Pilar Vega

CODIFICACION INCOMPLETA: SIN ETADATOS
 DE LUIS DE GÓNGORA Y TODD F.P. HUGHES

BREVE
 DIEGESE
 DA
 INFÂMLIA

```
<text><body><lg type="poem"><head><title>A una nariz
</title></head><lg type="poem" subtype="sonnet"
rhyme="abbaabbacdcdcd"><lg type="quatrain" rhyme="abba"
n="1"><l n="1">Érase un hombre a una nariz <rhyme
label="a">pegado,</rhyme></l>
<l n="2">érase una nariz <rhyme
label="b">superlativa,</rhyme></l>
<l n="3">érase una nariz sayón y<rhyme
label="b">escriba</rhyme></l>
<l n="4">érase un peje espada muy<rhyme
label="a">barbado.</rhyme></l></lg>
```

```
<lg type="quatrain" rhyme="abba" n="2"><l n="5">Érase un
reloj de sol mal<rhyme label="a">encarado,</rhyme></l><l n="6">érase una alquitara<rhyme label="b">pensativa,
</rhyme></l><l n="7">érase un elefante boca<rhyme
label="b">arriba,</rhyme></l>
<l n="8">era Ovidio Nasón más<rhyme
label="a">narizado.</rhyme></l></lg>
```

```
<lg type="tercet" rhyme="cdc" n="3"><l n="9">Érase un
espolón de una<rhyme label="c">galera,</rhyme></l><l n="10">érase una pirámide de<rhyme label="d">
Egito,</rhyme></l><l n="11">las doce Tribus de
narices<rhyme label="c"> era.</rhyme></l> </lg>
```

```
<lg type="tercet" rhyme="dcd" n="4"><l n="12">Érase un
naricísimo<rhyme label="d">infinito,</rhyme></l><l n="13">muchísimo nariz, nariz tan<rhyme
label="c">fiera,</rhyme></l><l n="14">que en la cara de
Anás fuera <rhyme label="d">delito.</rhyme></l>
</lg></lg></body></text>
```

Pela altura não era mais que uma olhada, ponderando entre a névoa um exterior cheio de matizes. O copo sobre a mesa, a figura da mãe num segundo plano necessário, as próprias extremidades a mexerem-se como entes alheios, as horas como uma ardósia, pesando a poucos centímetros do crânio.

Ela procurava a distância, olhava para ele com a aversão de quem sente fobia por um animal em particular. As mãos torpes, deitando os objetos com o impulso impreciso da inexperiência, a necessidade permanente de atenção como mostra inequívoca de fraqueza. Uma fraqueza que ficava longe de compreender. Ela recuava até um ângulo da estância, com a obrigação auto-imposta de permanecer lá, estática, sem separar o olhar da presença ameaçante.

A comunhão,
 a toupeira que descreve uma linha imaginária
 que serpenteia pela ilha como confins.
 Afasta como doença,
 marcando a separação entre
 o que se nomeia como doente
 e vinga aquele que sanou aceitando como último sorvo
 a pertença absoluta.

ALBERTE
 MOMÁN
 NOVAL

A visit with my father

He wants to see his mother's grave. It's the last Sunday in May, Mother's Day in the Dominican Republic. His last visit to the cemetery was four, five years ago, despite its proximity. A prematurely-aged octogenarian, my father is too frail to go alone. We ride a Motoconcho for fifty pesos, my father uneasy sharing the seat with me. The cemetery guard is passed out on a plastic chair, sheltered by the limbs of a Framboyan tree. The sun hangs on the sky like a coconut on a tree. Clear paths like tiny roads intersect around the dwellings. There is no one else but us. I walk behind my father like his faithful soldier. We get to where the grave should be but it's not there. My father keeps

walking around, disoriented and impatient. "We need to read the headstones," I suggest, realizing we are lost. But he ignores me, accelerates the pace, his confidence ominously warns me that he, who is the last one left, has been here too often. I notice we are looping the same thirsty grass and dusty rocks, and I stop following him, choosing to read the headstones instead. My father keeps walking like he is alone, and the distance between us grows. He moves with precision and conviction, as if aware he's going around in circles. Something in his stride makes him look younger and stronger. It demonstrates speed and determination, acrobatic possibilities. I cherish these elusive flashes, these frail glimpses

evoking youth, and feel a twinge of jealousy towards my grandmother, the one who knew his youth. Paralyzed by such splendor, the distance between us keeps growing. I try to catch up to him, but he makes a turn and is gone. There's no sight of him, no matter where I turn. I'm not surprised my father has forgotten me, he's not used to others around, my summer visits not long enough to break the habits of his solitude.

Solitude keeps my father in the past. One could find his house by the voice of Carlos Gardel, emerging from his record player, the usual serenade. He writes love son-

nets on a Remington, and edits gluing over the typos tiny pieces of blank paper. The headphones advertised on TV are hearing aids in my father's world, based on the obsolete definition for audifonos he finds in his dictionary, hearing aids he hopes will cure his hearing lost. At the internet café, where I show him youtube videos of Gardel, they serve us co-

ffee on a tray, and my father wonders why they are so nice to us. He doesn't suspect he is a local celebrity of sorts, being the only writer in his village. His walls are covered with titles and awards; accolades he bashfully accepts. People respect and admire my father, but also disapprove of his ways. It confounds them he spends money in music and

books, and not on a stove. How he keeps wearing the same clothes. That he reads so late at night. The neighbors share these concerns with me when they see me, expecting me

to reform him. But I am of no use. I make things worse. I become his enabler, his accomplice.

I give up looking for my father, and resume reading the headstones. I am searching for Lorenza, the grandmother I never met. Looking around, I am charmed by the unexpected sights, the improvised vernacular beauty, the



pastel colors soothing like warm milk. It's a small cemetery on the main road main road towards Haiti, clean and well maintained. Wreaths made out of tin loop around crosses as crowns. Candles burn inside boxes with glass doors. Thick roses rest in tomato paste cans, petals shaped like wings. I realize how ill prepared we are. We came without keys and without flowers. We brought red candles instead. The sun is burning my back and I wonder why we didn't wait until later to come, although I know why. It's what we do, my father and I, go against the current like salmons, not knowing we are.

My brother wonders how I can spend so many hours with my father each day, his house furnished with just four plastic chairs. What did you do with no electricity? What about the mosquitoes? How about dinner? My brother has gotten used to our routines, is no longer dismayed when I answer his questions, no longer thinks we are strange. I tell him we buy arepas for dinner at the pulpería, as my father calls the bodega, and stop at Ms. Marcia's on the way back, hoping she gives us coffee for the arepas. I tell him my father

recites Neruda and Juan Antonio Alix. That I read his publications in Páginas Banilejas. I tell him how he became the best electrician around, everything learned through correspondence school. About him meeting Juan Bosch and Trujillo. That we listen to La Tremenda Corte and watch Cantinflas. That we feed salami to feral cats, Trío Matamoros playing in the back. I tell him my father had a job reciting poems, going from house to house with two guitar players, how the suitors would pay the trio a quarter to serenade their sweethearts, how the girls would lament the handsome reciter was not the one who loved them. I tell the stories to my brother, surprised that he, who lives five minutes away, knows so little of my father. But I do not tell him everything. Not how in awe I am of my father's dignity and integrity, how I grieve he doesn't have them. Not how sometimes I can't take my eyes off my father. Or the hours with him in silence. Not about the melody and melancholia in his voice, the way I hear tango songs when he speaks. I do not tell my brother I treasure each second with my father as if he were the sunset, as if each moment is the last sunset I am watching.

I peel my eyes off the headstones, and see my father again, surprised he is so close. He stands completely still, facing his mother's grave. One hand touches a column protruding like a broomstick. The thumb in his other hand hangs like padlock off his pants packet, the other fingers curve outside the gabardine. He looks straight at the headstone, perhaps reading the names of his mother, father, and sister. Then he walks closer, leans over, places three candles equidistantly on the tomb. The red looks like blood against the white tiles, draping the tomb like tablecloth. He takes out a box of relámpago matches, struggling with the gentle breeze to light the candles. He lights them, and leans against the wall of a mausoleum behind, resting his entire body, reposing from the heavy weight of his quiet sorrows.

Three boys appear from

nowhere. They linger between the lateral walls adjacent to where my father reclines. I hush them away like pollitos, fearing the intrusion will ruin this sacred moment for my father. But it doesn't change anything. They whisper, watch him with devotion and curiosity. They seem to be waiting for something, perhaps they saw me chasing him earlier, and now expect a grand finale. My father doesn't notice. He can't see them, can't hear them. Only his body stands there, everything else gone to his mother. He leans his head forward, closes his eyes and tightens his lips, rests his hands on the cane, one on top of the other. I don't see tears from where I am standing, and perhaps there are none, but everything in him is crying: the posture, the expression, the clothes he wears. I can't take my eyes off my father. He doesn't see me, and the boys won't leave.

Amarilis Ortiz

La Siega

acaricio el teclado, me demoro, pienso si no voy a arrepentirme abrir la caja de Pandora en la que guardo lo que no dije lo que no sé una guadaña nunca se expresó mejor que cuando el auto y el camión cortó rasgó partió y cada uno fue despedido eso se lee en los diarios, y se lamenta desde la taza de té de la mañana pero este filo es amplio y no es ajeno

El 21 de diciembre siempre hace calor, pero cuando agarramos la ruta la sola idea del mar ya lo mitiga.

Era una dicha escapar de la ciudad tan pronto ese diciembre, generalmente salíamos justo antes de Navidad, o un par de días después.

Llegamos. Ahora pienso que nunca llegamos.

Pasaba el mediodía y mi madre empezó a inquietarse. Qué raro, empezó a decir. Silencio. Desarmábamos las valijas.

Qué raro.

Era raro que mi hermana, que viajaba con su marido, su panza de seis meses de embarazo, y sus tres hijas de 7, 6 y 4 años, no apareciera. Habían salido el día anterior, habían dormido en el camino, y esperábamos estar todos ahí para almorzar.

Tres de la tarde. Cuatro. Cinco. La inquietud de mi madre en aumento. Mi padre mudo. Yo invisible.

Valeria Ulrich

Aparece un taxi con un mensaje : que por favor fuéramos a lo de una familia conocida de conocidos. Mi padre recibió el recado y nos fuimos hasta esa dirección que nos dieron, donde había un teléfono.
Yo estaba ahí. No hay manera de que pueda recordar el momento en que nos dijeron “hubo un accidente”. No logro representarme la palabra muerte pronunciada por mí ni por nadie más. Es una demasia impenetrable, un exceso sin nombre. Sin nombres.
Ellas huérfanas.
Todos huérfanos.

**N
E
B
U
L
O
S
O**

ALEJANDRO ARANGO

ROMANCE DEL CAMINO

Era en Barajas temprano
donde empezaba el camino
cientos de millas quedaban
con quince nuevos amigos.
Unos venían cansados
otros venían dormidos
pero al llegar la paella
todos despiertos comimos.
Sobrevivimos al tren,
mucho mejor conocidos.
Caminamos de Pamplona
con los otros peregrinos.
David tocó su guitarra
y su canción aprendimos.
Volamos hasta Los Arcos,
con ampollas ¡ay dios mío!
El sendero estaba lleno
de montañas y de tíos.
El diablo fue a Navarrete
para coger el chorizo.
Guápam salió por las calles
para bailar con los niños
y en Burgos comimos burgers
pero... ¡no el cochinillo!
Fuimos en tren a León
donde vivía el Mendigo
quien pensó que fue robado
por Carlitos, su enemigo.
En un autobús viajamos
y el motor quedó partido
y en Ponferrada moramos
viendo el sol desde el castillo.
Gran bocata en Herrerías
y hasta O Cebreiro subimos.
Se nos atascó el ascensor
en Sarria, casi morimos.
En Portomarín quedamos
en un cuarto compartido.
Fuimos a Palas de Reí
con nuestro guía guapísimo.

De nombre Charlie safari:
Nos dijo: "¡Ven, ven conmigo!"
Después comida compramos
y las tortillas hicimos.
Probamos pulpo en Melide
donde hubo algún herido
y de allí fuimos a Arzúa
avanzando con buen ritmo.
Una cena impresionante
comimos en un molino,
y por fin vimos Santiago
¡sin haber ni un fallecido!
En Finisterre paramos
y en el agua nos metimos,
los pies se nos congelaron
pero todos renacimos.
Cansados de no dormir
en Madrid nos despedimos
y entre abrazos dio comienzo
nuestro siguiente CAMINO.

Vanderbilt, Camino de Santiago Maymester, 2015

Escrito por:

**Olivia Hurd
Megan Nocita
Emily Savage
Allie Andrade
Emma Willsky
Lucy Welch
Maggie Devereux**

**Artie Binstein
Clark Dewoskin
Dillon Young
Charlie Obrecht
Emily Bishop
Ariana Banks**

CIUDADES

V A L E N T I N A C A S T R O

Buenos Aires

¿A quién carajo le importa Fito Páez?
Ya Buenos Aires dejó de ser un pasado inmediato.
Púdrete,
Sécate,
Río de mierda.
Limítate a ser un estorbo de ciudad.

Caracas

A Rafael Cadenas

Ya no hay nada tuyo que se desenvuelva en mí.
No eres lugar de retorno,
Ciudad de luces anaranjadas.
Muertos los perros que te observaban de lejos,
CARACAS,
Vómito de ciudad.
Ni vodkas los domingo por la tarde,
Ni centro desde donde todo nace:
Repulsiva,
República,
Eres ahora.

Macon

De esta ciudad:
La calle angosta,
Húmeda,
Al lado de la iglesia.
La arena falsa del lago,
Los patos hambrientos a la orilla del bar,
La M.
Los atardeceres en tres colores,
Y los verbos conjugados en futuro.

TORRÃO

AMADO

Ai, que sôdade do meu torrão amado
Como tenho meditado
Lembrando dos seus pomá
Jabuticaba não fartava em mês de Maio
Laranja dava de Janeiro inté o Natá
Acerola e pitanga também não fartava
E no pé do limoeiro era só mijá que dava

Caros poetas de academia,
Não arremem no meu modo de versá
Não istudei como se faz a redondilha
Mas conheço a geografia lá do meu torrão natá
Não sei se rimo com 8, 10, 12 sílaba
Meus verso guentam tudo o que a alma qué cantá
Não vejo graça em verso que não tem rima
Quando a vida vem doída, eu tenho que musicá

Murilo Pocol

Para Sabrina Díaz Canella

Fue la primera vez que se detuvo el tiempo,
percibiendo como todo alrededor iba deteniéndose
con un sonido residual de silencio
contrayéndose.

Y aquel fulgor me hacía suyo
mientras yo deseaba así fuere,
invocando en susurros
que el reloj espere.

El aire no rozó más mis pulmones
al inundarme en el guarapo de sus aguas;
el rojo exhibió las tensiones
de mi simple alma.

Y ya habiendo recobrado todo su ritmo
tomábame el desconcierto;
explosiones, sismos,
agitado por dentro.
Todo luego fue fugaz;
lo sentido y anhelado; la íntegra existencia
onírica,
vacilando en esas arenas de paz
sus estrellas gemelas me dieron vida.



¿Cuál es tu tanque?

Marcos Penott



Flores from barrio

Ramón Ángel Acevedo

AKILAH T'ZUBERI (artista plástica y escultora afroamericana, residente en Filadelfia y Oaxaca de Juárez).

Borges, en uno de sus cuentos de El Aleph, siguiendo el fatalismo trascendente de Schopenhauer en Parerga y paralipómena (Especulación trascendente sobre la aparente intencionalidad en el destino del individuo), señala que "Todos los hechos que pueden ocurrirle a un hombre, desde el instante de su nacimiento hasta el de su muerte, han sido prefijados por él. Así, toda negligencia es deliberada, todo casual encuentro una cita, toda humillación una penitencia, todo fracaso una misteriosa victoria, toda muerte un suicidio".

Decir que conocí a Akilah t'Zuberi por azar, es sólo un lugar común, o más bien un balbucir preliminar. Caminaba con su paso resuelto por una calle de Oaxaca de Juárez, y su figura, de ascendencia africana, no pasaba inadverti-

da. Llevaba dreadlocks en su cabello, tatuajes en sus brazos y varios piercing en su rostro. Se detuvo un instante para buscar algo en su bolso, entonces decidí cruzar la calle e interpellarla. Le pregunté por su procedencia y si aceptaría que le hiciera una fotografía. Inquirió la razón de aquello, y le comenté que me encontraba realizando una residencia artística para foto-documentar la región Costa del estado y otras comunidades indígenas, y que simplemente me había parecido interesante su figura. Le hice sólo 2 fotografías en esa ocasión y acordamos reunirnos al día siguiente para una sesión de mañana. El día acordado fuimos a un lugar apacible lleno de árboles y flores, y exento de la mirada de los transeúntes. Se sintió muy involuagrada durante el registro, y me comentó que años atrás

le habían hecho algunas fotografías, pero que nunca se había sentido complacida con los resultados. Los piercings y los tatuajes no eran para ella una moda, sino formas populares de arte del cuerpo (body art), que habían sido practicados por la mayoría de sus ancestros. Su manera de estar en el mundo no obedecía a una religión o una filosofía en particular, sino a una forma de ser en el amor. Sustentaba y vivía una espiritualidad en el que todo lo existente es considerado en unidad con Dios. Akilah t'Zuberi, ajena de



los dogmatismos confesionales, pasó décadas en la búsqueda de una experiencia espiritual y metafísica que explicara el universo y la forma en que debía conducir su vida. En 1985 se unió a una fraternidad sufí con sede en Senegal (el sufismo es el misticismo y el esoterismo del Islam). También se impregnó por tiempo de lecturas ocultistas, como de la escritora rusa Madame Blavatsky, y también de la inglesa Alice Bailey, quien realizó anticipatorios estudios sobre las glándulas y los chacras. En 1994, leyó el libro "Un Curso de Milagros" de Helen Schucman, y ese mismo año se decidió a vivir lo que el libro le ense-

ñaba: una filosofía del perdón que daría paso a un cambio radical en su percepción del mundo y de la vida.

Una vez me dijo: "Elijo tener una manera. Mi manera es la forma de ser en el amor y en la relación con Dios. Vivo libre de juicio, en el amor incondicional y la práctica de ver a Cristo en todo. Esta es una opción muy difícil. A veces pienso que hubiera sido más fácil ser marxista". Sus expresiones me hicieron recordar una frase de Hölderlin: "Vivir es sustentar una forma". Y, sin duda, yo coincidía plenamente con sus palabras: siempre será más

cómo aceptar las mitologías tranquilizadoras y falaces, ya de los credos, ya de las ideologías, que atreverse a pensar por sí mismo y aventurarse con valentía a encontrar el camino personal.

Nos reunimos con Akilah en varias ocasiones en Oaxaca. Me enseñó algo de la música afroamericana de Awadagin Pratt y también le enseñé un libro del monje trapense Thomas Merton, con quien ambos teníamos profundas coincidencias por sus vinculaciones con el Zen. También me enseñó su obra artística y escultórica, la que reflejaba fielmente su visión de mundo. Según ella, todos venimos a la tierra con talentos, o lo que personalmente llamaba "logros". Estos no son otra cosa que lo que Dios quiere expresar a través de nosotros (de alguna forma, asocié su formulación a la idea del arte como nostalgia de Dios). Sus piezas eran tapices realizados con minuciosas costuras e intervenidos con diferentes objetos: plumas, relojes, llaves y espejos de variados tamaños, entre otros. Las plumas representaban el espíritu, los relojes lo intemporal, las llaves la conexión con lo divino (no es posible anular la separación entre el hombre y el mundo sin estar en posesión de la llave, me dijo alguna vez) y, por último, los espejos representaban en toda su obra en reflejo del rostro de Dios.

Antes que regresara a Filadelfia, el mismo día de la navidad, le obsequié a Akilah una de sus imágenes que había realizado. Al recibirla se emocionó ostensiblemente y prorrumpió un breve y entrecortado sollozo que me impresionó sobremanera. Al cabo de algunos días me escribió agradecida las siguientes palabras: "Me doy cuenta que has captado mi viaje afuera del oscuro, y mi llegar hacia la luz. Hasta este momento no había tenido la evidencia, excepto para mis sentimientos interiores, que mi resurrección completa había ocurrido. Tu fotografía es evidencia, sin duda. ¿Qué puedo hacer para demostrar mi agradecimiento profundo por tí, cuando todas las cosas materiales del mundo pasan muy rápidas y son efímeras?".

A su regreso, para expresar su gratitud, me obsequió un libro de poemas de Rumi, el santo sufí a quien admiraba. Pero era más bien yo quien estaba en deuda con su ser. Akilah había hecho posible que me reencontrara con todas aquellas formas de sensibilidad al margen de la Historia oficial, aquellas tendencias que yo había admirado en mis lecturas pasadas, desde los Cátaros hasta Cioran, toda aquella sensibilidad que me había alejado ya para siempre de las trampas de la razón, sintiendo como el desdichado Hölderlin que "el hombre es un Dios cuando sueña y un esclavo cuando piensa".

GURI WAHL (Arquitecta y Fotógrafa noruega, residente en Oslo).

Conocí a Guri en el Festival Costeño de la Danza en Puerto Escondido. Intercambiamos unas palabras mientras cada quien hacía sus fotografías. Al final del evento compartimos una cerveza en el andador turístico de ese balneario. Supe, entonces, que había sido elegida la mejor fotógrafa de su país el año 2014. Entrada la conversación, le comenté que me encontraba allí para documentar la expresión musical



de La Chilena que, como es poco sabido, fue traída a estos parajes por aventureros chilenos, quienes, cautivados por la fiebre del Oro de California, a mediados del siglo 19, arribaron a la costa de Oaxaca y quedaron encallados en los brazos de hermosas y altivas mujeres costeñas. Asimismo, le informé que mi propósito principal era adentrarme en algunas aldeas afros de la

zona, y que las imágenes de un Puerto Escondido turístico carecían para mí de interés. Manifestó, entonces, la intención de acompañarme. Después de reflexionar, le informé que yo venía con autorización oficial, y que dependería únicamente de las autoridades de cada pueblo si aceptaban o no su presencia en el lugar. Era la primera vez que yo había decidido

compartir con otro fotógrafo una experiencia de registro visual.

Tal como acordáramos, a las 7 de la mañana en punto me encontré con Guri en el vestíbulo del hostel en donde me hospedaba. Cerca de allí abordamos una subterránea que se dirigía al poblado de Río Grande. Nos bajamos en el crucero y nos dirigimos de inmediato a la Agencia Municipal, en donde

había acordado encontrarme con la autoridad principal, el maestro Eleuterio Olivera López, con quien había compartido días antes en un Encuentro de Pueblos Negros en la comunidad del Azufre.

El maestro tuvo la gentileza de llevarnos al pueblo mixteco de San Pedro Tututepec, adonde se dirigía por asuntos administrativos. Después de merendar en el mercado, buscamos al Presidente Municipal, quien no se encontraba ese día, y nos remitieron enseguida al encargado de Cultura de la comunidad. Un vez presentados los oficios que avalaban mi estadía,

Encuentro con Alhelí y Gabriel.

Recorriendo las callejuelas del pueblo pude percatarme que, en una de las casas con su puerta entornada, una mujer laboraba en una máquina de coser a pedal. Le pedí a Rey que nos acompañara. Nos informó que se trataba de su tía, quien de inmediato nos acogió afablemente en su hogar. Junto a ella se encontraban sus dos nietas que jugaban sobre una hamaca multicolor. La mayor se llamaba Gabriel y la menor Alhelí, y les hicimos varias fotografías. De ambas, Alhelí resultaba ser la más inquieta y curiosa. Se movía repentinamente, brinca-

nos encomendaron un guía que nos acompañaría por los lugares que quisiéramos. Se llamaba Rey Palacios López y resultó ser un excelente compañero de ruta. Decidimos visitar el panteón. Allí hicimos algunas imágenes de hombres trabajando, en quienes Guri causó revuelo con su figura nórdica y espi-gada, y su cabello largo rubio al viento. Desde entonces, para todos, era la "güerita" que inesperadamente había llegado a arrancarles de la rutina del trabajo enseñándole sus propias imágenes. También noté que el corazón de Rey latía más fuerte en su cercanía.

ba de un lugar a otro, y hacía morisquetas con su rostro y sus ojos vivaces. Resultaba una verdadera sorpresa cada una de las imágenes que le hacíamos. En un momento le pidió a Guri que le prestara su cámara fotográfica, miró por el visor y sólo en ese instante pude observar cómo su rostro adquiría una expresión de asombro y alegría a la vez.

Evocando esta expresión de entusiasmo de la pequeña Alhelí, recordé también la historia que me narrara recientemente un amigo oaxaqueño, cuando su hijo de 8 años le había acompañado en un viaje en helicóptero que

se dirigía a comunidades alejadas. En un momento el piloto había autorizado para que ingresara a la cabina de mando y, asegurando los controles en automático, había dejado que el pequeño manipulara los comandos. Luego interpelló a su padre y le enseñó cómo su hijo dirigía la máquina. Eso había ocurrido hace más de 25 años. Actualmente aquel niño es teniente piloto de la Fuerza aérea mexicana, con más 2500 horas de vuelo, y su padre me había compartido sus logros con merecido orgullo.

Pienso en Alhelí, en ese pequeño gesto de ternura de Guri colgándole la cámara al cuello y en su rostro embelesado al mirar por el visor. He llegado a imaginar que esta breve experiencia pueda signar su destino, y quizás llegar a ser la gran fotógrafa mexicana del futuro, quién sabe si una segunda Graciela Iturbide. ¿Por qué no? Si todo casual encuentro es invariablemente una cita, hay vivencias inborrables que de niños nos marcarán indefectiblemente para toda la vida. Creo que Alhelí y Gabriel jamás olvidarán la presencia de 2 fotógrafos extranjeros en su casa. En tanto, yo me resisitiré al olvido de este encuentro, y evocaré las sonrisas que me regalaron una tarde soleada de invierno estas alegres niñas del poblado mixteco de San Pedro Tututepec.

Hoy comprendo que hay un orden en el Universo, un plan de Dios, o una estricta e interna necesidad de todo cuanto nos ocurre, que opera a través de las coincidencias, de los encuentros, de las decisiones propias o ajenas, incluso de nuestros errores y falencias, y también de los desencuentros con los demás, para que cada quien halle ese propósito oculto, ese camino hacia la revelación de su alma única y singular. De este modo,



se cumpliría en cada hombre el ducunt volentem fata, nolentem trahunt («los hados guían al bien dispuesto, y arrastran al que reniega»). En este mismo sentido, ahora comprendo que hasta el humilde trabajo de administrador de cine que mi padre oficiara durante años en un pequeño pueblo de provincia en el centro de Chile, había sido el eslabón necesario e imprescindible para que yo me rindiera subyugado ante el poder de las imágenes, haciendo del cinematógrafo mi único refugio de una adolescencia solitaria y conflictiva que para mi progenitor no sería fácil de entender.

Me reencontré con Guri a mi regreso a Puerto Escondido. Aún se encontraba varada en ese litoral. Le comenté que me dirigía a otros pueblos negros de la costa (Collantes, El Ciruelo, Corralero, Pinotepa Nacional) y decidió acompañarme un par de días. Sin embargo, ya nada sería lo mismo como la primera vez. Desde el primer instante me pareció que nos entorpecíamos mutuamente, y que su invisibilidad anterior había cedido paso a una especie de presencia que la hacía demasiado ubicua para mí. Su compañía se había tornado prescindible y experimenté algo semejante como en aquella lejana tarde de cine, cuando la mano nerviosa de mi

primera novia se había posado sobre la mía en medio de la oscuridad de la sala, arrancándome abruptamente del hechizo de las imágenes, arrepintiéndome en ese preciso instante de haberla invitado a la sesión de la matiné.

Volví a saber de Guri cuando inesperadamente recibí una invitación suya para que nos encontráramos en Puebla. Acepté, ante todo, para refrendar una simpatía que había nacido entre ambos, y también para constatar lo que yo adivinaba secretamente desde mi interior. Juntos hicimos fotografías en el mágico pueblo de Cuetzalan del Progreso, y también en un bar gay de la ciudad al que entramos sin saber. No obstante, estas experiencias vividas a la par, sólo confirmaron para mí la eclosión de un sentimiento de amistad, y no cambiaban un ápice la percepción respecto de mi quehacer. Estaba escrito: en aquel cine de pueblo que administraba mi padre había abrevado las primeras imágenes en movimiento que aprendería a disfrutar con fruición y en soledad. Con el tiempo, ya de lleno en la fotografía, la captura de las imágenes fijas se había convertido para mí en un vicio solitario y solipcista, en el que no cabía absolutamente nadie más. Como una sentencia

admonitoria, me asaltaban ahora mis propias palabras, escritas en letras de molde en las páginas finales de un libro: «quien de niño se procura soledades, de adulto se hace compañero del abismo».

Ignoro si escribo estas últimas líneas para refrendar el fatalismo trascendente de Schopenhauer, o para confirmar que nada en el Universo se hilvana por azar. El hecho es que, «coincidentalmente», un amigo chileno, al saber que me encontraba de regreso en México y refiriéndose

a la figura del viajero errante, me había escrito diciéndome que hay un tablero que ordenan los poderosos y en el que se condena a tantos a la desgracia, incluida su muerte. No desconozco la existencia de aquel tablero, mas ya no creo en los determinismos sociales. Pero sí he llegado al convencimiento que, arrojados a la aventura (y qué duda cabe que toda existencia lo es), hay extrañas metafísicas o designios que se entretejen más allá de nuestra conciencia, que propician inesperadas citas (como mi encuentro con Akilah y con Guri), que nos enfrentan a



aspectos reveladores de nosotros mismos, y que parecieran también llevar el sello de una necesidad moral interna, un misterioso plan que los antiguos llamaban fatum o destino, y que sólo se hace evidente cuando el hombre sabe quién es o en su eclipse final.

Al fin y al cabo, será como dice Borges, que ningún ser humano puede probar una copa de agua o partir un trozo de pan sin justificación alguna, y el consuelo más hábil que el hombre suele darse, es el pensamiento que ha elegido sus más íntimas obsesiones, sus alegrías, y también sus desdichas.

(Plaza de Tian'anmen)

Paseas por la plaza donde Mao daba sus discursos,
 paseas por la plaza donde Ai Wiwei fotografió las bragas de su novia para excitar a los
 jóvenes que allí dejaron su vida,
 mucho tiempo antes de que él vendiera pipas de porcelana,
 para pagar fianzas y evitar órdenes de registro.

Paseas por la plaza de Tian'anmen, donde los héroes del pueblo son inmortales,
 como lo es hoy el hombre del tanque en la CNN,
 en el You Tube

o en la carpeta de algún joven revolucionario.
 Paseas por la plaza con tus pies ardiendo,
 tus pies sintiendo pequeños mordiscos de ardilla,
 dientes mellados entrando en la carne,
 ganas de sacar todo el dinero del banco,
 ganas de quemar contenedores,
 ganas de rellenar el depósito y pirarse,
 ganas de ser publicista.

El eco de la sombra de tu mano es una colmena de hormigas hasta que consigues
 despertarla.

*La ley del silencio impera más que la libertad de prensa,
 Dios es una palmera que extiende su sombra sobre un oasis de dudas,
 la reacción del ser humano en el amor o a la intemperie es impredecible,
 la ignorancia como madre de la intolerancia cívica consumada por una política
 nefasta y soberanista,
 la escritura como semilla de la memoria.
 Una colmena de hormigas subiendo de tu mano hasta tu boca,
 la vida por delante, la muerte
 siempre detrás, detrás, detrás,
 como una sombra que pesa.
 Paseas por la plaza de Tian'anmen y no es tan diferente a la de la bastilla,
 a la de la revolución,
 o a las plazas mayores de todos los pueblos de España,
 ya que todas las plazas del mundo conocen el olor de la muerte.*

Jorge Ortiz

La fábrica de palabras

Te voy a contar la historia de la fábrica de palabras. Berna es un niño que vive en una gran casa en un pequeño pueblo que está perdido en medio de un bosque donde, apenas te descuides, también tú puedes perderte. Berna nunca se aburre. Pasa mucho tiempo solo, porque no tiene hermanos, y siendo un niño no puede estar mucho tiempo fuera de la casa. Pero a tan corta edad ya sabe organizarse perfectamente para dedicar todos los días algo de tiempo a algunas de las muchísimas actividades que le gusta hacer.

Generalmente es un niño alegre, pero desde hace unos días se encuentra apagado. No encuentra la motivación necesaria para llevar a cabo todas sus tareas cotidianas. Y lo peor de todo, es que no sabe por qué.

Le gustaría poder ponerle nombre a lo que le pasa. Pero es imposible, no encuentra las palabras. Nunca se había sentido así antes. Si al menos fuera una persona mayor, seguro que podría resolver todos sus problemas con facilidad, pero siendo un niño, ¿qué podía hacer?

Resuelto a encontrar las palabras que le faltan para contar lo que le sucede, decide ir a hablar con su madre. Su madre siempre le escucha y es la mejor madre del mundo, así que hablando con ella seguro que va a conseguir aclarar todas sus ideas. Es imposible que su madre, que sabe mucho más que él, no tenga una palabra para describir lo que le sucede. Apenas empieza a hablar, su madre va a ponerle nombre a esta situación.

La mamá de Berna estaba en ese momento en la planta alta de la casa arreglando un enchufe junto a la escalera, en un sitio de paso. Berna se sentó junto a ella, en el suelo, y observó con detenimiento cómo trabajaba. Observar a su madre concentrada mientras realizaba cualquier actividad era una de sus actividades favoritas, y nunca le aburría. La mamá de Berna tomaba un cable, luego otro, los cortaba con una tijera, soplabla sobre una pieza de plástico, y hacía muchas otras cosas que Berna no entendía, pero que le gustaría entender.

No sé lo que me pasa, dijo por fin.

La madre le escuchó con atención, mientras seguía trabajando junto al enchufe. De vez en cuando soltaba las herramientas en el suelo, y le daba un beso a su hijo.

Pero, por mucho que Berna le explicaba a su madre, la mamá de Berna no encontraba la palabra perdida.

Estoy segura de que la vas a encontrar, y te vas a sentir mucho mejor muy pronto, fue lo único que le dijo.

Dispuesto a seguir intentándolo, y agradecido por la ayuda de su madre, aunque finalmente no encontrara lo que buscaba, Berna decidió dirigirse a la fábrica de palabras que había en el pueblo para encontrar una solución a su problema.

La fábrica de palabras estaba en las afueras del pueblo, justo en el límite con el bosque, y en ella trabajaba el Sr Furman. Berna nunca había estado allí antes, pero había escuchado muchas historias sobre la fábrica, y sobre el Sr Furman.

Al parecer, el Sr Furman ha trabajado incansablemente durante muchos años en esta fábrica, pero como Berna es tan solo un niño, para él el Sr Furman siempre ha sido el dueño de la fábrica.

Hola Sr Furman, saluda Berna al entrar.

Vengo en busca de una palabra para expresar lo que me pasa, llevo días intentando encontrar la palabra exacta. Pero ni siquiera mi madre fue capaz de encontrarla, así que he decidido venir a verle.

Pasa, pasa, no te quedes en la puerta, contestó el Sr Furman.

Berna entró en la fábrica y no cupo en sí de gozo al observar todo lo que había a su alrededor. La fábrica era enorme. Nunca había pensado que en un pueblo tan pequeño e insignificante como el suyo hubiera una fábrica tan grande y fascinante, y que en ella cupieran tantas palabras. Las paredes, los techos y las escaleras, todo estaba lleno de palabras que la gente había necesitado como él ahora, e incluso las ventanas estaban tapadas para dejar espacio a más palabras. También en el suelo había muchas palabras escritas, y unas flechas y otros símbolos que Berna no sabía descifrar parecían poner en relación a unas con otras.

Berna estaba asombrado. Podría haberse quedado para siempre en aquella fábrica de no ser porque, en ese momento, el Sr Furman comenzó a hablarle.

Y entonces, ¿qué decías que necesitas?

Necesito una palabra, dijo Berna.

¡Estupendo, muchacho! Estás en el sitio adecuado.

Berna siguió al Sr Furman, que caminaba de espaldas frente a él, hasta una planta baja llena de máquinas de las que, al parecer, salían las palabras cuando se habían perdido.

El Sr Furman comenzó a hacerle una serie de preguntas mientras trabajaba inclinado sobre una de las máquinas: ¿cuántos años tienes?, ¿cuál es tu juego favorito?, ¿qué comidas no te gustan?

Berna no pudo evitar sentirse un poco decepcionado al escuchar aquellas preguntas. Él mismo ya se había hecho todas esas preguntas y no había llegado a nada. No creía que con ellas pudieran llegar a encontrar la palabra que le faltaba.

Mientras le hacía todas aquellas preguntas, el Sr Furman trabajaba concentrado sobre una de las máquinas, en la que apretaba botones de diferentes tamaños y colores, e introducía extraños códigos numéricos: 2, 1, 7...

Pasado cierto tiempo, sin embargo, el Sr Furman comenzó a fruncir el ceño. Finalmente, se giró hacia Berna con cara de confusión.

Muchacho, no encuentro lo que buscas.

El Sr Furman parecía apesadumbrado, dijo que nunca le había pasado una cosa semejante, ¡y menos con un niño!

Es una lástima que no te hayas sentido así antes, porque entonces al menos tendríamos por dónde empezar. Pero no, no encuentro tu palabra, al parecer no va a resultar tan fácil como había previsto en un principio. Luego le explicó a Berna que, aunque las palabras para ponerle nombre a lo que les pasa a las personas mayores son generalmente más complicadas, encontrarlas no es tan difícil, porque como son personas mayores, normalmente algunas de sus palabras anteriores sirve para encontrar las nuevas. En su caso, le dijo, no tienen dónde agarrarse, no hay por dónde empezar, y quizás haya que pensar que no hay una palabra para ponerle nombre a lo que le sucede a Berna.

Entonces, ¿hay cosas que no tienen nombre?, preguntó Berna desconcertado.

Exacto, así es, hay cosas que no tienen nombre, aunque existan.

A Berna no le gustó mucho la idea. Estaba decidido a encontrar su palabra, la palabra con la que pudiera nombrar aquello que le pasaba. Pero ya estaba en una fábrica de palabras. Y allí no la encontraba tampoco. ¿Qué más podía hacer?

Pensativo, con la mirada perdida en una de las muchas galerías en las que se perdía aquella inquietante pero fascinante fábrica, al niño le sorprendieron en ese momento las palabras del Sr Furman.

Hay, sin embargo, una posible solución.

Berna lo miró esperanzado. Sabía que de allí no podía salir con las manos vacías, estaba en el mejor lugar para encontrar lo que estaba buscando.

El Sr Furman le contó entonces que, cuando él mismo apenas era un niño, y trabajaba como ayudante para una buscadora de palabras muy vieja, y dueña de una fábrica en otro pueblo, hubo una vez en que se encontraron con un caso parecido.

Debes escribir una historia, las historias con la única manera de dar nombre a las cosas que no tienen nombre, dijo el Sr Furman.

¿Una historia?, preguntó Berna, ¿qué es eso?

El Sr Furman le dijo a Berna que la señora para la que trabajó le había recomendado esto a una niña para quien no fue capaz de encontrar la palabra que estaba buscando, y que era la única solución que se le ocurría ahora mismo para poder poner remedio a su problema. No sabía, sin embargo, si el remedio era realmente efectivo, porque no recordaba haber vuelto a ver a aquella niña jamás. Así que no sabía si su historia, si es que la niña llegó a escribirla en algún momento, había logrado sustituir a aquella palabra que buscaba y que, al parecer, era inexistente.

Si escribes tu historia, dijo el Sr Furman, es posible que en el futuro otros niños como tú encuentren en ellas las palabras que ahora tú mismo necesitas. Con ella, otras personas que se encuentren en tu misma situación pueden verse beneficiadas. Pero debes prometerme

una cosa, cuando escribas tu historia, debes venir y dejarme una copia en la fábrica para que yo pueda ayudar a otros niños como tú. Es muy fácil, ya verás. En lugar de una sola palabra importante, como la que ahora estás buscando, necesitas muchas palabras menos importantes. La única condición es que unas palabras se gusten a otras. Las palabras de tu historia deben gustarse entre ellas, en la manera en que ellas mismas entiendan, ¿lo has comprendido?

Dije que sí, pero no tanto porque lo hubiera comprendido realmente como por el hecho de que aquella era la única solución que el Sr Furman me ofrecía. Y si, después de hablar con mi madre y con el Sr Furman aún no había encontrado una solución, entonces es que la solución no era fácil. No me quedaba otro remedio que seguir las recomendaciones del Sr Furman, y darle una oportunidad a aquello de las historias.

De camino a casa, Berna no podía dejar de pensar en qué palabras utilizaría para contar su historia, en qué orden las escribiría, cuántas palabras necesitaría para saber que su historia estaba terminada. Resuelto a darle una oportunidad a la propuesta del Sr Furman, le invadía la desazón al darse cuenta de que las preguntas cada vez eran más numerosas, y las respuestas más difíciles de encontrar.

Pero Berna nunca se rendía, y siempre buscaba la mínima grieta posible, por pequeña que fuera, a través de la que seguir adelante.

De repente, a mitad de camino, su cuerpo necesitó echar correr, a correr muy rápido, cada vez más rápido. Sentía que las palabras de su historia se le venían encima. No sabía de dónde habrían salido tantas palabras, porque Berna, siendo un niño, apenas sabía leer. Pero no pudo evitar que todas aquellas palabras se agolparan en el interior de su cabeza, como pidiendo salir. Quizás allí estaba su historia, lo que estaba buscando, y lo mejor sería escribirla cuanto antes para no perder las palabras.

Así que, en cuanto llegó a su casa, y saludó a su madre, fue corriendo a su dormitorio y se sentó frente a su escritorio. Tomó lápiz y papel, y escribió: "Te voy a contar la historia de la fábrica de palabras".

Berna Muñoz

Caballo

¿Qué piensa un caballo
bajo la lluvia?

Camina por la plaza del pueblo
cargando en su lomo
toda el agua del día.

¿La llevará al río
cuando pase la tormenta?
¿La dejará en la orilla
para beberla en el tiempo
de la sed y la sequía?

Si fuera un niño
jugaría con el barro
si fuera un hombre
correría a su refugio
si fuera una mujer
contemplaría el paisaje
preguntándose:
¿Qué piensa un caballo
bajo la lluvia?

Nelvy Bustamante

HAIKU

PALACIEGO

Don Quijote y Sancho Panza con los duques

En la segunda parte de *Don Quijote* (1615), Miguel de Cervantes introduce a los duques, aristócratas acomodados y ávidos lectores de la primera parte de la crónica sobre el caballero andante y su escudero. La duquesa invita a la pareja a su palacio, donde ella y su marido el duque inventan múltiples tramas para divertirse a costa de don Quijote y Sancho Panza. Los duques no sólo convierten el palacio en teatro protagonizado por un elenco de damas menesterosas y otros muchos actores, sino que también “construyen” una ínsula llamada Barataria para que Sancho ejerza el papel de gobernador. Don Quijote se anima a apoyar a las mujeres que, según el guión de los duques, piden su intervención. Un paje de los duques viaja al pueblo de Sancho para informar a Teresa Panza del éxito de su marido, el gobernador. Sancho se porta como hombre de buen juicio y de sentido común, pero le es imposible superar los obstáculos creados por los duques y sus cómplices. Un médico le quita la comida, y los consejeros le fuerzan a entrar en una batalla. Al dimitir de su cargo, Sancho se encuentra con su antiguo vecino Ricote, un morisco que vuelve de España después de unos años de exilio. Luego, Sancho se cae en una sima (caso semejante al descenso de don Quijote a la cueva de Montesinos), y es rescatado por su amo. El caballero y el escudero deciden marcharse del palacio, pero luego unos “fantasmas” mandados por los duques los llevan allí de nuevo. En una continuación del metateatro, la “malferida” Altisidora describe una experiencia, sueño o realidad, donde vio a unos demonios jugar al tenis con ejemplares del Quijote “falso” de Avellaneda en vez de pelotas. Finalmente, don Quijote y Sancho se despiden de los duques y compañía.



He querido presentar una versión (30 poemas) de los episodios palaciegos utilizando la forma poética japonesa del haiku, que consiste de tres versos de 5, 7 y 5 sílabas sin rima.

HAIKU PALACIEGO

El escenario:
un libro sobre libros
y un loco cuerdo.

Un escudero.
¿Simple? Cada vez menos.
Y a gobernar.

Aristocracia.
Femmes si no fatales, casi.
Nuevos designios.

El caballero:
“Me ven como soy,” piensa.
(Sabe quién es.)

Conciencia pública,
nuestro “grave eclesiástico,”
voz moralista.

Y don Quijote,
defensor de sus libros,
no cede un punto.

La duquesa, una
cazadora avispada
y poco altruista.

Los duques, ricos
y ociosos, y lectores
meta-maestros.

Farsas ducales,
con don Quijote, actor,
blanco y ¡ay! bufón.

Triste y en peligro—
caballero y caballo—
Trifaldi actúa.

Sancho montado.
Clavileño en el aire.
¿Verdad? Quizás.

Altisidora,
niña enamorada y hábil.
No la rechacen.

Doña Rodríguez,
dama menesterosa.
¿Campeón hay?

Le llaman todas.
Don Quijote al rescate,
pero sirve a una.

Desamparada,
Dulcinea encantada
y reinventada.

El caballero
da consejos sublimes,
no tan sublimes.

Sancho en su ínsula,
gobernador juicioso,
práctico y agudo.

El paje al pueblo
con noticias de Sancho.
Sansón, ¡sorpresa!

Gastronomía.
El médico: “No comas.”
Y Sancho, hambriento.

Rondas y pleitos,
gobierno y corazón.
Sancho impresiona.

Gente burlada,
mentiras, paradojas,
justicia al centro.

Desengañado,
Sancho culpa a enemigos
crueles e internos.

Barataria, una
ínsula de lecciones
caras, costosas.

Sancho aliviado.
Aparece Ricote.
La historia viva.

La sima, como
la cueva, un sitio oculto,
mustio e enigmático.

Sancho salvado
por su amo devoto
y harto de juegos.

Baja el telón.
Actores agotados.
Abre el camino.

Otra visita.
Sueños de la doncella.
Libro infernal.

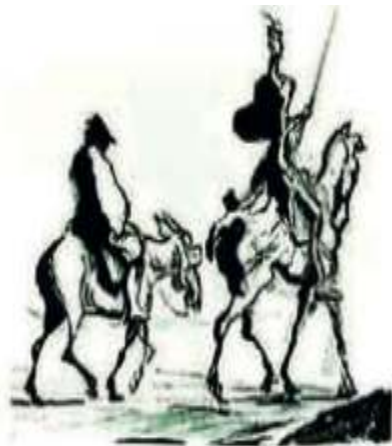
Tantos embustes,
malentendidos, máscaras:
tanto teatro.

Por fin, clausura.
Cambio de dirección.
Simbolismo obvio.

Edward Friedman



C.R. Leslie



Honoré Daumier

NATURA

*Wie kann ein Mensch Sinn für etwas haben,
wenn er nicht den Keim davon in sich hat.*
- NOVALIS

Cómo definir —tan sólo con el pulso— la palabra
indecible que se esconde en tu sombra.
Qué golpe de lengua podrá revelar el camino más justo,
que lleve tu hambre a la lumbre: la llama a tu espera.

Esa voz es distancia de ti, ser
tuyo hasta no ser: abismo, destierra.

Cuándo volverá el verbo al cuerpo,
a la médula inasible de tu vivencia.
De cuán lejos llegará el momento, el inhabitable
sosiego, lo imposible que se oculta
bajo la transparencia del tiempo:
tu silencio —más allá de lo invisible— es aún espejo
de una querencia.

Quién recuerda el sueño olvidado, la impronta
de lo que fue presencia de otro ahora.
Qué hallarás, entonces, tan de cerca, tan tangible
en su ida y vuelta.

Serás tú, y de tu boca, latirás la ausencia de su nombre:
perderá la falta su forma primera.

Será que, lo que eres, a ti retorna.

CARLOS VINCENS

Choque de identidades en *La Otra Conquista*

La conquista de las Américas no terminó sólo en términos militares. Una vez terminada la invasión militar, hubo una conquista espiritual, la evangelización de los pueblos indígenas. Esta conquista espiritual, según Miriam Haddu, fue más devastadora que la invasión militar (160). En esta conversión, el método más efectivo fue la tortura física y espiritual. Mi ensayo analiza la película mexicana *La otra conquista*, tratando de identificar las escenas de fractura y cambios de identidad en tres personajes principales: Topiltzin / Tomás, Fray Diego de la Coaña y Doña Isabel. Mi análisis tiene el propósito de contestar también las siguientes preguntas: ¿Es posible conquistar el alma de una persona con torturas físicas y espirituales? ¿De qué manera las imágenes religiosas, la traducción y la traición configuran esta conquista espiritual?

La otra conquista es la opera prima del director Salvador Carrasco, y narra "la historia de conversión a la nueva fe de Topiltzín, el hijo ilegítimo del emperador Moctezuma" (Velazco 128). Al mismo tiempo, como señala Haddu, describe la conquista desde la perspectiva de los conquistados aztecas (Haddu, "The Power" 156). *La otra conquista* es una obra de ficción, y por eso, según el director, "no pretende ser la versión definitiva o la 'nueva versión' de la post-conquista" (Velazco, "Entrevista con Salvador Carrasco" 4), sino, en palabras de Richard A. Gordon, "would appear to suggest that more than one version of history is not only possible, but also valuable" (83).

La historia de la película toma lugar en 1520 en Tenochtitlán, la capital azteca. La película comienza con una escena dramática que muestra los resultados de la masacre hecha a los indios por los soldados españoles bajo el mando de Hernán Cortés en el Templo Mayor. El personaje principal, Topiltzín, aparece en la primera escena como sobreviviente y testigo de estas imágenes sangrientas. Pierde a toda su familia, y su cuerpo, temblando, encuentra refugio en la cumbre de una pirámide donde pide ayuda a su diosa, llorando.

La realidad irritante de la masacre se nota de día; cuando se ve al escribano Topiltzin dibujando el campo de batalla lleno de cuerpos sangrientos de los guerreros aztecas, los cuales se convierten en trozos de memoria cultural en los códices aztecas. En la siguiente escena, Topiltzin es participante y testigo de una escena de sacrificio en la cual se le está arrancando el corazón a una virgen desnuda para sacrificarla a la Madre Diosa, Tonantzin. Aquí se combina "religious identity and cultural memory" (Gordon 100). Durante esta ceremonia secreta, Topiltzín es capturado por los conquistadores, quienes matan al resto de los indios, entre ellos la abuela de Topiltzín, y destruyen el ídolo de la Madre Diosa (Tonantzin). Cuando Fray Diego ve la escena de sacrificio no puede ocultar su asombro y afirma: "vosotros realmente venís de otro mundo". Esta afirmación demuestra la diferencia entre dos culturas que se encuentran, la conquistada y la conquistadora. El ídolo de la Madre Diosa destruida se reemplaza con la estatua de la Virgen María. Topiltzín se queda sorprendido cuando ve esta nueva imagen. Ésta es la primera escena en que Topiltzín se encuentra con la representación de la Virgen, una figura que le es ajena.

Mientras tanto, los españoles encuentran los códices aztecas y los queman, pues para ellos no son más que "fetiches". En esta escena, Topiltzin se da cuenta de que su identidad cultural y religiosa se va reemplazando por otros símbolos. En otra escena conocemos a Doña Isabel, también hija de Moctezuma y amante de Cortés, quien convence a Cortés para que le perdone la vida a su medio hermano. Doña Isabel juega un papel importante en la película, porque en este personaje se incorporan varios elementos que demuestran su fractura de identidad: la transculturación completada, el arrepentimiento y la traición. Se nota que su cuerpo fue conquistado por los conquistadores, pero su espíritu no traiciona a su identidad nativa. Ella, en secreto, revela su opinión a su hermano manipulando la traducción de Cortés y le

dice: "los misioneros quieren nuestras almas". Según Gordon, ella, como Malinche, tiene influencia en la estructura colonial y demuestra su rebelión con su control lingüístico.

Topiltzin, en las manos de los españoles, empieza a vivir torturas físicas y espirituales. Cristóbal Quijano lo azota y le quema los pies con una antorcha, mientras tanto, la figura de la Virgen María está delante de él, mirando a los ojos de Topiltzín y observando su sufrimiento. A partir de este momento, Topiltzín crea una obsesión con este "nuevo ídolo", esta nueva representación. Éste es el momento más importante y más expresivo de la película, porque desde ese punto en adelante la historia se desarrolla alrededor de Topiltzín y la Virgen María. Fray Diego no participa en esta escena de tortura, pero es testigo de ella mirando por una ventana. Expresa su oposición diciendo: "no soy responsable de la barbarie que se comete a nombre del Dios nuestro".

El nombre de Topiltzin, en este nuevo mundo, se cambia por Tomás; su vestido nativo, por el vestido religioso cristiano; su idioma nativo por el castellano. El nuevo mundo quiere que él deje atrás todos los elementos que definen su identidad. Él se encuentra en un caos, él ya es un "indio que lucha por no perder su cultura nativa" (Haddu, "The Power" 157). La conversión cultural y lingüística de Topiltzin empieza en el monasterio. Todos los símbolos que lo rodean son nuevos para él; la ventana de la habitación de Topiltzín en el monasterio tiene la forma de una cruz; este símbolo representa una nueva religión y lo separa del mundo exterior al cual pertenece. En el mismo monasterio vive Fray Diego que está obsesionado con la conversión voluntaria de los indios en la fe cristiana. Por esta razón, el fraile se ocupa personalmente del proceso de conversión de Topiltzin.

Desde este momento, empieza una batalla de credos, un

un choque de ideas entre él y Fray Diego. Fray Diego trata de convencer a Topiltzín para que acepte de corazón el catolicismo, para limpiarse de su salvajismo y convertirse en un hombre civil. Tomás lucha para conservar lo más sagrado, su fe pagana y su creencia en la Madre Tonantzin. Estos dos personajes, en este momento, son muy parecidos, aunque pertenecen a mundos diferentes; porque ninguno de los dos traiciona a su Dios y los dos tratarán de conservar su religión. Fray Diego también es un "otro" que es gobernado por los conquistadores y tiene el deber de representar a la iglesia católica y a su ideología. Él y Topiltzín se parecen mucho en sus emociones complejas y contradictorias.

Para conservar su filiación religiosa, Topiltzin resiste las torturas físicas y espirituales de los conquistadores. Esta resistencia tiene un cariz mesiánico. Topiltzin lucha por no ser "conquistado" por los conquistadores. Doña Isabel, en el monasterio, se convierte en refugio para Topiltzin. Ella le enseña la lengua de los conquistadores. La solidaridad y, posteriormente, la pasión, caracterizan a su relación. Se llaman por sus nombres náhuatl, y se ve que juntos quieren conservar su cultura azteca. La siguiente escena es una escena impactante que demuestra resistencia cultural de los dos. Para que siga la sangre azteca en un mundo de los "otros", los cuerpos desnudos de Topiltzín y Doña Isabel se unen. Durante esta relación incestuosa, las palabras de dos hermanos señalan el mensaje de la escena: "estamos hechos de una sola pieza" y "hagamos perdurar nuestra sangre". Según Gordon, esta escena "suggests the continuity of the Mexican people and reinforces the symbolic privileging of the Aztecs" (105). Doña Isabel, en esta escena, se convierte en doble Malinche, porque la primera vez traicionó a su patria, y esta vez traiciona a Cortés. Fray Diego ve esta escena e informa a Cortés del engaño. Ella se

queda embarazada del hijo de su hermano, que es su “cuerpo” y su “sangre”, pero es encarcelada y ahogada por Cortés. Después de la muerte de su hermana, Topiltzín se queda solo en esta nueva vida; empieza a sufrir alucinaciones y ataques de fiebre.

La última escena de la película es muy importante. Topiltzín se pone su taparrabos en un gesto que ha sido apreciado por Gordon como último gesto de orgullo de su cultura nativa (106). Saca en secreto la estatua de la Virgen de la parroquia, la sube hasta el techo del monasterio, la abraza y se lanza al vacío gritando al mismo tiempo “Tonantzinme (Madre)”. En el momento del suicidio, el héroe visualiza la cara de la Madre Diosa en la cara de la Virgen y hace una profesión de fe sacrílega: “¡Santa Madre, en tus manos deposito mi cuerpo, más nunca el espíritu”. Topiltzín muere abrazado a la Virgen pero, en realidad, él recupera a su Madre Diosa, aunque de cara distinta a la de Tonantzin. Fray Diego ve el cuerpo de Topiltzín, que yace sobre el pedestal con la estatua de la Virgen, y dirige su mirada hacia el sol—el cual es la representación de la divinidad para los antiguos nahuas y anuncia la llegada del día (Velazco 131)—y lo bendice en nahuatl. Este gesto es una manera de demostrar su aculturación lingüística, cultural y religiosa. Topiltzín muere siendo un sujeto en medio de dos culturas. Es importante señalar que Topiltzín se reúne con su Madre Diosa en el año 1531, que es el año, según la leyenda, de la aparición de la Virgen de Guadalupe a un “macehualli” indígena, Juan Diego (Velazco 131). El director de la película, con la muerte de Topiltzín, señala la llegada de una nueva era, en la cual las creencias y costumbres aztecas se conservarán en las imágenes mestizas; en este caso, en la Virgen de Guadalupe. Esta combinación simbólica de Tonantzin y la Virgen María en la Virgen de Guadalupe se señala también en la aria compuesta para la película, cantada por Plácido Domingo: “¡Unum Deum!, Tonantzin vive en la raíz, Diosa Madre, María en la conciencia, Y Guadalupe..., Mater Aeterna”.

En conclusión, existe una mezcla de imágenes en la cultura azteca después de la conquista. Los dos son “otros” entre sí y nunca pueden unirse para ser el “uno”. Cuando dos culturas chocan, ninguna de las dos vence. Las dos cambian y se convierten en una cultura mestiza. Los tres personajes consiguen conservar su espíritu y su identidad, pero se mezclan con el “otro” y renacen en una cultura mestiza. Como señala el lema de la película, “the spirit of a people can never be conquered” (Urrieta y Martínez 71). El espíritu de Topiltzín nunca fue conquistado sino, como señalan Luis Urrieta y Oliva Martínez, “los antiguos dioses sólo cambiaron de rostro, para eludir a la Santa Inquisición” (71).

OBRAS CITADAS

- Haddu, Miriam. *Contemporary Mexican Cinema 1989-1999. History, Space and Identity*. Wales: The Edwin Mellen Press, 2007.
- Haddu, Miriam. “The Power of Looking: Politics and The Gaze in Salvador Carrasco’s *La otra conquista*”. *Contemporary Latin American Cinema-Breaking into the Global Market*. Ed. Deborah Shaw. New York: Rowman & Littlefield, 2007. 153-173.
- Gordon, Richard A. *Cannibalizing the Colony: Cinematic Adaptations of Colonial Literature in Mexico and Brazil*. Purdue: Purdue UP, 2009.
- La otra conquista*. dir. Salvador Carrasco. Twentieth Century Fox Film Corp, 1998.
- Velazco, Salvador. Velazco, Salvador. “Entrevista con Salvador Carrasco”. *La jornada semanal* (México) 215; (18 de abril de 1999).
- . “La guerra de imágenes en *La otra conquista* de Salvador Carrasco”. *Cuadernos Americanos*. 15.3 (2001): 128-132.
- Urrieta, Luis y Oliva Martínez. Rev. of “*La otra conquista*”. *Journal of Latinos and Education*. 1.1 (2002): 69-72.

G
BERT
Y
E
R

When phototropism interrupts me

Witnessing an interaction,
My translation, "supine catalpa," erected a catalytic folly:
iamb, amphibrach, consonance.
Bleating metrics further anglicizing Mvskoke.

Not representing
but is representation extricable?
Dwelling in lost and found, flustering petty tyrant is's.

pitching words at trees
obscuring and tendering
myriad transmissions

Plumbing and producing

I indulge in handicap stalls, though anxiety looms
of denying someone in a wheelchair
or impeding others seeking this heterotopia—
it's a surfeit that begs for queering.

At home I slip off my boxers and drape them on the doorknob, no pesky knee and
ankle snags. I dawdle and procrastinate, then rush fearing rectal prolapse. I ain't
ready for pickled tissue.

My dad took his reprieve
in: fan drone,
New York Review of Books,
accumulating acidity.

He heard our inopportune need, through the door, with mild chagrin.

I need to elaborate my shit space;
I'll mail a letter in a rhododendron squat.

“¡Chica! ¡Este gobierno se ha gastado unas cifras gastronómicas en dólares!”



Francia Herrera

LA

DEL

CLAVE

ÉXITO

La última vez que fui buena
me pagaron con alevosía.
Ahora actúo con maldad y
arrogancia.
Y creo que por primera vez
soy una persona exitosa.
Aprendí a no tomar en serio relación alguna
a no rogar y confiar en nadie.

Me siento orgullosa.

Por primera vez en mi vida
aprendí a ser como todo el mundo.
Una verdadera hija de puta.

JOTA

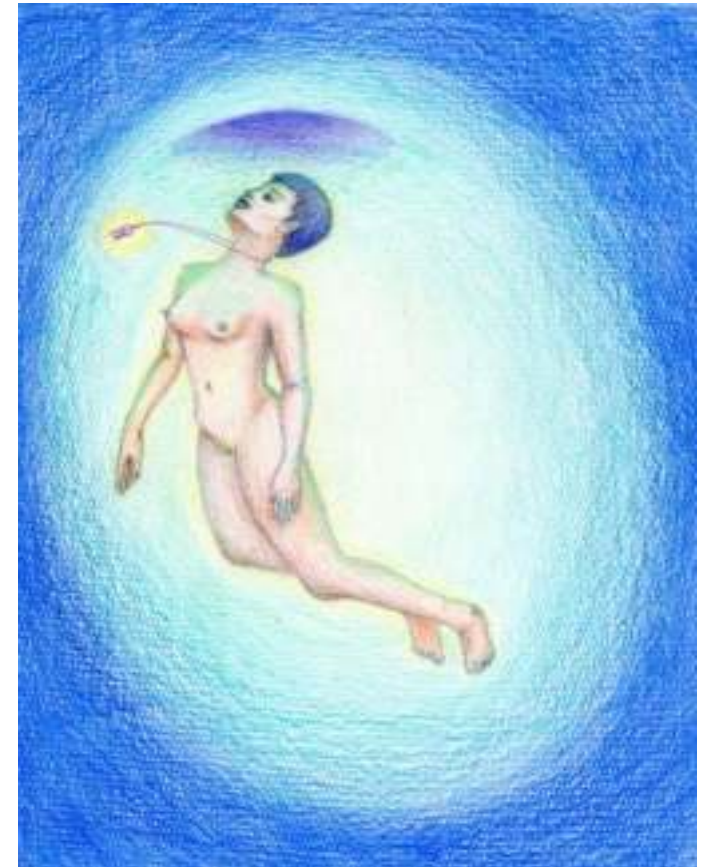
BLUMENTHAL



R
E
N
A
T
A

The Trip

Facing a possible big change arising from a trip, a lot of mixed feelings came through my mind. Opposites, possibilities, freedom. These guys really wanted to show up in the paper through the ink. Here are how they came up.



O
L
I
V
E
I
R
A

Wanting:

Sigil Magic is an efficient way to materialize a desire. Through the introjection within your subconscious of an abstract symbol - created by yourself and that means the thing that you want so bad - the mind starts to work harder on the materialization of the request. Some might call it spell, superstition, belief, crazyness... But in this work, we're simply talking about the infinite power of the human unconscious manifesting itself. In "Wanting", the girl's necklace shows a symbol of a request I made for me and that actually took place. Grant Morrison also addresses Sigil Magic in his work "The Invisibles", and here, with crayons and an ethereal palette of colors, I bring the magic method as a suggestion for the viewer.

Episodio depresivo grave con síntomas psicóticos
(EDGSP).

Mamá tiene unos ojos hermosos
cuando están rebalsando de Clonazepam,

Los párpados parecen ser la cosa más pesada del mundo...
Y los recuerdos se diluyen en dulces oleadas de amnesia.

Ahora sé que está bien...
Pues su sentido del humor sigue atrofiado.

Pero a veces las enfermedades y la mala memoria
Le hacen pedir permiso para sentarse
La hacen practicar esgrima con fantasmas terrenales.

He hecho algo malo –dice.
Y yo procedo a relatarle pesadillas ajenas.
Menos mal que sabe a qué estoy jugando
E intenta con ello salvarse.

Mamá tiene unos ojos hermosos
En ocasiones
Se parecen a los míos.

Rodrigo Maida

THE CLUSTER

The cluster of bones in the tree
and the stain glassed window
with stolen roses from hell;

I doubt the congregation knows it,
but heaven doesn't mind.

The annoying bullets of wind
in the antique light,
signal the boring rain.

The music doesn't stop for air,
not even to sleep mid-sentence,
carrying the newspapers
destined for the bonfire,
in the middle of the intersection.

It might be a stretch to complain
about the combustible pitch of silence
we've so cornered our hearts into,
unable to rest in our front yards.

It seems so normal now.
We use binoculars to read
and the floods to wash our cars.

It might be too much to ask people to change;
if only we could see the Serengeti snowing
the way my heart aches for you.

The Himalayan novel will end in New York City
the museums levitating,
the continents now boats of souls
destined for a better earth.

But it's still night here,
and the parking lot of the school
is dry and empty.



VIVIR PARA APRENDER, APRENDER PARA VIVIR

Un dilema reversible.

En la diferencia nos encontraremos, y donde haya aprendizaje nos comprenderemos.

Sandra Cid Sillero

INTRODUCCIÓN

Somos herencia, somos materia, somos lo innato y somos aprendizaje. Estos elementos perfilan nuestra esencia como seres humanos y crean involuntariamente nuestra propia versión de ser. Puesto que los tres primeros nos vienen dados, hablaremos del aprendizaje. Digamos que es el gran potencial de las personas.

El feto empieza a aprender en el momento en el que dispone de una estructura lo suficientemente consolidada como para poder interactuar con su entorno. Los últimos estudios apuntan a que esto sucede a los 4 meses de gestación. Efectivamente, somos víctimas activas e inconscientes del aprendizaje, ya que antes de que entre oxígeno por primera vez a través de nuestras fosas nasales y empezemos a utilizar nuestros pulmones, ya estamos aprendiendo. Es decir, mientras nos vamos formando en el vientre de nuestras madres, realmente nos estamos preparando para socializarnos, adaptarnos al medio y poder vivir en sociedad. Y es aquí donde aprendizaje y educación coexisten. El aprendizaje nace con la vida, y la educación va de la mano del aprendizaje. De esta forma, consideraremos el aprendizaje como algo personal, propio, íntimo y particular, mientras que la educación será, principalmente, algo colectivo, común, interactivo y social.

APRENDEMOS > CAMBIAMOS > PROGRESAMOS > APRENDEMOS

En el sentido más simplista, aprender significa aplicar una respuesta válida a un estímulo interno o externo con el objetivo de sobrevivir, mientras que en el sentido más amplio, aprender implica saciar la curiosidad de dudas existenciales. Como el sentido lo atribuimos las personas, he aquí un dilema reversible.

Existen personas que interpretan el paso del tiempo como una cuenta atrás, otras como una oportunidad para el crecimiento o como el camino de búsqueda hacia la felicidad y la realización. Ésto tiene mucho que ver con el aprendizaje, porque gracias a la educación, lo moral, lo social, lo político o lo cultural, las personas elegimos.

Hay personas que eligen no aprender. La psicología dice que el aprendizaje es una modificación relativamente permanente del comportamiento, resultado del ejercicio de la experiencia. Estas personas, que a pesar de la experiencia no han modificado su conducta a lo largo del tiempo, han nacido para sobrevivir, son supervivientes. Les atemoriza explorar lo más profundo del ser humano, es decir, la vida y la muerte, y reniegan del saber y del sentir. Deben aprender a aprender, o mejor aún, deben desaprender, porque en sus dogmas está la causa de su infelicidad.

Hoy la ciencia demuestra que las competencias emocionales explican la dificultad para aprender; por lo que las emociones negativas pueden dañar el aprendizaje e incapacitar el pensamiento. Aprender para sobrevivir ha sido el reto más primitivo que ha tenido el ser humano. En pleno siglo XXI, cuando se aprende exclusivamente para sobrevivir, se corre el riesgo de perder el interés por la vida como oportunidad para desarrollar al máximo la condición humana y, sobre todo, se corre el riesgo de caer en la obsolescencia intelectual, provocando un amenazante conflicto entre la persona y un mundo que avanza como nunca antes lo había hecho, en lo referido a tecnología e información.

Existen otras personas que han tomado la decisión de explorar dentro y fuera de sí mismas. Viven para aprender. Y en este pequeño matiz tan estrechamente ligado al aprendizaje, se haya el resquicio de la felicidad.

Se trata de personas que experimentan una transformación profunda y no solo un cambio de conducta. Eligen qué quieren aprender, qué necesitan aprender y qué vale la pena aprender. No encuentran tregua para saciar su curiosidad, se alimentan de la novedad, de la sorpresa, del conocimiento, contemplan sus vidas como la transición a través de diferentes paradigmas y conciben la magnitud del universo como su principal nutriente. La más mínima experiencia se convierte en una nueva oportunidad para el aprendizaje.

Gratitud es la palabra que mejor define el sentimiento de un aprendiz consciente que se deja seducir por nuevas ideas que modelan capítulos de su vida. Por ello, no podemos considerar una ciencia como un saber absoluto, y menos en el campo de la educación, porque la persona es fruto de la interacción entre diferentes elementos

físicos, orgánicos, emocionales, etc. Tratar de buscar respuestas desde una única ciencia o un área específica de conocimiento, es sesgar la esencia de lo que verdaderamente somos.

Así que, vivas para aprender o aprendas para vivir, no olvides que el común denominador siempre es el aprendizaje; esa cualidad tan particular del ser humano que le conecta con su medio y con lo que realmente es.



CREACIÓN

DE

La procesión se detenía, comía, descansaba, cazaba, moría, se reproducía y seguía. De un momento a otro, como si les hubiese caído un rayo invisible, los ancianos dejaban caer una rodilla sobre la tierra y miraban hacia adelante, luego hacia abajo, descubrían el sabor de la tierra, la oscuridad magra de las piedrecillas y raíces. Pequeños guijarros alcanzaban a moverse cuando el aire salía por completo de sus pulmones. Un hilo de baba caía de sus bocas y regaba la tierra siempre abierta a recibir los efluvios y las huellas, la sangre espesa, la lluvia, los tesoros, la espuma y las pulgas de mar que se robaba la arena, o los pies que se quería tragar, como los cadáveres fríos de un animal, los huesos olvidados, la carne, la deliciosa fauna que nacía de la muerte y emergía y se caía con una rodilla puesta en la tierra, después la cara, el pecho, los brazos, una última exhalación y los pequeños guijarros que se movían, que eran el último testigo de una vida que se apagaba. Los indios observaban, quizá le traían agua o efusión de hierbas. Lo tocaban, lo movían, le gritaban, comprendían. Alguien cerraba sus ojos porque le molestaba que estuviera mirando sin ver nada, porque pensaba que de pronto iba a mirarlo y a decirle algo. Uno le cerraba los ojos y se ponía a pensar. Creía, con fervor, que no debían dejar al viejo a merced de los zorros, ni de los Furtivos. Creía que debían cavar un hoyo y dejarlo adentro. Entonces enterraba las uñas en la tierra fresca y comenzaba a excavar sin decir nada, absorto en la tarea que se había impuesto. Los demás Viajantes lo miraban, él se detenía, los miraba, hacía gestos, apuntaba al muerto, seguía cavando, pensaba que debía estar bajo la tierra para que no se lo comieran los zorros. Porque quizá seguía sintiendo dolor; quizá sintiera las mascadas; el cuello ultrajado por los dientes y la sangre cayendo coagulada lentamente por los hombros. Quizá estuviera sintiendo, llorando sin lágrimas, en silencio, como lloraban los muertos algunas noches dentro del bosque de araucarias.

FUNERALES

LOS

Otro pensaba que debían enterrar al muerto para que naciera un árbol. Llegaba a la conclusión de que todos los árboles eran muertos enterrados. Creía que había más indios, como ellos, que ya habían caminado por esos lugares; que habían ido dejando sus muertos enterrados y de esos muertos habían nacido los bosques. Sin más ceremonias, ayudaba a cavar. Ya eran dos los que movían la tierra y enterraban las uñas. Pensaban en el viejo. Sentían una tristeza primitiva, una tristeza que era más parecida al morbo. El De Los Árboles creía que los árboles lo miraban, porque cuando los muertos se convertían en árbol seguían teniendo ojos por donde ver, orejas por donde escuchar, boca por donde hablar y piel para sentir. Seguía cavando. El De Los Zorros creía que el viejo seguía sintiendo bajo la tierra, pero que no podía moverse, que estaba dentro de una carcasa, que escuchaba todo lo que pasaba sobre él, que con el tiempo se iba volviendo más y más sabio, hasta que un día se daba cuenta de que estaba muerto, y ahí recién dejaba de existir.

De pronto un Viajante comienza a increpar a los excavadores. Les comandaba que se detuvieran. Él pensaba que debían quemar al viejo, como habían hecho con un niño que había muerto sacudiéndose. Los excavadores discutían con el Del Fuego, le decían que ese niño iba a seguir moviéndose bajo la tierra y que por eso lo habían quemado, pero que el viejo había muerto de cansancio, que había que enterrarlo para que no se lo comieran los zorros, porque seguía sintiendo, o para que creciera otro árbol y muriera como los árboles. El Del Fuego encendió una rama, se disponía a quemar al viejo. Los excavadores lo detenían, gritaban ¡Auk! ¡Kuné! ¡Kuné! ¡Auk!, pero él era grande y los golpeaba o los zamarreaba, los amenazaba con la rama llameante y acercaba el fuego a las ropas del viejo. Las mujeres lloraban dentro de una de las carpas. Todas las mujeres menos

una, la madre del hombre Del Fuego. Se acercó a su hijo y le gritó. Apuntaba al viejo con la palma de la mano extendida hacia arriba, seguía gritando, reprendiendo y dando palmadas a la cabeza de su hijo. Luego tomaba un puñado de tierra y lo echaba sobre la panza del viejo. El De Los Árboles y el De Los Lobos hacían lo mismo. Pronto el Del Fuego recogía un puñado de tierra y lo dejaba caer lentamente sobre los pies del anciano. El resto del clan hacía lo mismo. Uno a uno se acomodaban y echaban la tierra, y la tierra caía como en un reloj de arena sin fondo.

La anciana intentaba explicar: había que tapanlo con tierra para que no se lo comieran los zorros, pero no había que enterrarlo, ya que después no podría subir al cielo en forma de humo azul y fundirse con las demás nubes. Apuntaba al cielo y emitía sonidos. Decía que la voz, la mirada, la piel y los oídos del viejo iban a estar allá, con ese montón de nubes que viajaba plácidamente como los nenúfares de un lago quieto, pero que había que cuidar su cuerpo de los zorros cubriéndolo con la tierra que lo había traído al mundo.

Así fue como los viajeros por fin resolvieron el problema de los cadáveres. Desde ese entonces que el rastro de la procesión iba dejando pequeños montones de tierra a su paso. Cada montón de tierra era el cuerpo de un Viajante que no había podido caminar más en la forma humana y había tenido que metamorfosearse para seguir viajando, pero en forma de nube.

Un año más tarde, la anciana De Las Nubes también había tenido que cambiar su forma. Los indios habían dejado caer la tierra blanda sobre ella. El hombre Del Fuego fue el primero en sentir las gotas que cayeron del cielo esa misma tarde. Desde entonces, pensaban en los muertos cada vez que llovía.

ÁLEX

SALDÍAS



Gato Zombie-Damián Maseda

PAÍS

Farishtay Yamin

Me acuesto al lado de Ammi. Se mueve para ver mi cara, y empezamos juntas sus ejercicios de brazo—se lo hirió cuando se resbaló en el aguanieve. Las líneas ancianas de su rostro forman una media luna. Ella comienza, una vez más, a describirme su vida en Jaipur.

Describe a sus hermanas hermosas, la tierra rica con frutas de colores inimaginables. Ni para para pensar ni formular sus pensamientos; las palabras fluyen como el río Indus, tranquilas y resueltas. De repente, cambia su tono.

Ammi se mueve una vez más, sus ojos al cielo.

“Phir, aledgi ki baatein shuru hui”.

Entonces, comenzaron a hablar sobre la separación.

Mi padre era un oficial de alta posición en la policía, como mis tíos. Cuando empezaron los ataques entre los hindús y los musulmanes, él le enseñó a mi madre como disparar una pistola para que pudiera defender a sus hijas. Fue un tiempo oscuro. En pocos días, la sangre de la violencia permeaba la fábrica de la vida cotidiana. La matanza se convirtió en una cosa normal. Fue en este periodo que mi padre decidió mudar a la familia.

Nos dijo que no podía arriesgar la vida de su mujer y sus hijas, que no podía comprometer su honor. Nos dijo que tenía miedo. Nos dijo que Pakistán sería un refugio para los musulmanes que estaban sufriendo.

No nos dijo que tendríamos que dejar a nuestra familia, a nuestros tíos y primos y abuelos. No nos dijo que tendríamos que abandonar la casa que él, junto con mi madre, pasó su vida construyendo. No nos dijo que ya no tendríamos contacto con ninguna persona del otro lado de la frontera. No me dijo que no vería el país de mi juventud por los cuarenta años que seguirían.

La verdad es que Jaipur estaba más o menos fuera de peligro. La ciudad dentro de India con mayor violencia era Delhi, donde estaba estudiando tu abuelo. ¿Recuerdas cuando te mencionó las protestas?, ¿los disturbios? Protestó mucho, tu abuelo. Luchó para crear nuestro país.

Finalmente, llegó el día. Nos despedimos de nuestra familia y fuimos a la estación de tren—diez minutos tarde. El sudor hizo que mi ropa se pegara a mi piel. El tiempo no parecía moverse. Sabíamos que, en solo un momento, alguien nos podía atacar. Estar de pie en una estación significaba que estabas listo para morir por tus creencias. Un minuto pasó. Tres. Quince. Finalmente, nos embarcamos en el próximo tren. Forramos las ventanas con nuestras maletas como los otros pasajeros. Estoy rezando. Rezo por la duración del viaje. Rezo por la salud de mi familia, por la salud de cada persona atrapada en esta guerra. Rezo porque las frutas de Pakistán sean de colores inimaginables. Rezo por mi país. Rezo por Pakistán.

El tren que perdimos fue volado.

Cada persona adentro, muerta.

Es muy diferente aquí. No tengo que cubrirme tanto cuando salgo de la casa y no tengo que esconder mi identidad. El aire huele a esperanza.

Unos primos de mi padre están ayudándole en montar un negocio. Mi madre ha empezado a hablar de mi boda.

Guapa y de sólo quince años, educada pero no más de lo necesario, tengo muchas propuestas. Mi madre escoge un chico diez años mayor que yo. Me dice que es serio, que tiene mucho éxito en sus estudios, que sería buen compañero para mí. No tengo nada que decir.

El día de mi boda llega, rápidamente, silenciosamente. Hay poca pompa, pero no me importa. Mis padres fingen estar felices, pero sé que adentro, les duele la pérdida de su última hija. Llevo una gharara roja, adornada con lentejuelas doradas. La celebración es larga y aburrida. Cabeceo. Mi madre me da codazos.

Cuando llega la hora de partir, mi padre me toma a un lado y me dice unas palabras que no podría olvidar por el resto de mi vida.

“Envuélvete tanto en la vida de tu esposo que siempre sienta tu ausencia—que sea incapaz de vivir sin ti”.

Tengo tiempos malos y tiempos buenos. Estoy embarazada, y espero que sea un niño—mi suegra se enojará si es una niña. Yamin está estudiando en Inglaterra. No sé si estará aquí para el nacimiento de su primer hijo.

A veces la vida es difícil, pero no hay opción más allá de sobrevivir. Pienso en mi familia que todavía vive con miedo al otro lado de la frontera.

Pakistán es todo lo que nunca sabía que pudiera tener. Cada movimiento, mi liberación. Cada respiro, mi grito que estoy viva, que la sangre corriendo en mis venas es libre. No puedo irme de aquí. Esta es mi tierra, la tierra de mis hijos, y de sus hijos. Un día, haremos esta tierra fértil con nuestros huesos. Seremos parte de cada fruta y flor.

Tengo sueño. Un día, regresaré a mi país. Sentiré el aire florido entrar en mis pulmones.

Abrázame, Madre,

que no puedo vivir más sin la sombra de tus árboles.

El club de los hombres racionales

Desde hace ya algunos días, al final de la calle donde vivo se han instalado unos hombres que presumen de ser los adalides de la cordura. En un intento de reivindicar el sentido común, han decidido fundar lo que ellos llaman “El club de los hombres racionales”. Como consecuencia, se han desplazado hasta aquí un montón de señores que presumen de ser el paradigma de la lógica y han formado una hilera que ya da la vuelta a la manzana. Al enterarse el presidente, que es un hombre certero y parco en palabras, ha salido a la acera y, a partir del segundo de la fila, les ha dicho a todos los demás que el club no piensa admitir a nadie que esté dispuesto a esperar por algo que no sabe a ciencia cierta si merece o no la pena. Que eso no es cosa de hombres cuerdos, ni mucho menos de personas racionales. Así que, con la decepción lógica que produce el rechazo, pero con la extraordinaria capacidad de comprensión que da el pensamiento cabal, los señores que esperaban en la hilera han deshecho la fila y se han vuelto a sus casas. Tras ello, presidente y fundadores han mantenido la primera reunión del nuevo club, y han decidido que, en pro de la razón, lo más lógico en este caso es disolver la asociación y abandonarse a la locura.

Miguel Ángel Herranz Cano

El patio de vecinos

El peñón de Gibraltar es una mole rocosa, iluminada en la noche por un foco intenso desde la base, un foco que dibuja un círculo de luz en el cielo, como una falsa luna. Los ojos de los túneles están iluminados y el foco de luz está pintando otra luna en el cielo. El peñón está preñado de túneles.

José Luís vive en un patio de vecinos y en el verano, cuando las tardes son tan largas que el sol parece parar en su recorrido, todos salen al patio a hablar. Sacan cada uno su silla y comienza la reunión. Una de estas tardes, José Luis, contó que había hecho una excursión de varias horas por los túneles de Gibraltar. Dijo que unos son anchos y por ellos discurren carreteras, otros son medianos y tienen talladas ventanas en la roca. Dicen que para evitar la claustrofobia, ya que durante la Segunda Guerra Mundial los alemanes bombardearon repetidamente la pequeña ciudad de Gibraltar. Cuando se acercaban los aviones y sonaban las sirenas, la población corría en desbandada a los túneles y se sentaban allí a esperar que el bombardeo pasara. Pero también hay túneles estrechos con boquetes abocinados por los que entra una luz sepulcral, como de iglesia.

Cuando hubo acabado el relato, se inició un debate en el patio de vecinos. Y el viejo Pedro contó las reuniones de niños de los pueblo españoles, que corrían a la playa cuando oían los bombarderos y veían el humo y las bombas y el mar y la roca. De cómo un día, una ráfaga de metralla escapó de un avión alemán y dejó marcada con muecas y desconchones la pared en la que se apoyaban a mirar. Y otro vecino ofendido por el tono de diversión contó cómo se vivían los bombardeos desde dentro, desde los túneles, el llanto de los niños, el temblor de los padres y madres, el miedo en los ojos, el crujir de la roca, el olor de la pólvora. Su padre había sido alcalde de San Roque. Contó que tenía buenas ideas

políticas pero que era republicano. Antes, esto no podía decirse, dijo, pero tras la muerte del Generalísimo y con la llegada de la democracia las cosas habían cambiado. Ya no iba a callar más, su padre era republicano, lo dijo y lo repitió y punto. Y cuando saltó la Guerra Civil y llegaron las tropas franquistas, tuvieron que echar a correr por la carretera y atravesar los campos hasta llegar a la playa. Allí su padre cambió todo el dinero que tenían por una barca a motor. La noche era oscura y en el mar calmo hacía frío y reinaba un absoluto silencio, como si estuvieran suspendidos en la nada, como si un agujero negro los hubiera engullido. Las luces del peñón eran su faro y nunca los abandonó. Desembarcaron en tierra británica y allí vivieron bien por un tiempo, hasta que se encontraron con otro enemigo, con otra guerra, con los bombardeos de los alemanes y las ventanas talladas en los túneles.

La noche cae de golpe sobre el patio de vecinos y las sillas se van retirando. Los vecinos se despiden con un sombrío rencor en los ojos, con un chirriar agudo de dientes. El canto de los grillos enmudece la luna.

Alicia Ramos González

Sacrificio diario

Todos los días hago una cruz
con el cepillo de dientes
y la máquina de afeitar
mientras miro mi rostro
sin tiempo
en el río profundo
del espejo.

Todos los días
el desodorante endulza
los salmos escritos en mi piel
y me leo en griego y en latín
antes de decir Buenos Días en Castellano.

El enjuague bucal
no hace otra cosa que repetir
las lenguas sagradas
habladas en La Biblia.
La voz de Juan Bautista
retumba directamente
desde las cañerías
mientras me bautizo
yo mismo
en el nombre del padre que soy
y del hijo que tengo.

El Espíritu Santo
me cubre amorosamente
con colonia
para borrar el olor a pecado
de mis sueños profanos
en la noche anterior.

Preparo mi desayuno con las 30 monedas
que los Fariseos me pagan
por traicionar
al Maestro que hay en mí.

Soy Profesor
Todos los días enseño
con los brazos abiertos
y una corona de espinas
En la frente...

Emilio Barraza Durán

Felicidad

Es de madrugada
ver tus párpados
cerrados con
sueños acumulados.

Es sentir la vida
que se reserva
en tus labios
a modo de conserva
de almíbar.

Es nacer de nuevo,
ser infante, prepuber,
pollo que salió del huevo,
todo eso a tu lado,
sin ti, envejezco.

Lucía Pradillos Luque

Solitária

Vivo nesta ilha solitária,
Bem perto de lugar nenhum;
Vênus me visita às manhãs,
Barquinhos de papel às tardes,
Não há do que sentir falta,
Tenho em meu coração
Toda a vontade de morrer,
Aquela de que bem preciso
Para persistir em viver.

Brenda Bernsau

O “Homem Cordial” e as Raízes do Jeitinho Brasileiro

JOE NOREÑA

Há dois anos, eu cheguei na Amazônia, no estado de Pará, Brasil, para trabalhar como tradutor para uma ultramaratona. No primeiro dia, estávamos em uma comunidade indígena – de somente doze famílias – na Amazônia. Meu amigo brasileiro, Roberto (quem correu na ultramaratona), imediatamente conheceu as pessoas indígenas e eles falaram em português. Na ultramaratona, havia gente do mundo inteiro, mas todos os brasileiros falaram com os indígenas. Roberto (um paulista) e os indígenas estavam falando com cordialidade, dado que todo mundo já conheceu todo mundo. E depois de um jantar com os indígenas, Roberto me disse, “todos os brasileiros são amigos, e agora podemos dar jeitinho.” Roberto disse aos indígenas, “Nossa Senhora, preciso de fruta fresca para correr amanhã...” Logo depois estávamos comendo frutas frescas que eu não tinha visto antes. Então, eu tive sorte para observar o processo de um homem cordial usando o jeitinho brasileiro.

O jeitinho brasileiro pode ser entendido como uma situação em que se pode obter um resultado a um problema prático com inovação e cordialidade. Pessoalmente, o jeitinho brasileiro é o elemento que mais me atraiu à cultura brasileira. Todo mundo sabe o que é o jeitinho, mas a cordialidade dos brasileiros ainda permite o jeitinho acontecer. Era “O Homem Cordial” que verdadeiramente me ensinou sobre o jeitinho brasileiro e nunca esquecerei daquele momento. Na explicação do homem cordial, o Sérgio Buarque, explica a cordialidade que é a origem do jeitinho brasileiro.

Raízes do Brasil, um livro célebre da intelectualidade brasileira, foi escrito pelo grande autor e filósofo brasileiro, Sérgio Buarque de Holanda. No capítulo do livro “O Homem Cordial,” Buarque explica a cordialidade que exista entre todos os brasileiros. Nesta explicação, Buarque escreve sobre uma característica única dos brasileiros, e seguinte, ele perfeitamente elucida as origens do jeitinho brasileiro. Esta conexão de cordialidade e o jeitinho brasileiro é bem importante para entender como o jeitinho brasileiro funciona hoje em dia. A influência do Sérgio Buarque na cultura e filosofia brasileira fica claro no capítulo “O Homem Cordial” porque estabelece o fundamento do jeitinho brasileiro. O jeitinho se manifesta em grande parte das ações dos brasileiros, e subsequentemente o jeitinho ajuda a definir o coração da cultura brasileira.

Sérgio Buarque de Holanda (quem não deve ser confundido com seu filho, o artista famoso Chico Buarque) nasceu em

São Paulo a 11 de julho de 1902 durante a República Velha do Brasil. Era uma época bem tensa no Brasil porque a maioria da riqueza estava nas mãos de poucas pessoas ricas. As políticas ‘café com leite’ tinham concentrado a liderança política nos poderosos de São Paulo (produtor de café) e Minas Gerais (produtor de leite). Contudo, em 1930, o grande Getúlio Vargas ganhou poder e começou a República Nova, uma época que formou a sistema atual de políticas brasileiras. Então, o Sérgio Buarque vivia aquelas épocas como um escritor e um homem que tentava entender a cultura brasileira. Em verdade, foi uma época perfeita para Buarque porque ele escrevia sobre as origens da cultura brasileira na mesma época em que muitos aspectos da cultura brasileira de hoje nasceram. Depois do começo da República Nova (e no tempo quando Sérgio Buarque escrevia muitos trabalhos), a cultura brasileira foi uma cultura de *todos* os brasileiros e não só os ricos.

A carreira literária de Buarque começou quando sua família se mudou ao Rio de Janeiro em 1921. Sérgio Buarque participou no Movimento Modernista de 1922 e continuou seus estudos até 1925, quando se bacharelou em Direito pela Universidade do Brasil*. Ele trabalhava como escritor no estado de Espírito Santo e no Rio. Viajou a Europa, fez reportagens pelo Brasil inteiro, e em 1936 ele ingressou como professor-assistente de história moderna e contemporânea na Universidade do Distrito Federal. Naquele ano mesmo (1936), o Sérgio Buarque lançou o grande livro, *Raízes do Brasil*. Este livro “tor-nou-se obra-chave de interpretação do país por identificar uma informalidade descompromissada com a ética, incompatível com a vivência democrática.”**

Raízes do Brasil cobre tópicos diversos em muitos capítulos. O livro começa com uma discussão da história e herança geográficas e culturais do Brasil. Outros capítulos descrevem problemas econômicos, problemas políticos, e a diferença entre as pessoas urbanas e as pessoas rurais. Finalmente, o livro fecha com um capítulo intitulado “Nossa Revolução” que fala sobre as mudanças e oportunidades na vida política e na vida social no Brasil. De qualquer jeito, o capítulo mais significativo – em minha humilde opinião – é o capítulo “O Homem Cordial.” Este capítulo mostra o comando do Sérgio Buarque sobre os sujeitos de história, filosofia, e sociologia (entre outros).

“O Homem Cordial,” além de tudo, manifesta que o Sérgio Buarque é um filósofo verdadeiro. O capítulo começa com uma discussão da ordem familiar e para fazê-la, Sérgio Buarque faz uma referência a Sófocles. Mais especificamente, faz uma

* Roschel, Renato. “Sérgio Buarque de Holanda.” *Almanaque Autores*, UOL. Web. 19 de abril 2014. <http://almanaque.folha.uol.com.br/sergiobuarque.htm>.

** Pilagallo, Oscar. “O jeitinho do homem cordial.” *História Viva*, UOL. Web. 19 de abril 2014. <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/ojeitinhodohomemcordial.html>.

referência ao conto de *Antígona*. Para o Sérgio Buarque, “O conflito entre Antígona e Creon é de todas as épocas e preserva-se sua ve-emência ainda em nossos dias” (204).* Na peça *Antígona*, Antígona tenta fazer um enterro próprio para seu irmão Polynices. Polynices não pode ter um enterro próprio porque ele é um traidor ao Estado; contudo, Antígona sobrepõe sua lealdade ao seu irmão à sua lealdade ao Estado. O Sérgio Buarque discute que esta ideia é vital para uma sociedade boa. “Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar profundamente a estrutura da sociedade” (204). Seguinte, Buarque escreve sobre a mudança na sociedade que afeita a importância de “a lei geral.” A “inquietação de nossos dias” (204) é o moderno sistema industrial que, “separando os empregadores e empregados nos processos de manufatura...suprimiu a atmosfera de intimidade que reinava entre uns e outros e estimulou os antagonismos de classe” (205). Ele argumenta que este sistema está quebrando as relações sociais e a ordem familiar.

Próximo, Buarque deslocaliza a discussão ao Brasil, onde ele reconhece os efeitos de modernização. Ele diz que, no Brasil, “o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização... ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje” (211). Contudo, Buarque escreve que os brasileiros, mais do que outros, podem aliviar estes problemas da sociedade moderna. Por que? Porque “a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o ‘homem cordial’” (213). Esta referência do ‘homem cordial’ é ao escritor brasileiro Ribeiro Couto quem disse que a cordialidade seria a contribuição latina a sociedade.² O Sérgio Buarque define a cordialidade como “a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam” (214). Estas características, entre outras, definem o brasileiro. Entretanto, isto não significa necessariamente polidez; de fato, “nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário

* Todos as referencias a páginas são do livro: Buarque de Holanda, Sérgio. “Raízes do Brasil.” *Livraria José Olympio Editora*. Rio de Janeiro. 2o edição, 1948.

da polidez" (215). Esta forma de convívio social "pode iludir na aparência" que o homem cordial pode ser cordial sem polidez. Mas para Buarque, isso não é necessariamente uma coisa ruim. "A polidez é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade" (215).

Esta aversão à polidez e à vida social comum existe porque uma vida social com regras e polidez não permite pessoas ser completamente cordiais. Por exemplo, os brasileiros reconhecem reverência perante um superior, mas somente no contexto de cordialidade. "Nosso temperamento admite fórmulas de reverência, e até de bom grado, mas quase somente enquanto não suprimam de todo a possibilidade de convívio mais familiar" (216-217). Portanto, a "inquietação social de nossos dias" que o Sérgio Buarque menciona no começo de "O Homem Cordial" pode ser aliviado pela cordialidade. A cordialidade dá uma vida social de familiaridade onde todos convivem com todos os outros.

Seguinte, para mostrar

mais a ideia de familiaridade, Buarque escreve sobre o uso da terminação "-inho." Para Buarque, a terminação diminutiva "serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo" (217). Também Buarque menciona "a omissão do nome de família no tratamento social" (218) que é globalmente popular por causa dos futebolistas brasileiros como Pelé, Ronaldo, Neymar, etc. Os aspectos linguísticos do homem cordial são muito importantes para entender a cordialidade.

Então, da discussão da vida social à discussão dos aspectos linguísticos, o Sérgio Buarque ilustra quem é "O Homem Cordial." Mas, nestas explicações do homem cordial, Buarque também ilustra o jeitinho brasileiro. O homem cordial é exatamente a pessoa que usaria o jeitinho e o jeitinho não é possível sem cordialidade. Numa vida de cordialidade, cada pessoa usa seus relacionamentos para conseguir qualquer coisa; e o jeitinho brasileiro é uma maneira de usar pessoas ou ideias para contor-

nar regras e barreiras. Com cordialidade, o brasileiro pode evitar o jogo de regras rígidas. Exatamente como o homem cordial não gosta da vida social com polidez e reverência, o homem cordial não gosta das limitações em conseguir alguma coisa.

Para os brasileiros, dar um jeitinho é uma ação respeitada porque significa que sempre os brasileiros podem dar um outro jeito para que eles evitem problemas. Buarque escreve, "(O homem cordial) é livre, pois, para se abandonar a todo o repertório de ideias, gestos, e formas que encontre em seu caminho, assimilando-os frequentemente sem maiores dificuldades" (224). No mesmo contexto, o jeitinho deixa o brasileiro livre para superar todos os problemas.

Um exemplo perfeito do homem cordial e o jeitinho fica no fim do capítulo. O Sérgio Buarque explica uma situação que ainda está aplicável hoje em dia: o catolicismo. O Brasil tem tido (e ainda tem) mais católicos do que todos os outros países do mundo; contudo, o catolicismo brasileiro não é catolicismo mesmo. Buarque fala sobre a visita de Auguste de Saint-Hilaire a São Paulo pela semana santa de 1822. Saint-Hilai-

re reconta a visita, "Os homens... participam apenas por hábito, e o povo comparece como se fosse a um folguedo" (223). Buarque também exhibe contos brasileiros que mostram como os brasileiros têm seu catolicismo próprio: "Os que assistiram às festas do Senhor Bom Jesus de Pirapora, em São Paulo, conhecem a história do Cristo que desce do altar para sambar com o povo" (220). Então, a maioria dos brasileiros são católicos, mas a cordialidade dos brasileiros permite os brasileiros dar um jeito e ter um catolicismo verdadeiramente brasileiro. O mundo sabe o Brasil como um país católico, mas os brasileiros ainda podem dar jeitinho para praticar seu próprio catolicismo sem desrespeito a religião.

Sérgio Buarque influenciou a cultura do Brasil bastante. Hoje em dia, ele é uma figura significativa na história social dos brasileiros. Talvez ele não tenha tido em mente a ideia do jeitinho brasileiro, mas no capítulo "O Homem Cordial," Buarque explicou os fundamentos do jeitinho brasileiro no contexto da cordialidade. E com aquela explicação, lhe deu ao mundo uma parte da cultura brasileira excepcional - e, com certeza, a fez com cordialidade.



Foto: Gualberto García

Interpretación

Ya no estoy
para sentirme abandonada.
Fui a ensayar
la otra parte del mutismo.
Fui a decirle a Freud que tuve un sueño
donde asesinaba girasoles.
Él está dormido y no me escucha
no me dice que un girasol sobre la cama
es una alerta
sobre mi abuelo
un arrullo
y sobre el pasto nacional
una acumulación
un desperdicio
una naturaleza muerta y no un paisaje.
Mi abuelo todavía sueña con árboles
que escogen la forma de su cuerpo.

Él también está dormido.
No entiende
que un árbol es toda una familia,
una transición de rostros inéditos.
En mi sueño solo mueren girasoles
no florestas
no ciudades
no monumentos
no símbolos.
Transito por cuatro caminos semejantes.
Ya sin prisa
vuelvo a preguntar a Freud
por mis visiones.
Él se despierta y me dice
que ya no está para sentirse abandonado
que fue a entender
por qué entierra en su jardín
tan diminutos cuerpos.

Historias de familia

Temí, con desazón, que esa furgoneta con un ataúd atado a la baca con una correa fuese el coche fúnebre de mi dignísimo y augusto abuelo. Descendía, como alma que lleva el diablo, destartalándose a cada metro, por la Cuesta de la Caridad. Por desgracia, no me equivoqué. Frenó a escasos centímetros de mis canillas desnudas de quinceañero. Enormes manchas de sudor cubrían los monos mugrientos de los dos especímenes que se bajaron de la infausta pompa fúnebre. A modo de saludo, sacudieron mi delicada mano de escolar urbano y el cuerpecillo que iba unido a ella. El abuelo siempre nos contaba que un carruaje lustroso tirado por cuatro corceles negros y conducido por un cochero con levita había llevado al tatarabuelo, en su último viaje, desde esta misma casa al cementerio de Los Olivos. Que todo el pueblo se quedó boquiabierto. Y que esperaba tener un final como aquél. Al menos nunca podrá tener queja por no dejar también boquiabiertos a los pueblerinos. Por un momento pensé en preguntar la razón por la que mi abuelo, el ilustre General, no había sido traído del hospital en un vehículo apropiado y digno para el caso. Desistí. Nada en claro ni ninguna verdad iba a sacar de estos merluzos. Les azucé para que se apresurasen a bajar el ataúd y a entrarlo en la casa antes de que mi augusta abuela viera ese desaguisado. Como si de una caja de melones se tratase, cargaron al abuelo hasta el interior de la casona familiar. La fatalidad quiso que uno de los mozos tropezara y el ataúd surcase los aires hasta caer a los pies de mi abuela, quien esperaba con porte regio, junto con todo el servicio perfectamente uniformado y alineado, la llegada del féretro. La tapa de la caja saltó descuajeringada, dejando a la vista a Doña Sacristana, dentadura postiza incluida. Se había escapado de su boca por el porrazo y descansaba, tan tiesa como su dueña, sobre su traje negro de encaje. Volví instintivamente la mirada hacia mi abuela, esperando su colérica reacción. Ésta no tardó en llegar y la misma no me decepcionó un ápice. Los golpes de su bastón cayeron como las diez plagas de Egipto, asolando todo lo que encontraban en su camino. No sólo recibieron bastonazos los zopencos de la funeraria sino también algunas de las sirvientas. Por el

mero hecho de serlo, supongo yo. Sin embargo, nunca olvidaré la sonrisa complaciente que se dibujó en la cara de la abuela un instante antes de emprenderla a bastonazos con los allí presentes. La escena acabó con uno de los característicos vahídos de la abuela Fernanda, eso sí, después de haber repartido golpes e improperios por igual a todo bicho viviente, como acabo de contar. Por lo visto, la buena de Doña Sacristana había fallecido también esa mañana y los iluminados de la funeraria habían cargado con el primer cuerpo que encontraron en la morgue, llevando a casa de los Benítez a la abuela de los Rodríguez y viceversa. Según cuentan las malas lenguas, Rosarillo Rodríguez, que nunca tuvo muchas luces, se lanzó a la calle gritando “¡milagro, milagro!” cuando destaparon el féretro de su madre para velarla, pensando que debía haber resucitado si era mi abuelo quien estaba en el ataúd. El entierro del General, gracias a Dios y a todos los santos, transcurrió sin mayores contratiempos y con la solemnidad debida. Esa noche nos fuimos todos a la cama sin cenar siguiendo instrucciones de la abuela Fernanda. “Si el General no cena, nosotros tampoco; al menos esta noche”. No obstante la pena que me apesadumbraba por la pérdida del abuelo, no pude evitar deslizarme en la cocina en mitad de la noche para contentar a mi estómago adolescente. Nada encontré en la nevera que me apeteciese llevarme a la boca. Rebusqué en la despensa hasta dar con una caja, en una esquina, que llamó mi atención. ¡Estaba repleta de buñuelos! Me los zampé todos de una sentada. De vuelta a la cama, un terrible dolor de barriga me asaltó sin miramientos. Aguanté hasta el amanecer sin avisar a nadie. Pensaba que me llevaría una buena si despertaba a mis padres por una indigestión de buñuelos con el abuelo casi de cuerpo presente. Con los primeros rayos de sol entrando por la ventana, me decidí a llamar pidiendo ayuda. Fue demasiado tarde. Oí, en una especie de nebulosa, primero voces y luego gritos. “Tiene los labios morados, como el abuelo”. Luego vi, ya entre tinieblas, a Don Fermín, el médico, negar repetidas veces con la cabeza y a mi madre llorar sin consuelo. Finalmente, por un momento, observé desde lo alto, la habitación donde solo quedábamos la abuela Fernanda, Don Fermín y yo. La abuela me cerró los ojos y le entregó a Don Fermín un buen puñado de joyas que éste cogió con avidez. Así hubiese quedado todo, conmigo muerto y enterrado a mis quince años por una indigestión de buñuelos, si la avaricia de Don Fermín no le hubiese llevado a chantajear a la abuela pidiéndole más dinero y joyas a cambio

Alan era solo un niño

de salvaguardar su secreto. No me enteré bien cómo, ya que desde aquí no es fácil, pero por uno o por otro la historia llegó a oídos de la Guardia Civil, acabando el infame Don Fermín entre rejas y la abuela Fernanda arrojándose desde el campanario de la iglesia que la vio bautizarse y casarse. Cualquiera cosa antes que verse vilipendiada por los pueblerinos, ávidos siempre de carnaza. ¿La historia? Como mi recelosa abuela intuía, el viejo General y Doña Sacristana mantenían un romance desde hacía muchos años. Decidida a confirmar sus sospechas, regaló a Doña Sacristana unos buñuelos, dulce favorito del abuelo. Los buñuelos estaban rellenos de crema, chocolate y nata, pero fueron aderezados con unas gotitas de cianuro que el farmacéutico, hijo de Don Fermín, le había proporcionado a la abuela Fernanda muy gustosamente. En caso de que las dudas de la abuela fueran infundadas, el viejo General seguiría a su lado vivito y coleando aunque la pobre Doña Sacristana moriría envenenada para pena de la familia Rodrigañez y alegría de mi retorcida abuela que, en cualquier caso, no podía ver a Doña Sacristana desde sus años de juventud. Para desgracia del abuelo, su devota esposa estaba en lo cierto. Y para la mía, Doña Sacristana insistió en que la abuela Fernanda se llevase de vuelta a casa la mitad de los buñuelos por ser muchos para ella sola, sin que a la abuela se le ocurriera otra cosa que guardarlos en la despensa, como todos sabéis. Imagino que ya le había cogido el gustillo a eso de tomarse la justicia por su mano.

Enrique Barrera Gómez

A la orilla ha traído el agua un cuerpo de diamante,
una espesa bondad de naturaleza sobrevenida,
un niño con su inofensiva lógica impermeable,
una entonación deshumanizante...
Pero en la lejanía todos callan,
en los metros se diluyen las lágrimas
que brotan de tus hermanos,
que son mis hermanos.

Hermanos que lloran en otro idioma,
el idioma de los hijos de dios,
los legítimos herederos de toda redención
que se ven obligados a lanzarse a la mar
sin la fluvial dignidad humana,
huyendo de los diablos que disparaban,
de los que con muerte provocaron
el éxodo de Alan que embarcaba
a la urbana costa deshumanizada,
al espejismo mediterráneo que al tacto
revela ausencia de cerebro en todo cráneo.

Desterrado homínido que dice ser humano
redímete de tu esencia, llora por tus hermanos!

Guillermo Rodríguez

Verano mediterráneo

L
O
R
I

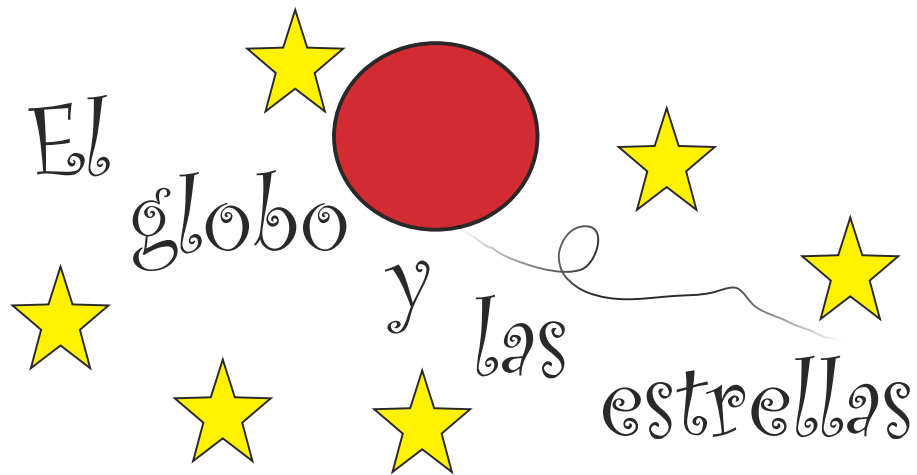
C
A
T
A
N
N
A
R
O



Chiaroscuro I (Roma)



Chiaroscuro II (Alicante)



Andrea había tenido un mal día. Uno de esos días en que nada termina de salir bien y las cosas se tuercen por todos lados. Se levantó después de no haber dormido bien, dando vueltas en la cama y reacomodando la espalda y el cuello para tratar de remediarlo. El café supo raro (no mal, pero no bien). De camino al trabajo un coche casi se la lleva por delante en un descuido y, aunque no pasó nada, se llevó un buen susto y una buena mancha en una de sus camisas preferidas (del salpicón que causó el charco en la carretera por el que paso encima el puto coche que casi la atropella). Pero bueno, ¡son cosas que pasan! En el trabajo tenía cosas atrasadas, y parecía que los dioses de la oficina se habían propuesto precisamente hoy ponerle retos de dimensión hercúlea, más que nada por la paciencia que uno tiene que desarrollar para reprimir las ganas de mandar todo a la mierda de vez en cuando. A todo esto colaboraba un par de nuevos compañeros que, a pesar de su buena voluntad, eran unos auténticos ineptos y, por qué no decirlo, algo ignorantes (de ese tipo de ignorante peligroso que no es consciente de lo ignorante que es), lo cual le hacía ir aún más lenta en sus proyectos. Lunch break: La salsa de la ensalada sabía también rara, parecía algo pasada (joder, que casualidad). Al menos hoy dejó el trabajo pronto y pudo salir para casa a tratar de dejar la frustración

atrás y hacer algo de ejercicio. Una cena calentita, y ver un episodio de esa nueva serie que vio la semana pasada y le habían recomendado varios amigos y no se acordaba del nombre. En el camino a casa se encontró con Luisa, que justo había perdido a sus padres de forma inesperada. Que bajón. Y encima no lo estaba llevando bien. Andrea se sintió algo culpable de “no ser mejor amiga” y “estar allí para ella” de una forma más eficaz, pero la verdad es que no sabía cómo hacerlo mejor. Acercándose a su casa, y así de repente, se encontró que alguien se había olvidado un globo en una de las mesas del bar que hacia esquina. Ahí, atado a una silla, sin más. Y además no había ni un alma en el bar. ¿Así que por qué no llevárselo? Andrea desató el globo con facilidad. Un globo bien grande, de un color verde suave, pero no chillón. Al llegar al último cruce antes de llegar a su barriada, esperando el cambio de color del semáforo, estaba una mamá hablando en su móvil (bastante alto, de una forma bastante desagradable y, para colmo, de estupideces) con su hijo de unos 5 años cogido de la mano. Andrea llegó al cruce, y el crío le dedicó una mirada ciertamente sencilla, inocente y tierna, como solo ellos pueden hacer. Una mirada del tipo “Hola, espero que seas muy feliz” que salen solo del corazón. Andrea le dijo “¿te gustan los globos?” Y entonces el chaval la miró mientras una sonrisa empezaba a asomar en su cara..... y por un instante Andrea vio en sus ojos todas las estrellas que caben en la imaginación de un niño. Y fue así que el día cambió totalmente de rumbo.

Damián Maseda

TRANSGRESIONES EN EL ARTE SEGÚN JULIUS: Generalidades

El arte siempre ha sido distinguido como una de las posibilidades de expresión y liberación del ser humano. Muchas veces el medio utilizado es la infracción (ya sea de un canon o tabú) que lleva a la obra a un estado de liberación, controversia y máxima expresión. A esta infracción, Anthony Julius lo denomina como transgresión o “el nombre dado a las peores ofensas y a cualquier tipo de ofensa”. Además, puntualiza la capacidad de estas ofensas tanto de ordenar como de desordenar y revertir las cosas a su estado original. En resumidas cuentas, nos dice que entre los significados esenciales para este concepto están: la negación de una verdad absoluta; lo que cuestionaría el sentido del orden, de orden y reversión; la infracción

y violación de cánones, principios y tabúes; y la ofensa en sí, para la cual le atribuye un papel casi protagonista al público. Digamos que el arte transgresor es un plato que se sirve frío y que supone malestar y herir la sensibilidad: una provocación.

En su primer capítulo, Julius elabora acerca de las definiciones esenciales para lo que es transgresor como de sus implicaciones y defensas. Antes de exponer las defensas, me parece conveniente explicar la función de las mismas de manera general. Recordemos que la obligación, si es que se puede llamar así, del arte es la comprensión de nosotros mismos y de cosas que van más allá, lo que convierte al arte en una disciplina sumamente subjetiva (aunque puede haber casos en los que el

“El público, como críticos de la obra, tiene una reacción hacia la acción del artista, formando parte de la transgresión, aunque no la hayan cometido.”

artista busque que el espectador establezca empatía o tenga una visión de lo que es su mundo). Esto es justamente lo que buscan las defensas: la eliminación de la subjetividad; la transición de los roles perturbadores a roles comunes; la protección y, sobre todo, la explicación. Julius también nos dice que las defensas caracterizan tanto a las propias obras como al espectador. Esto lo podríamos interpretar como un tipo de relación o “juego” de acción-reacción. El público, como críticos de la obra, tiene una reacción hacia la acción del artista, formando parte de la transgresión, aunque no la hayan cometido. Podríamos llamarla una coexistencia, tal vez no tan armónica en algunos casos, entre dos

vertientes que resultan imprescindibles para que la transgresión sea, en efecto, una transgresión.

La primera defensa que expone Julius es la de alejamiento. Ésta establece que las obras causan un impacto (ya sea positivo o negativo) y que invitan al espectador a descolonizarse de la realidad cotidiana. El arte estaría ejerciendo la función de un maestro; abriendo nuevas puertas a una misma realidad. De esta manera, apunta Julius, “[...] la principal tesis es que el arte enseña. El arte existe para dar una lección, y este objetivo básico justifica que cause un impacto y perturbe” [...] “Atenta contra el sentido común. Es perturbador”. Esta defensa se trata principalmente del ala radical y liberadora del arte. Incluso motiva a futuras transgresiones partiendo del elemento pedagógico de arte y cómo es necesaria la ruptura de ciertos límites para aprender a conocernos nosotros mismos o percatarnos de lo que es invisible a nuestra vista. Claro, Julius es muy claro diciendo que estas lecciones y revelaciones de la verdad podrían herir o causar

dolor. Algo que realmente no tiene tanta relevancia comparado con lo que es el objetivo concreto de una obra. El arte estaría desempeñándose como un medio; el dolor o cualquier otro tipo de reacción como el proceso; y la verdad como su único fin.

El segundo lugar le corresponde a la defensa del formalismo. Esta defensa no es tan ruda como la del alejamiento, pues se limita a la pureza de la forma (estética) de una obra. Se estipula que toda obra tiene su propia forma y de igual manera los géneros. Defiende las diferentes causas de la forma y Julius la puntualiza diciéndonos que: "La defensa formalista propone que todas las obras de arte deben considerarse libres en ese aspecto". De la misma manera, nos menciona las tres versiones comunes del formalismo, que son: la crítica a sus propiedades y formas; el formalismo como término de rechazo a obras de arte que no siguen un ilusionismo académico; y al uso del término como defensa. Esta última se refiere a los defensores cuando en la obra yace cierto contenido o material provocativo que hiere o indigna al público; la mayoría de las veces por falta de decoro. Podríamos decir que el formalis-

mo se limita exclusivamente a la apreciación de una obra de arte en sus formas más puras y no le permite el paso a la indignación a causa de su contenido.

La última defensa es la canónica. La misma busca apaciguar de alguna forma el impacto que causa una obra usando de referencia obras de arte pasadas. Julius nos dice: "En contraste con la defensa formalista, no desprecia el impacto; en contraste con la defensa del alejamiento, tampoco lo busca activamente". Es una relación remota, pero, a la vez, no tan remota entre obras pasadas y posteriores; un diálogo. Todo está basado en la historia o génesis que sirve de inspiración para la creación. El arte radical o transgresor toma tiempo ser aceptado y la defensa canónica busca, no la aceptación, sino establecer una coherencia y consciencia entre la obra y el tiempo en el que es presentada.

Julius también establece tres tipologías dentro del arte transgresor que se destacan principalmente desde el período moderno: arte que va en contra del mismo arte; el arte que sobrepasa tabúes; y el arte que desafía al poder (Estado). Con el primer

"El arte radical o transgresor toma tiempo ser aceptado y la defensa canónica busca, no la aceptación, sino establecer una coherencia y consciencia entre la obra y el tiempo en el que es presentada."

punto, Julius se refiere a todo tipo de regla o canon dentro de las convenciones pictóricas que son transgredidas; la innovación, la interrogación y la reflexión. Por otro lado, las obras de arte que violentan los tabúes pueden afectar o indignar al espectador de manera muy directa, ya que el tabú implica una preservación de lo que debe ser.

Probablemente todos tengamos una visión muy generalizada del tabú, en donde lo limitamos a una simple restricción o acceso a algo impuro. Por otro lado, Sigmund Freud, en su obra *Tótem y tabú*, nos dice que los tabúes no tienen una génesis ni poseen fundamento. Incluso hace una muy interesante analogía en la que menciona como el tabú asume una postura imperialista que nos somete de forma natural a estos límites que, como mencioné anteriormente, se desconoce de sus

orígenes. Haciendo un listado de tres nociones dentro del tabú que son: el carácter puro e impuro de algo; las prohibiciones naturales; y la impurificación que implica la transgresión del mismo (tabú). Ahora bien, la violación de un tabú, al igual que la de un tótem, tiene como consecuencia un castigo. Pero, ¿cuál sería un castigo al artista por infringir, más allá de una ley, un tabú? ¿Se podría considerar de mayor gravedad una infracción a un tabú que a una ley?

Digamos que el tótem que tenemos como sociedad es el tabú en sí; y que, más allá del arte, si se violenta contra estos tabúes, los transgresores serán eventualmente condenados. Freud nos otorga el beneficio de la duda en cuanto al génesis del tabú, pero me atrevería a decir que, aunque no sepamos exactamente de donde provienen, definitivamente los tabúes están ahí para mediar a la sociedad, ya sea a través de leyes o de las mismas instituciones sociales. Podríamos pensar incluso que los tabúes fueron inventados por individuos que pretendían nublar la verdad y negar el derecho natural de ser libres en pensar y crear, de dejarlo saber de lo que escapa.

Paola Cintrón



**MI CORAZÓN ES UNA PISCINA
FUERA DE TEMPORADA**

Mi corazón es una piscina
fuera de temporada,
con hojitas avergonzadas que hacen el amor,
renacuajos en eclosión,
caldo verde
y bacterias fermentando a sus anchas.
Nunca fue tan productiva la tristeza
como en esta balsa residual
bajo la lona.

Mi corazón, ajuar licuado de espacio tiempo;
espera, todavía no metas los pies,
que duele en la esquina

un poco.



Ilustraciones de Clara Mengolini

“El pecado mortal” de Silvina Ocampo

Un exiguo chiflón hizo volar tu pelo suelto y cerrar tus párpados. Te alejaste de la cerradura, pero la voz de Chango resonó con imperiosa y dulce obscenidad: “Muñeca, mira, mira”. Volviste a mirar. Un aliento de animal se filtró por la puerta, no era ya el aire de una ventana abierta en el cuarto contiguo. Qué pena siento al pensar que lo horrible imita lo hermoso. Como tú y Chango a través de esa puerta, Píramo y Tisbe se hablaban amorosamente a través de un muro.

Un día no sentían ya el frío de la tarde sobre los brazos desnudos. Parados en el borde de una ventana del tercer piso, dieron un salto glorioso



“Los funambuleros” de Silvina Ocampo

y envueltos en un saludo cayeron aplastados contra las baldosas del patio. Clodomira, que estaba planchando en el cuarto de al lado, vio el gesto maravilloso y sintió, con una sonrisa, que de todas las ventanas se asomaban millones de gritos y de brazos aplaudiendo, pero siguió planchando. Se acordó de su primera angustia en el circo. Ahora estaba acostumbrada a esas cosas.



(IN)SEGURIDADES

Hoy me pides que me muestre inquebrantable. Que marque un camino que nos lleve a un destino prefijado. Que tome correctas y fundadas decisiones. Que te guíe, brújula en mano, hacia un especie de tierra prometida. Podría engañarte, vida mía, calzarme el casco de hojalata y cual Quijote desquiciado llevarte de la mano en busca de gigantes ilusiones. Podría fingir que tengo la certeza de saber a donde voy. Podría engañarte sutilmente, disfrazarme de príncipe azulado, y montarte a lomos de un utópico caballo. Podría hacer esto y mil cosas más para enredarte, para tenerte entre mis sábanas mil noches si quisiera. Para desnudarte lentamente a mi antojo, susurrarte al oído mil mentiras de machito fanfarrón, y cual brujo apasionado trasladarte a momentos de apariencia formidable.

Sin embargo, estoy seguro que con el tiempo comenzarías a ver que el decidido aventurero no era más que un insignificante chantajista. Te darías cuenta que las manijas de la brújula estuvieron siempre estancadas en la misma posición, y que la tierra prometida no era más que un inmenso océano de dudas sin más visión que la de un lejanísimo horizonte celeste. Descubrirías entonces a un patético marinero, a un exiguo timador, a un penoso trilero. Y entonces, aquellas noches embrujadas, aquel ladino caballo, aquel destino cuidadosamente estudiado comenzarían a perder

sentido. Se desdibujarían ante tus ojos como un cuadro modernista, se escaparían entre tus dedos como la fina arena de la playa. Estoy seguro que sería entonces cuando tu mirada cambiaría. Tus ojos, hasta ese momento siempre iluminados, se tornarían grises y apagados. Mirarías con desprecio al brujo destapado. Lamentarías tu desdicha, y ofendida, volarías lejos de mi en busca del próximo impostor, ese, que esta vez si, surcarse los mares hacia un puerto predeterminado en el que poder atracar. Yo, descubierto, tendría que volver a rearmarme, crearme otra vez mi propio cuento, disfrazarme de bufón y recitárselo meloso a la siguiente jovencita dispuesta a dejarse embaucar. Y vuelta empezar. La historia de nunca acabar.

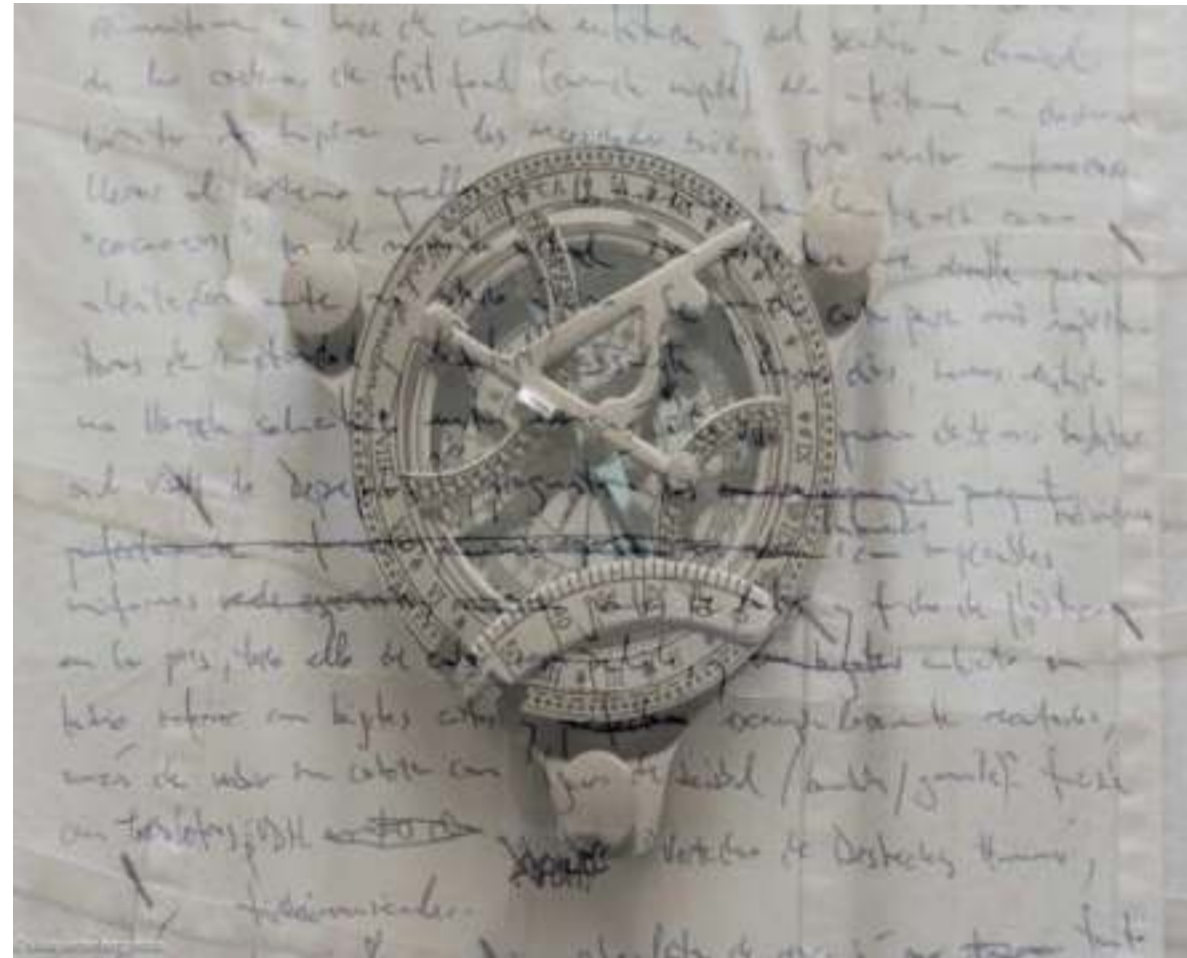
Pero esta vez quiero que sepas cariño mío, que yo me bajo del caballo. Entrego mi cuchillo aventurero, mi astrolabio marinero. Como a ti, nadie me entregó un mapa detallado que me ayudase a dirigir mis pasos en esta disparatada correría. Por fin disfruto pensando que probablemente esté profundamente equivocado, que todo lo que hago quizás no tenga sentido. Me entrego a la total incertidumbre, al pleno desatino. Lo acepto hasta sus últimas consecuencias. Quizás me taches de chiflado, pero si buscabas la sinceri-

dad plena, aquí la tienes servida en bandeja de plata. Me quito la careta de carnaval, el disfraz de superhéroe, ese que siempre me vino dos tallas grande, ese que siempre queda tan ridículo se lo ponga quien se lo ponga.

Puede que no lo entiendas. Puede que sigas empecinada en encontrar a ese hombre que te guíe con firmeza a un lugar extraordinario. Puede que sigas evadiendo tu responsabilidad existencial. Entendería que así fuera pues es la norma establecida. Sin embargo, quizás encuentre un resquicio en tu mente, una rendija por la que colar mi pensamiento. Puede que así comprendas que nada tiene sentido, que todo esto no es más que un conjunto de caprichosas casualidades. Quizás entiendas que no hay propósito alguno en la aventura verdadera, que los mejores viajes se hacen sin guía, y que paradójicamente el que menos busca es a veces el que más encuentra.

Si así fuera, quizás por un momento vislumbrarías que sólo en el caos se encuentra la armonía, el equilibrio momentáneo, la mar en calma a la espera de la próxima marejada. Entonces intuirías que solo los más virtuosos son capaces de aceptar su insignificancia dentro de la vorágine y que son los mas ineptos los que se empecinan en domar a la fiera más salvaje. Curiosamente los primeros, más cabales y sensatos son tachados de indecisos. Los segundos, más obtusos y obcecados son tildados de seguros. Pero dime vida mía, ¿No resultaría absurdo intentar cruzar el océano montado sobre una barcaza sin remos? ¿No te parecería insensato abrirse paso en la selva con un cuchillo de madera? ¿No es la confianza un tanto atrevida? De nuevo puede que esté equivocado en todo lo que digo y que esto no sea mas que otro absurdo disparate. Sin embargo, te invito a que te lances al vacío, a que te dejes golpear por la corriente. Quizás nos arrastre por los mismos vericuetos, lo mismo nos separa a mitad camino. A lo mejor llegamos juntos a algún puerto, quizás nos ahoguemos con el primer aguacero. Eso nadie lo sabe. Pero de eso se trata, de abrazar la completa incertidumbre, aquella reservada para los verdaderos valientes. Sólo así podremos disfrutar plenamente de este sinsentido. De eso, vida mía, estoy completamente (in)seguro.

Carlos Benitez Barrera



Brújula: Silvia Plettenberg

¿Y los 43?

Dicen que faltan 43 en Guerrero,
en Michoacán ya se perdió la cuenta,
y la suma sigue, sigue que aumenta,
¿dónde esta la justicia, justiciero?

Yo dejé de contar una y otra muerte:
quemados, ahorcados o desaparecidos.
Trauma social que afectará aun a los no nacidos,
y todo lo que pasa lo dejamos a Dios y a la suerte.

Somos todo el pueblo y no somos nada
este gobierno nos da una y otra tanteada.
En Sinaloa, Jalisco, Morelos siguen atropellos,
y aquí los más jodidos son todos los plebeyos.

¿Dónde estarán los 43 de Guerrero?
¿dónde estarán aquellos del 68?
¿dónde está Marcos y los Guerrilleros?
Este poema esta incompleto, mocho.

No son sólo 43, son miles y millones
los que se han desaparecido hasta ahora.
Y otros muchos y tantos montones
los que mueren en México cada hora.

?

¿

Se pide a Dios que estén todavía en vida,
que en vida sus familiares están muriendo.
La nación esta nerviosa y muy conmovida
y sus pobladores se preguntan qué es lo que
está triste y amargamente sucediendo.

Yo estoy de pasada y tengo sentimientos,
y sufro al ver estos tantos sufrimientos.
Y si el gobierno no nos puede ayudar,
¿a quién nos tendremos ahora que encomendar?
Y si el gobierno no nos puede salvar,
¿será a la ONU a la que tendremos que avisar?

Luis Bejines

?

¿

FECHA DE ANIVERSARIO

Reinventas el día, ese de hojas y viento,
de calles que arrastraban algo más que unas fechas;
una cálida ciudad inesperadamente
herida de candor por el invierno
como hería la luna nuestros ojos.
Cientos de coches imprecisos como
la hora del primer café compartido,
de pronto, una voz me fue transportando
-igual que si saliera de la radio-,
sellada en la certeza de su cuerpo.
Y vino un pájaro con su plumaje,
con su gesto incansable, luz del alba,
ojos como acuarela derramada,
y se detuvo en una oscura esquina,
allí se posarían sus deseos,
de donde no sabrá
ni cómo ni cuándo partir.
Más tarde, bien sobrepasado el día,
regresa con su capa de pan de oro la noche
roza la luna llena de tus labios;
serán cicatrices que sostengan
una ciudad entera con sus manos,
los brazos como puentes alargados,
la piel como la verdadera piel,
y todas las estaciones sin nombre,
apenas emuladas por el frío,
ancladas a la orilla firme de tu presencia.

JESÚS CÁRDENAS

La tierra de nadie

Mi patria es el silencio
donde duermen mitos y adioses
los aullidos de Guatavita y Bakatá
aún muerden mis párpados
y las balas acompañan
el grito del cóndor
porque soy el hilo negro del reloj
y una cordillera que destila sed para las mordazas
bailan las venas de mi patria
una cumbia infinita en el río Magdalena
mi bandera está enferma
y fue tejida por secos mártires
que ofrendaron su frente a la tierra
el olvido danza un rojo mapalé sobre el mercurio
que vistió a los patriarcas en el río Cauca
mientras mis madres lloran cascadas de café
rasgando el viento que angustiado nos visita
soy de la misma raza del sol
aquella que mambea coca y danza con el humo
en un ritual a nuestros contagiados dioses

mi patria es amarilla como esta nostalgia
que deja sus agujas en mi garganta
y en la chicha me bebo el gemido de los caciques
ellos han dejado el canto para estos montes
donde he nacido tantas veces
es la tierra de nadie
y he venido a morir con ella.

Manuel Felipe

Me iré desnuda

Cuando me vaya
no llevaré las copas ni el vino
ni aquellos muebles pesados que debiliten mi andar.
Me iré sin nada.
Tomaré por si hace falta aquella tarde de domingo plena de felicidad.
Cuando me vaya
no me llevaré la estufa que me recuerde eternamente mi antiguo roll de
mujer
ni el anillo aquel con el que compraste mi libertad
y ni siquiera la promesa del viaje a Paris que nunca me cumpliste
Iré liviana.
Bailando un vals de mariposas,
emancipada como el viento
repartiendo a manos llenas la luz de mi amanecer.
Cuando vaya
dejaré el televisor que me atormenta con noticias nefastas a cada instante
y la cama
y los platos
y también aquel amado sillón



Lo que nunca muere-Damián Maseda

Me llevaré, eso sí, tu silencio
para que no se apague en mi travesía el canto de la noche
Cuando me vaya, me iré vacía
saltando en la madrugada como niña jugando a la rayuela
acariciando con mis manos zalameras las flores del camino.
Cuando me vaya no llevaré los libros
ni los remotos lugares hasta donde me han llevado
ni los trapos acumulados por años de sordidez.
Iré desnuda.
Cubriendo mis vergüenzas con el ocre que desviste al otoño.
Acompañada de una sinfonía de cigarras.
Iré volando, alto muy alto
junto a aquella piara de halcones peregrinos que me guiará hasta
Dios.

Minelys Sánchez

Madre terra

Permettími, madre terra
di appartenerti nell'anima
che tutta la mia linfa vitale
si perda nel tuo essere

Che le roccie dell sentiero
siano i miei nuovi atomi
e che si disperdano allegramente
per i tuoi campi eterici

Lascia che la tua dolce pianura
Accarezzi questo corpo
penetrando nei miei pori
per diventare purezza

Fà che la brezza del mattino
si confonda con il mio alito
che impari le parole
che devo cantare al mondo

Infiamma il mio spirito
con quell fuoco sacro
che sorge dal tuo interiore
e si trasmuta le mie energie

Antonia Russo

Antonia Russo

*Voglio colmare la mia anima
con le luci dell'arcobaleno
affinchè si sciogla
in sottile polvere di stelle*

*Voglio seppellire le mie mani
nella tua mite sabbia
affinchè accarezzino
il tuo recondito interiore*

*Voglio dimenticare questa pena
Versandola nel vuoto
per rappersersi
nelle tue pietre ataviche*

*Voglio sommergere questo corpo
nelle tue acque tiepide
per fare il bagno con le scintille
delle vecchie aurore*

Aurore

una orilla para soñar

*A stranger on the riverbank,
like the river...water
binds me to your name.
Mahmoud Darwish, "Who Am I, Without Exile?"*

bajo el árido sol del este
bostezaba la ilusión en cada párpado
dejando lejanas huellas del secreto café.

de musgo y niebla hoy la humana ribera
vuelve a celebrar el sueño viajero
que no ha conseguido todavía.
el sueño de llegar.

llegar a ser la luna
imborrable entre fronteras de arena
cruzadas por barcas y niños de sal
sin suelas. sin rostros.

entre una ola y otra las caligrafías
mudas languidecenww en la azul muerte
cuando más cerca entona la anhelada sinfonía.



Lesbos gime la misma tragedia de ayer.
hacinada en la imposible crónica grita,
el más allá grita sus infinitos ataúdes:

“¡aquí están los huesos con vista al mar!”

todas víctimas de ortografías otras
héroes todos a bordo para soñar.
el sueño de partir.

aquí también amanece
tu inédita historia...

Khédija Gadhoun



**Aire sin sombra
Frío azul
Calor oscuro
Silencio sin luz.**

La noche y el día en Puerto Maldonado

Juan Luis Rod.

**Secretos guardados
Silencios velados
Susurros callados
Rumores cercanos
Misterios dormidos
Senderos pisados
Anhelos logrados.**



EL árbol que quería quedarse desnudo

Érase una vez un árbol,
En el magnífico medio de un huerto.
El árbol salió de la tierra, pequeñito brote verde y muy frágil hasta confundirse con las hierbas. Por su curiosidad sin par, quiso saber todo en su primer día de nacimiento. Miró inmediatamente al mundo que lo rodea, las flores que se abren por la mañana y se cierran por la noche, los pájaros que cantaban saltando de ramo a ramo, el campesino que venía cada mañana a coger las frutas de los árboles, las hierbas que ondulaban bajo la caricia de los vientos.
¡Ah! Ese mundo le parecía tan magnífico. Inmediatamente tuvo muchísimas ganas de participar en esa increíble belleza; de encontrar su lugar en esa grandísima armonía.
Pasó un año y habiendo crecido, se convirtió en un pequeñito ramo que lleva algunos tallos. Se dio cuenta de que ya no era una brizna de hierba como lo había creído, sino un árbol, y se puso a observar más cuidadosamente a sus mayores.
Los halló tan grandes, tan magníficamente cubiertos de sus hojas y de sus flores;
Estuvo tan maravillado de ver todas esas flores transformarse en frutas;
Estuvo tan sorprendido por el favor, el cuidado y la atención que a aquellos árboles mayores prestaba aquel campesino;
Al volver a mirarse a sí mismo, se dio cuenta de que su corteza no se parecía de nada a las cortezas de los demás árboles; que sus ramos no tenían la misma forma que los suyos.
En ese instante, tuvo miedo. Miedo de no ser tan grande, miedo de no ser tan bello, miedo de no tener tantas frutas; tuvo

(cuento desde la África de mis ancestros)

miedo a que los demás "amigos" árboles (manzanos, perales, ciruelas, etc.) no aceptaran su diferencia; y decidió ya no dejar crecer ni hojas, ni flores, ni frutas.
Así es como los años pasaron y a cada primavera su tronco se ensanchaba, se alargaba; nuevos ramos se producían, pero sin hojas, ni flores, ni frutas.
Para no quedarse desnudo frente a los otros árboles, se dejó cubrir por una hiedra, por una enredadera y por manojos de muérdago: ignorando la que podía ser su singularidad en ese sistema, se dejó cubrir por una belleza que no era suya.
El campesino muchas veces decidió cortarlo para transformarlo en leña pero siempre aplazaba esa tarea, por estar demasiado ocupado. Una mañana sin embargo, vino armado de una gran hacha y empezó por cortar la hiedra que rodeaba aquel árbol. Había tanta hiedra que le tomó todo el día cortarla, y una vez más, se aplazó la tala del árbol. La misma noche, un pequeño gusano parásito infligió una picadura a la enredadera y esta se murió el día siguiente, los pájaros vinieron a comerse el muérdago.
Al árbol en medio de ese huerto no le quedaba más que un tronco y ramos desnudos. No quedaba más que el árbol en el medio del huerto.
Al darse cuenta de su desnudez, e ignorando que podía usar para cubrirse, decidió dejar que en sus ramas crecieran hojas, hermosísimas hojas, de un color verde muy fino, y dejó aparecer al final de cada rama magníficas flores blancas las cuales contrastaban increíblemente con el marrón de las ramas y el verde de las hojas.

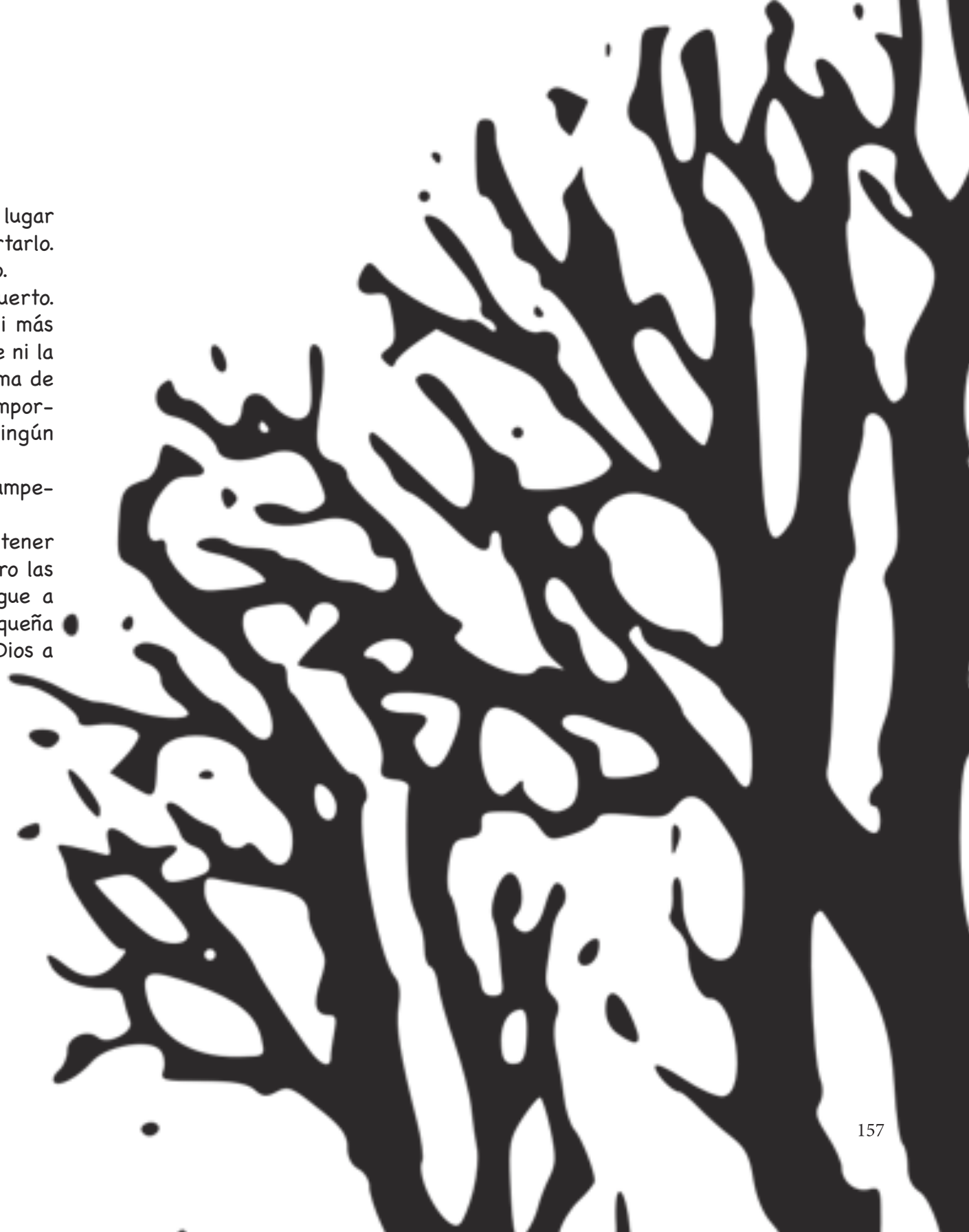
El campesino llegó otro día con su hacha y encontró en el lugar de un tronco inútil un magnífico cerezo, y decidió no cortarlo. Lo dejó vivo, muy contento del milagro que había ocurrido.

Desde aquel día, el árbol vive alegre, en medio de ese huerto. No es como los otros árboles; es decir ni es más bello, ni más grande, pero tan útil como todos ellos. En fin, entendió que ni la textura de la corteza, ni la forma de las ramas, ni la forma de las hojas, ni siquiera el color de las flores tienen tanta importancia: lo más importante eran las frutas que daba y que ningún otro árbol era capaz de dar.

Cada año, durante las buenas temporadas, los hijos del campesino vienen muy alegres a saborear sus frutas.

Desde aquel día, el árbol entendió que nunca uno debe tener miedo de las frutas que uno puede dar, porque ningún otro las podrá dar en su lugar. Y que cada vez que uno se niegue a darlas, le faltara algo al mundo. Y que cada fruta, por pequeña que resulte, permitirá engrandecer la Vida y el Amor de Dios a nuestro favor.

Cheikh Sene



No

hay

Juan Peñaloza

Salí del anonimato ese que solía ser;
(o más bien el silencio de prosa que acostumbré)
Y no hay por qué.

Le perdí el amor a babearme con las palabras;
o no, (no debe ser) eso nunca es.
Amaba estrangular imágenes, matices, colores intentando
embellecer.

No hay por qué apalabrar las cosas nunca dichas
o acomodar mi penumbra en un papel.
No hay por qué matar un momento para hacerlo persistir,
reír, vivir.

Tal vez por eso volví,
por la amenaza de su recuerdo, que sabe,
que huele, que escucha, que mira (vívido, en sepia).

por

qué

Es un recuerdo de sonrisas, un café y mil anécdotas,
un vino, una playa en la noche que dibujé,
las caricias con canciones que quedamos por devolver.

Aprendí tu cercanía tal cual nunca volvería a ver;
mientras acordes atachaban emoción
que subconscientemente mil veces visualicé.

De la oscuridad de esa noche, con bolígrafo en mano al
resurgir, plasmaría un recuerdo en papel, aunque este nunca
fue.

L A B E S T I A

Mariano Contrera

Por segunda vez en lo que va de noche, llora. Lo hace por desesperación, por temor, ya que siente una presencia extraña acechando. No es que haya visto algo, ni que haya oído ruidos extraños. Quizás fue algún espejismo sensorial, tal vez no era nada, pero creyó percibir que algo extraño había allí. Era como sentirse observado, como si alguien estuviera en aquel rincón oscuro de la habitación, entre el ropero y la pared, donde no da la luz del velador, viéndolo, estudiándolo. Como cuando era niño y sentía miedo a la obscuridad, miedo no a lo oscuro en sí, sino a que allí hubiera alguna persona al acecho, un animal salvaje o una bestia desconocida, nunca antes vista, un animal antediluviano y ojalá mitológico. Sentía que lo seguían con la mirada en su departamento, un dos ambientes que daba al pulmón de un edificio antiguo, de cuatro o cinco pisos solamente, ni ascensor ni cochera. Estaba ahora viviendo en un barrio tranquilo de la ciudad de Posadas, Misiones. Se había mudado tanto escapando de aquel sentimiento que ya ni sabía dónde estaba, se le confundían las calles de provincia, los rostros y los barrios, todos parecían iguales. Encendía todas las luces a pesar de ser temprano en la tarde, intentaba librarse de las miradas, de aquellos ojos, estaba solo pero igual los sentía. No era la penumbra en sí el problema, aún con las más fuertes lámparas que pudo encontrar seguía sintiéndose perseguido por alguien, como si hubiera una cámara oculta que lo filmaba todo el tiempo.

Salía a caminar con cualquier excusa y evitaba estar en su casa siempre que fuera posible, pero en la calle el problema continuaba. No era paranoico, no es que veía gente persiguiéndolo ni que imaginaba que lo acechaban, era la sensación que él sentía. Sentía la energía de las miradas sobre él, sobre su cuello, penetrando su piel.

Era anciano, tendría cerca de sesenta, no era pelado pero su escaso cabello rubio se había encanecido y debilitado hasta el punto de ser una fina pelusa. Gruesos anteojos y un prolijo bigote, flaco, y algo encorvado. Estaba analizando cruzar la frontera y mudarse a Brasil, después de todo no variaba mucho, él apenas hablaba el idioma español, y el portugués sería casi lo mismo para él.

No llevaba mucho con él, solo una valija. Estaba acostumbrado a escapar de sus miedos, de sus persecutores, de su enemigo. Años de recuerdos, de servicio, de reconocimiento, todo... toda su vida cabía en una valija. Cobraba la jubilación en euros, solo necesitaba su tarjeta del banco y su documento.

Esa mañana de verano el calor era insoportable en el norte, sobre todo para él que provenía de un país frío de Europa. Salió a caminar, a distraerse, pero las miradas en la nuca no cesaban. No podía evitar mirar constantemente sobre sus hombros, temiendo que alguien lo siguiera, que algún arma lo apuntara desde algún edificio. Se metió en un bar, pasó al baño y salió por la puerta de atrás que daba a un callejón de tierra. Intentaba despistar a la bestia que lo perseguía. Llegó hasta la costanera y bordeó el río buscando en el agua la

paz que le hacía falta, la tranquilidad del sonido de las olas. Siguió hasta un pequeño muelle de pescadores y fue hasta el final del mismo, esperando no ser encontrado, pero esa máquina incesante lo vio, le cerró el camino y lo arrinconó contra las maderas resacas de la baranda.

Era un animal salvaje, una fiera, un soldado entrenado para matar, o quizás todos juntos, ese animal estaba en su cabeza, y era la culpa. Los ojos que lo seguían eran los cientos, los miles que había asesinado en aquel campo de concentración de Polonia. Sacó su Beretta reglamentaria del ejército alemán, y se quitó la vida. Su cuerpo cayó al agua y se lo llevó la corriente.

No pudieron identificarlo nunca, nadie encontró su cuerpo, jamás fue juzgado por sus crímenes de guerra, solo la incansable bestia de la culpa pudo atraparlo.



BORDERLINE

Nací en un desierto, debajo del nivel del mar
púrpura y calva. La maestra de tercero
me hizo dibujar el mismo árbol siete veces.
Mis compañeros de clase escondieron
un conjunto de lápices de Care Bears
bajo mi escritorio. Me llamaron mentirosa y ladrona.
Mi mejor amiga era tan fea que evité la parte del beso.
A los 37 años todo el mundo es consciente
de mi locura y creo saber el por qué.
Llamada telefónica de larga distancia con mi madre:
Recuerda que estás vieja y no has hecho
nada con tú vida. No te cases, sólo ten un bebé,
te vas a arrepentir por el resto de tu vida si no lo haces.
Si la brujería funciona, tengo que felicitar
a mi primer novio machista. Nuestros cuatro años
terminaron con una maldición:
ella no va a ser ni para el diablo ni para ningún hombre.

ARS

POÉTICA

El invierno pasado tomé la decisión de dedicar
el resto de mi frenética y libertina vida a la poesía.
Por mis poemas este verano viajé a una patética
conferencia sobre poesía en Italia, y acabé con mis ahorros
A veces puedo reemplazar escribir poemas
por mi consolador, me toma no más de diez minutos.
Luego vuelvo a leer y escribir poesía
y no hay nada romántico sobre mí.
Al igual cuando mi madre me dice: mírate la cara de desquiciada.
Madre te encuentras a miles de millas de distancia
mientras más lejos estás, más cerca estoy
de mi poesía y de lo que queda de mi persona.
Universidades americanas rechazaron mis poemas,
y ahora escribo con agallas y con todo mi corazón.
Nací en la frontera norte de México y tengo acento,
pero escribo en inglés y mi pasaporte es azul oscuro.

VIVIAN

SANCBRAJ

EL PONCHADOR

Las dos menos cuarto de la tarde, el tapón imposible, insoponible, inescapable. A esta hora no se supone que haya tapón. ¿Por qué no cogí por la avenida Campo Rico? Bueno que me pase si nunca cojo por aquí y me da con hacerlo precisamente hoy. Las dos y diez. ¿Qué pasa con esa maldita luz? ¡Muévanse! No voy a llegar. Quizá, si hubiera salido un poco antes... La verdad es que no había aparecido nadie que se quedara un rato con el nene y no quería traerlo por la influenza esa, que anda regada por todos lados. Ahí llevan siempre muchos niños enfermos. ¡Qué remedio! Las dos y diez. ¡Bravo! Conseguí parking rápido. Seguro que algo sale mal. No es posible que tenga tanta suerte. Ya llegué, pero no hay fila. ¡Qué raro! Nunca he entendido eso de que hagan a uno venir a hacer turno para sacar una cita para venir otro día a hacer turno para que lo atiendan. No tiene sentido. Paciencia. "Hola. Vengo a sacar una cita", digo, casi sin aliento. "No es aquí, señora, se mudaron para un edificio al lado de Monte Hatillo. Es fácil, no se puede perder. Váyase rápido porque cierran a las tres". "Gracias". ¡Carajo!

No, si es que estas cosas no me pasan más que a mí. Hoy que vengo a las millas resulta que mudaron el WIC. ¡Hay que joderse! Las dos y veinticinco. Bueno, creo que es en éste sólo a la izquierda. Deja ver si esta doña me deja pasar. "Gracias". Todavía quedan algunas personas decentes en este mundo. Ajá, aquí tiene que ser. Sí, ahí está el letrero. Por lo menos, me queda media hora. No hay nadie esperando. ¡Esto pinta mal! ¿Qué hago? ¿Me siento o cojo un turno, aunque no haya nadie más? Eso suena medio pendejo, pero quién sabe. Ah, bien, ya me llaman. "Hola. Vengo a sacar una cita", digo, otra vez. "Sí, la compañera la atiende. Entre por esa puerta y pase a la primera oficina a la derecha". "Gracias". Bueno, ésta es la primera oficina a la derecha, así que aquí tiene que ser. Sí, ahí

está la señora. "Buenas tardes. La última vez que recogí los cheques me dijeron que viniera a pedir una cita de seguimiento para traer al nene", explico. "¿Cómo se llama?", pregunta, con indiferencia. Momento de confusión. "¿El nene o yo?", pregunto, insegura. "El nene". "Ah, Eduardo Rosa Pérez". El nene. Solo por él soy capaz de pasar por este martirio todos los meses. Las dos y cuarenta. ¿Para cuándo me dará la cita? Ojalá no sea ni martes ni jueves. ¿Qué tanto hace esta mujer? ¿Pasará algo? "Permiso. Quisiera decirle que ya no estoy dándole el pecho al nene porque no me sale la leche", digo, con timidez. "No se preocupe, le daremos más fórmula". ¡Qué alivio! Esa condenada fórmula vale un montón y el nene se bebe una lata en par de días y ya no me queda ni para una toma. Cuando salga de aquí, tengo que correr para el supermercado. ¿Esta señora va a seguir escribiendo en esa computadora? "Ya está. Vaya donde la muchacha del frente para que le dé los cheques. Ya los mandé a imprimir". "¿Y la cita?", pregunto, confundida. "No le toca cita sino cheques". "Pero me habían dicho antes...". "No le toca cita todavía", responde, con hastío, mientras se levanta de su silla, como diciéndome 'vete ya y no jodas más'. Me levanto. Doy las gracias y ni me contesta. Trato de salir por donde entré, pero me pierdo porque hay muchas puertas iguales. ¡Ay, Dios! "Es por allá", dice otra empleada, sin mirarme. Se ve que aquí la gente ama su trabajo.

Las dos y cuarenta de la tarde. Me acerco a la empleada del mostrador principal y le repito lo que me acaba de decir la otra señora. Se mira con otra empleada, quien se pinta las uñas distraídamente, como si no fuera con ella. Ambas parecen no entender lo que les digo; mejor dicho, parece como si

las hubiera ofendido. Noto que las dos tienen sus carteras sobre los hombros. En eso, entra un guardia de seguridad y empieza a apagar las luces, como si yo no estuviera allí, como si fuera invisible. Me asusto un poco. "El ponchador está guardado", me dice la primera empleada. La miro confundida. Ahora soy yo quien no entiende. "¡Que el ponchador está guardado!", dice, subiendo la voz, como si pensara que soy sorda. La de las uñas se compadece de mí y me explica. "Para que pueda usar los cheques hay que poncharlos y el ponchador ya está guardado. ¿Puede volver el lunes?". La cabeza me da vueltas como los caballitos de las fiestas patronales. ¿El lunes? ¿En serio? ¿Habrá una cámara escondida en algún lado?

No digo nada aunque sé que hay algo que decir. Acepto regresar el lunes con un leve gesto de cabeza. Ambas me sonríen con aprobación, como a una niña obediente que ha hecho lo que se espera de ella, mansita. Salgo de la oficina con las manos temblorosas, el pecho apretado y algo que me come por dentro: ¿será rabia su nombre? Miro a lo que me espera: el reloj, el tapón y el viernes. Me subo a mi carro y, cuando doy la vuelta, el guardia de seguridad me dice adiós con la mano. Le devuelvo el saludo.

Sylma García González



Pilar Vega-Despavorida

Pilar Vega

Prefijos



Delimitar



Desdibujar

Descubriendo

a

Louis

Anthony J. Ríos

Esa noche fue iluminada por las luces de los restaurantes y los bares de la calle. Era una noche fría, misteriosa y sin rumbo: no sabíamos adónde ir. Estábamos visitando a algunos amigos en Nueva Orleans durante nuestras vacaciones en el invierno de 1921. Nuestros compañeros eran fanáticos de un tipo de música nueva que se llamaba jazz—un gran éxito en Nueva Orleans. Pasamos por frente de muchas tabernas y cantinas oyendo música que salía de todos lados de la calle Bourbon, pero no podíamos decidir a cuál club queríamos entrar. Un bar pequeño llamado Bombay tenía un ambiente especial y anunciaba a los músicos de la noche—Joe Oliver, Kid Ory y otro músico desconocido, Louis Armstrong.

Todavía no sé la razón por la cual entramos a Bombay. Los otros clubs de jazz eran más grandes, tenían más gente y eran más conocidos. Esta fue una decisión impulsiva de la cual nunca me olvidaré. Nos sentamos en una mesita de madera con humo de cigarrillos circulando alrededor. Pedimos bebidas y la banda de jazz empezó a tocar, e, inmediatamente, supimos que estábamos escuchando algo revolucionariamente especial. La combinación de un piano errático y enfático, un bajo fresco y tenso, un saxofón sabroso y relajado, unos tambores melodiosos y ligeros y una trompeta clara y elegante formó una armonía espectacular. Oímos la música como si fuera un idioma extraño pero al mismo tiempo un idioma universal—el dialecto del alma.

Después de unos tragos y conversaciones oscuras, fue difícil distinguir el mundo real y el mundo creado por el jazz. Aunque cada músico tocaba su instrumento con pasión y con su propio sabor y personalidad, el joven tocando la trompeta fue mi favorito. “Satchmo” tenía largos interludios de improvisación y estaba inventando nuevas melodías, ritmos y sonidos en tonos brillantes y llamativos. También era cantante con una voz ronca y única, y a veces improvisaba con vocales. Esa noche, hablé con fanáticos del trompetista y me dijeron la historia de Louis Armstrong: nació a una familia pobre y problemática pero pudo escapar de una vida de crimen y violencia gracias a su trompeta y carisma. Supe que Armstrong podía llegar a ser uno de los mejores trompetistas en el mundo musical.

Salí de Bombay un poco ebrio y completamente sumergido en la música de jazz y la trompeta de oro. Nunca olvidaré mi noche en Nueva Orleans con mis amigos y Armstrong.





Hacia la salvación

Damián Andreñuk

Yamila,
cuando intente seducirte la codicia
con hábiles anzuelos transparentes,
cuando exhales la tristeza desde tu corazón
en medio de una charla cotidiana,
cuando te encuentres abrumada por las inconsistencias
de toda realidad
y combatas a una diosa siempre hambrienta
y sus lúgubres acechos para deshabitarte,
cuando quizá bajo tus pasos decididos
los puentes del amor hacia la salvación
de pronto sin motivo se derrumben,
cuando el mar y su extensión y su prodigio
valgan menos que tus manos
tus sueños o tus lágrimas,
cuando veas en el declive de tu rostro
un *presagio sigiloso*
del más definitivo exilio,
cuando te hierva una inocencia desahuciada
allá en el fondo más oscuro de tu sangre
y quizá sientas con ardor desesperado
las lóbregas llamadas del suicidio
invitándote a borrar tus cicatrices;
no blandas ni empuñes ni enaltezcas
el *pérfido puñal* que esgrime la avaricia,
no deteriores tu vastísima comarca,
ojalá nunca te canses de ser niña
entre *cuervos y tigres y palomas.*

Para conocer Cuba:

los talleres literarios

¿Se puede construir al escritor? Una pregunta que tiene por respuesta, "imposible", pues sin la primera divisa del talento, ninguna fórmula lograría crear literatura. ¿Podría formarse un escritor que posee el talento, fuera de la academia? Otra pregunta importante, para la cual, respondería, "es posible". ¿Qué función tienen los talleres literarios? Esta es la pregunta clave para el tema que deseo abordar en el presente trabajo. La historia de los talleres literarios en Cuba proviene, probablemente, de las tertulias culturales que, desde el Grupo Minorista, aunaban a los más importantes exponentes de las letras nacionales (como Lezama Lima y Eliseo Diego) en aquellos momentos jóvenes, ávidos de compartir y aprender. En consecuencia, numerosos ejemplos de talleres literarios se han desarrollado en las últimas cuatro décadas con esta voluntad.

El Taller Nacional Onelio Jorge Cardoso, hoy convertido en Centro de Formación Literaria, es uno de los más prestigiosos en el país. Surgido como iniciativa de Eduardo Heras León, este centro ha formado, hasta hoy, más de quinientos jóvenes de las regiones más diversas del país. La vocación pedagógica de Heras constituyó un impulso importante para este proyecto donde, según aclaró el autor de Los pasos en la hierba, llegan jóvenes que aspiran a ser escritores, se les enseña un grupo de técnicas narrativas y se analizan sus textos sin pretensiones de establecer reglas, temas o lecturas específicas. La labor del taller sería la de dar herramientas, concluyó el escritor, y no la de determinar cómo escribir, qué escribir o a qué escuela o estilo adscribirse.

"la existencia de los talleres literarios suscita inquietud y, por carácter transitivo, diversas polémicas con sus respectivos defensores y adversarios."

La existencia de los talleres literarios se presenta como una vía de perfeccionamiento y descubrir, más allá de la intuición, los modos de la literatura y, como diría Heras León en una ocasión, de haber estado siempre, quién sabe cuántos Shakespeare o Cervantes no habrían existido. En nuestro país contamos con una amplia red de talleres que brinda posibilidades a todos los que muestran interés por la escritura, entendiéndose a personas de cualquier edad. En ellos se han formado un sin número de escritores que, en la actualidad, gozan de alto prestigio, siendo divulgadas sus obras, en algunos casos, ampliamente, como Víctor Fowler, Jamina Medina y otros. A pesar de los positivos resultados, la existencia de los talleres literarios suscita inquietud y, por carácter transitivo, diversas polémicas con sus respectivos defensores y adversarios.

No obstante, es innegable su importancia, por ejemplo, resulta significativo que, como parte de la XVI Feria del Libro de La Habana en el 2012, se dedicara un espacio para reflexionar sobre el Abordaje de la literatura y técnica en el taller literario, con la presencia de los escritores cubanos Eduardo Heras León, Aida Bahr, escritora formada en los talleres literarios, y del argentino Javier Chiabrandó, quien en su texto Querer escribir, poder escribir, refiriéndose a los talleres literarios, afirmara, "no lo considero un libro técnico sino motivacional, que intenta brindar algunas perspectivas del proceso de creación literaria".

La experiencia de Aida Bahr como tallerista comenzó desde sus primeros acercamientos a las letras. Allí encontró un espacio donde la gente podía hablar de literatura, no como una escuela, sino donde se aprendiera a leer mejor, a estar más alerta, a incrementar el ojo del oficio y, en especial, donde llenarse de deseos de escribir. El taller, refirió la escritora en el evento a que se hace mención, resulta un clima propicio para la creación y para discutir la obra de cada autor, no creo que sean muchos los escritores que se puedan formar en total aislamiento. En la actualidad, Aida Bahr ha asesorado un taller de narrativa no selectivo donde convergen personas de edades disímiles y distinta procedencia, demostrando no sólo que en este marco se pueden formar los escritores, sino que, además, pueden constituirse en guías y formadores literarios.

Al hablar de la historia de los talleres literarios no podemos dejar a un lado el importante hecho del surgimiento de las Casas de Cultura a mediados del siglo XX para la democratización y actualización de los valores culturales y como centros de confrontación de ideas para el desarrollo cultural comunitario. Bajo su auspicio quedaron imbricados los talleres literarios de los diferentes territorios, garantizando que en los mismos se pudiera contar con especialistas capacitados. Tampoco podemos obviar otro hecho significativo, me refiero a la influencia que han tenido las referencias de otros

"Al hablar de la historia de los talleres literarios no podemos dejar a un lado el importante hecho del surgimiento de las Casas de Cultura a mediados del siglo XX"

países donde ya venían desarrollándose nuevas formas de actividades, nacidas a partir de los talleres literarios; ejemplo de ello lo tenemos en la modalidad de "Broken Word", que se desarrolla en países del continente americano como Estados Unidos, México, Chile y otros. Otro factor importante para el afianzamiento y mejoramiento de los talleres literarios es el papel que jugó, y juega, la creación del Ministerio de Cultura en 1976, decisión de gran importancia para la dirección del trabajo cultural, pues a partir de ese momento se determina la creación de dos estructuras que atenderán: una a los artistas aficionados, y otra, al llamado aficionado espectador y a todo el proceso de extensión cultural. Hemos hablado someramente, de los orígenes, vínculos e importancia de los talleres literarios, así como se han ejemplificado los resultados positivos. Sin embargo, no puedo permitirme una retirada del tema sin hablar sobre su estado de salud actual. Yo me incorporé a los talleres literarios en diciembre de 2010 y he tenido que transitar, por circunstancias ajenas a mi voluntad, por varios de ellos dentro de los municipios de Plaza de la Revolución, Habana Vieja y Centro Habana. Este camino me ha permitido observar que los integrantes actuales no son aquellos jóvenes de otros siglos que estudiaban letras, les gustaba escribir y se reunían para debatir criterios y obras, como ya he apuntado al hablar de los orígenes. Actualmente, en mayoritario número encontramos personas de la tercera edad ya jubilados y que su vida laboral, casi totalmente, no estaba vinculada a la actividad literaria.

He conversado con muchas de esas personas, devenidas en talleristas, y un alto porcentaje pensamos que, al arribar a la jubilación, lo hacemos llenos de esperanzas, porque

nuestro interior desea con mucha fuerza comenzar una nueva lucha para hacer realidad aquellos sueños que tuvimos que dejar atrás por diversas circunstancias. Unos optan por incorporarse a talleres de pintura, otros a las artes manuales, y otros, entre los que me cuento, deseamos saborear el gusto de escribir una obra, presentarla a un concurso, verla publicada y satisfacer a los demás con nuestro trabajo. Entonces, ponemos alma y corazón en la nueva meta.

He conversado con muchas de esas personas, devenidas en talleristas, y un alto porcentaje pensamos que, al arribar a la jubilación, lo hacemos llenos de esperanzas, porque nuestro interior desea con mucha fuerza comenzar una nueva lucha para hacer realidad aquellos sueños que tuvimos que dejar atrás por diversas circunstancias. Unos optan por incorporarse a talleres de pintura, otros a las artes manuales, y otros, entre los que me cuento, deseamos saborear el gusto de escribir una obra, presentarla a un concurso, verla publicada y satisfacer a los demás con nuestro trabajo. Entonces, ponemos alma y corazón en la nueva meta.

Adicionalmente a lo anterior, es una realidad dolorosa que, en los tiempos que corren, la participación de la población en los talleres literarios está significativamente disminuida, contradictoriamente al elevado nivel cultural que posee, y su avidez por la lectura. Algunos talleres han desaparecido, y en los que permanecen (uno por municipio prácticamente en La Habana) se cuenta con muy pocos escritores, encontrándose incluso que en algunos Encuentros Municipales se han presentado cuatro o cinco talleristas a competir. Además, se revela en los encuentros que se realizan a nivel municipal y provincial, los adultos mayores son mayoría entre los integrantes. Desde la mirada que me permite la condición de tallerista, considero que varios factores contribuyen a la curva descendente de existencia de los talleres, con la salve-

*"contamos con integrantes
(prioritariamente adultos mayores,
reitero) que mantienen estoicamente
su empeño por llegar algún día a
merecer el calificativo de 'escritor'."*

dad de que me refiero al territorio de La Habana, podría mencionar que, en ocasiones, no tenemos a un especialista con la capacidad suficiente para dirigirlos, no hay estimulación a los integrantes mediante publicación de trabajos en Antologías, es escasa la convocatoria a concursos destinados exclusivamente para talleristas por parte de las editoriales, es escasa la convocatoria a cursos o conferencias complementarias para la formación de los talleristas, no existe un espacio en los medios de comunicación masiva para la divulgación de las obras que han sido premiadas en los eventos competitivos a diferentes niveles, también es restringida la gama de géneros que se tratan en los talleres, donde principalmente son objetivos de debate y análisis el cuento y la poesía. Es una realidad que los talleres literarios necesitan.

Sería prudente señalar que la categoría otorgada en el presente trabajo a los talleristas, de "escritor marginal", se empalma exclusivamente con aquellos aspirantes a escritores que nos incorporamos a los talleres, y que no tenemos estudios relacionados con las letras, como pudieran ser periodismo, filosofía, licenciatura en letras, etc. Finalizo esta pequeña plática diciendo que, a pesar de las dificultades y escollos que debemos enfrentar los talleristas de hoy, contamos con integrantes (prioritariamente adultos mayores, reitero) que mantienen estoicamente su empeño por llegar algún día a merecer el calificativo de "escritor".

Blamem (Blanca Mederos)

Material online no ensino de português como língua estrangeira:

Diogo Oliveira

Para começo de história...

Buscando atender às necessidades de um ensino de português que se adequasse ao perfil de alunos da área de saúde da Universidade de Vanderbilt, fiquei encarregado de desenvolver um material online para que esse público pudesse ter seu contato inicial com a língua e pudesse ser capaz de interagir em contextos específicos de comunicação. Nesse pequeno texto, explicarei como tem sido o processo de idealização do projeto *Say 33 in Portuguese* ou *Diga 33 em português* assim como também o pano de fundo teórico que tem orientado seu desenvolvimento. Além disso, defenderei a necessidade de uma atenção maior no campo de ensino e aprendizagem para a construção de mais materiais didáticos na área de português como língua estrangeira (PLE), principalmente no que diz respeito ao universo da educação a distância.

Um pouco do que está por trás

Apesar de se relativamente nova comparada a outros contextos de ensino e aprendizagem de línguas, a área de português como língua estrangeira tem crescido de forma considerável no Brasil principalmente devido ao crescimento econômico que o país apresentou nos últimos anos. Com isso, cresceu-se também a necessidade de incentivar o ensino da língua portuguesa para atrair

uma experiência na Universidade de Vanderbilt

mais investidores e tornar a língua e cultura brasileira ainda mais conhecida pelo mundo. Um dos grandes suportes para que esse ensino acontecesse de forma efetivo em sala de aula é o material didático, que aqui entendemos como tudo que pode ser usado para facilitar o ensino de uma língua, seja de forma impressa, seja uma apresentação, ou até mesmo a Internet (Tomnlison, 2013)*.

O grande destaque entre os materiais mais utilizados no processo de ensino aprendizagem de línguas é o livro didático (LD), já que é uma das ferramentas de mediação mais acessíveis às instituições (Marchesan and Ramos, 2013). Entretanto, apesar do aumento na produção de LD para o ensino de PLE nos últimos anos, estudiosos têm discutido que ainda há muito a ser feito nesse campo, principalmente no que diz respeito à 'necessidade de uma maior variedade de tipos de materiais para que os professores possam fazer opção de acordo com as necessidades e a realidade de seus alunos' (Lopes, 2009, p. 151 apud Marchesan and Ramos, 2013, p. 29). Por ser uma área ainda carente de pesquisas e trabalhos práticos, quando se trata de materiais didáticos online (os chamados e-learning) para fins específicos, o contexto de produção se torna ainda mais desafiador.

* [...] 'materials' include anything which can be used to facilitate the learning of a language. They can be linguistic, visual, auditory or kinaesthetic, and they can be presented in print, through live performance or display, or on cassette, CD-ROM, DVD or the internet.

O específico, o comunicativo e o intercultural

O ensino para fins específicos está baseado na concepção de que o processo de aprendizagem está atrelado às necessidades dos alunos. Para Barçante et al. (2014) um curso de línguas pode ser considerado específico quando os objetivos são bastante definidos e as necessidades/interesses dos alunos são específicos e localizados. Para Almeida Filho (2010), o ensino de línguas para fins específicos está dentro do paradigma comunicativo, mas com diferentes propósitos de aprendizagem. Por outro lado, acredito que somente atrelar o ensino da língua a eventos comunicativos não é suficiente para que os alunos entendam a complexidade do uso do português. Por isso, tenho tentado desenvolver atividades que façam com que os alunos reflitam sobre a língua e cultura brasileira de forma crítica e assim possam compará-las com sua própria realidade. Nessa tentativa de incluir elementos do ensino intercultural (Mendes, 2012, Corbett, 2010) no projeto, acredito que os alunos terão contato com uma língua portuguesa não só voltada para a comunicação em contextos específicos e limitados mas também relacionada às experiências de ensino que permitam o diálogo entre línguas e culturas diferentes mediados pela educação e pela tecnologia (e-learning).

Segundo Ribeiro (2007), e-learning se refere às variadas formas de aprendizagem que envolvem o uso da tecnologia da informação e implica uma distância física entre o professor e o aluno, por isso, pode ser entendido também como a união entre internet e educação. Esse “novo” sistema de educação tem trazido modificações na relação entre ensino e aprendizagem principalmente no que diz respeito ao papel do professor e do aluno nesse processo. Muitas instituições têm usado o e-learning como uma forma complementar ao ensino presencial, entretanto, em minha realidade, o e-learning tem trazido a possibilidade do modelo tradicional de ensino ser totalmente substituído pela educação a distância.

Say 33, mas em português*

O *Diga 33 em português* é um material online que tem sido desenvolvido para dar suporte ao ensino de português para fins específicos e que tem como objetivo desenvolver tanto a habilidade linguística quanto cultural de alunos de nível básico. O material está dividido em módulos cujos objetivos são os de fazer com que os alunos da área de saúde da Universidade de Vanderbilt se comuniquem e interajam em situações simples de uso da língua. As aulas são desenvolvidas para serem ensinadas, em sua totalidade, de forma online**.

Os módulos, até o momento, estão sendo produzidos de forma que atrelem os conteúdos mais básicos sobre o universo médico aos propósitos comunicativos mais comuns ao nível iniciante. Assim, eles buscam preparar os alunos a falarem sobre si mesmos, se apresentarem e fazerem perguntas pessoais, introduzir elementos de uma interação inicial entre médico e paciente, fazer com que os alunos tenham contato com os diferentes hábitos alimentares dos brasileiros etc.

Uma das preocupações no processo inicial foi o de encontrar a plataforma adequada para o curso. Inicialmente, comecei a elaborar o curso através da plataforma “Blackboard” disponibilizada pela própria universidade, entretanto, devido ao layout e pouco apelo visual, passei a produzir na plataforma “Canvas” que é gratuita e tem atendido as necessidades do projeto. Além dessa preocupação, tenho buscado diferentes formas de os alunos entrarem em contato com uma grande variedade de textos

* No Brasil, apesar de não ser mais tão comum, os pacientes diziam 33 três vezes para que os médicos pudessem perceber as vibrações sonoras no tórax. O som do trinta e três reverbera nos pulmões e nos brônquios. Já em inglês, para a mesma técnica de exame, o paciente diz “ninety-nine” (99).

** Para ter acesso ao curso gratuitamente, copie e cole esse link: <https://canvas.instructure.com/courses/1004674>. Caso quera se cadastrar também gratuitamente, clique em “Join this course”.

que apresentem a língua de forma contextualizada e significativa. Assim, tenho usado vídeos autênticos que de uma forma ou de outra apresente o universo médico para os alunos, usado diálogos com pessoas de diferentes regiões do Brasil e textos que estejam atrelados aos objetivos de cada módulo.

A avaliação é feita ao decorrer dos módulos, e os alunos são solicitados a responderem *quizzes* e gravarem vídeos com produções própria sobre assuntos abordados para que o instrutor possa avaliar e dar feedback. Essa foi uma das formas que encontrei de poder fazer com os alunos produzam língua já que a participação em sala é inexistente.

Apesar de ser um trabalho necessário dentro da área de fins específicos devido a escassez de produções práticas e teóricas nesse âmbito, o curso assim como os demais projetos online têm enfrentado algumas limitações. Para Ribeiro (2007), nesse modelo de educação “ [...] a principal desvantagem da interação é o facto de não ser possível obter e nem produzir uma reação imediata. Um diálogo, por exemplo, pode levar dias a completar. Deste modo, este tipo de interação adequa-se a atividades cujo enfoque é a escrita que não necessitam de um feedback imediato.” Por outro lado, a educação online tem trazido muitos benefícios para ensino de línguas principalmente para aqueles alunos que dispõem de pouco tempo para frequentar aulas presenciais já que eles terão horários mais flexíveis, terão mais tempo para construir mensagens e poder modificá-las mesmo após terem sido submetidas em uma atividade, participação de trabalhos nos quais a colaboração em grupo será priorizada etc.

(In)conclusões

Apesar de não ser uma área muito nova para mim pois já tinha experiências com desenvolvimento de materiais didáticos (MD) e ensinado PLE para fins específicos ainda no Brasil, a ideia de preparar um material totalmente online me pareceu desafiador e ao mesmo tempo se apresentou como uma oportunidade de

entender mais o contexto do ensino de PLE para determinadas finalidades que é um campo pouco explorado nos estudos sobre ensino e aprendizagem de línguas de forma geral. O curso “Diga 33 em português” está sendo produzido para atender uma demanda específica de ensino de PLE, e mesmo com todos os erros e acertos, ele demonstra a importância da tecnologia na educação e como professores de línguas podem se beneficiar dessa ferramenta que torna nossas aulas mais interessantes e atendem às necessidades de aprendizagens de nossos alunos.

Referências

- Almeida Filho, J.C.P. *Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas*. 6^a. ed. Campinas: Pontes, 2010.
- Corbett, J. (2010). *Intercultural Language Activities*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Guimarães, Renata Mourão, Magali Barçante and Vanessa Cristina da Silva. “A natureza do ensino de línguas para fins específicos (ELFE) e as possibilidades de aquisição/aprendizagem de línguas”. *Revista Contexturas*. n.p. 2014. Web. 2 May 2016.
- Mendes, E. Aprendendo a ser e a viver com o outro: materiais didáticos interculturais para o ensino de português LE/L2. In: SCHEYERL, D., SIQUEIRA, S. (Org.). *Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições*. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 356-378.
- Ribeiro, S. P. M. *Concepção e implementação de um modelo de eLearning no ensino superior: estudo exploratório numa disciplina de inglês*. Diss. MA. Aveiro University, 2011.
- Ramos, André Gonçalves and Maria Tereza Nunes Marchesan. “O ensino de PLE para fins específicos e a produção de livros didáticos”. *Horizontes de Linguística Aplicada*. n.p. 2013. Web. 2 May 2016.
- Tomlinson, B. (2013). *Developing Materials for Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

POEMA PARA QUE ME LLAMES POR TELÉFONO

Desde el cielo
te miro con los ojos vidriosos de la noche,
salvándome en tu apuro y en tus espejuelos.
Veo que sales de un palacio con luces de neón,
que te entrevistas con los ojos lascivos de los hombres,
que te hierve en la sangre una pregunta,
que miras tu país como una fotografía extranjera,
que el mar sigue batiéndote con furia
contra los arrecifes.

Oigo, mientras trueno, tu voz verde claro.
Me da pavor tu risa inmaculada,
envidia tu mortalidad llena de acordes.
Pero créeme:
odio mi vocación de cielo admonitorio.

Y cruzas varias calles
y los semáforos no te detienen
y entras y sales de las cafeterías
y las tiendas
compras agua y cigarros
y los espejos de los autos detenidos
preguntan si te acuerdas de ti.
Miras de soslayo:
las parejas se besan en todas partes,
bebes, y evitas
el recuerdo húmedo de un sitio
que pertenece a otra nocturnidad,
fumas, y no se te ocurre,
ni por un segundo,
que soy el humo o el viento,
o que podría vivir
esparcido en las millones de estrellas
pero te siguen.

Desde mi altura
son imposibles tus presentimientos,
tu caricia a un árbol que se irá por las ramas,
los bosques de madera que te nombran
desde su eco vago y sobrio.

No lo sabrás, al menos esta noche.

Si entre tú y yo hay espacios en blanco,
seré el portal del cine donde te guareces,
el número que marcas en el móvil,
el cigarro que te quema los dedos,
el último taxi que te devuelve a casa.

Roly Avalos Díaz

Paper B A LL

I remember the day I started to walk. My mom told me that I needed to so that I stop hurting my knees against the floor and making a mess out my hands with the dirt, and now even more so because the house has not been cleaned for a while. When I stood up I realized that my face was away from the ground and that I could no longer see the hairballs under the bed, nor the cockroaches with their long and pointy antennas. I also didn't try anymore to grab the paper ball that my mom slid under the fridge with her left foot after a man who she claims to be my father never returned. Now fully stood up, I looked in front of me and noticed that I did not have my hands on the floor, so I didn't have anything to hold on to for security and neither could I use the furniture because they were spread wide apart. I imagined that if I were accidentally to fall I would spill my blood and spot the same floor that I have lived in for most of my life, so I started to perspire. And then I looked at what my mom calls a "window", a hole on the wall cut up in the form of a rectangle that was filled with a piece of glass so that the house wouldn't get more debris than it already had. It was the first time that I could see not so much at it as through it and witness if there was anything beyond it. But as soon as I began to ponder and make sense of the chaotic constellation I saw, I sprained my left foot and felt my bones twitch and make the same crunch I heard when my mom made a ball out of the paper she read and slid under the fridge. I fell, broke my nose against the floor, and saw my blood coagulate in the same shapes of the green leaves I saw for only a fraction of a second out the window.

Fernando Varela



Iluminación: Damián Maseda

- Murilo Pocol** é poeta, músico e quer ser menino quando envelhecer. Paulistano nato do interior, formou-se publicitário pela ESPM. Publicou *Abridor de coração*, “Severino paulistano” e outros poemas ilustrados e livros-inventos pela Editora NÓ. Em 2016, viveu e cantou por toda a Salvador, onde também estudou letras vernáculas na UFBA. Hoje vive em São Paulo e a Bahia é quem vive nele.
- Farishtay Yamin** is an undergraduate student in the Arts and Sciences majoring in Spanish and minoring in Psychology. She enjoys reading and writing poetry, and is interested in social activism. On campus she is involved in the Pakistani Students Association, Does in Solidarity with Palestine, and the Muslim Students Association. She spent the semester of Fall 2016 studying abroad in Santiago, Chile.
- Amarilis Ortiz** Nací en tiempos de zafra, en una noche oscura, despidiendo un dulce y rancio olor a melaza. Crecí respirando las cenizas de incendios forestales. Soy paciente, prudente y generosa. Confío en la honestidad de la gente. Busco experiencias que me hagan cosquillas al alma. Soy alérgica a las marcas, los perfumes y la opulencia. No quiero ser la especialista de nada. Me gusta escribir en soledad y de madrugada. El bosque es mi refugio, los conciertos de Phish mi iglesia. Soy del mar, las montañas y los cañaverales. Soy una flor extraña.
- Paola Cintrón** Nacida en el año 1996 en Puerto Rico. Cursa su tercer año de bachillerato en Lingüística Hispánica y Literatura Comparada con una certificación en Educación nivel elemental en la Universidad de Puerto Rico, Recinto de Río Piedras. Tutora para refuerzos de lectoescritura a nivel elemental. Temas de interés: Habla y lenguaje, pedagogía infantil, folklore y artes visuales.

- Minelys Sánchez** nació el 20 de noviembre de 1967 en Jamao al Norte, República Dominicana. Vivió varios años en Alemania donde escribió sus primeras novelas: *Al caer la tarde* y *Amarilis mira en azul*. Tiene escrito varios relatos algunos de los cuales han sido publicados en distintas antologías. Además, ha publicado artículos en periódicos y revistas. Su artículo “Aprendiendo a ser negra” publicado por el Mensajero Latino, revista que circulaba en Stuttgart, Alemania, fue adquirido por un instituto en el sur de Francia donde hoy es usado como parte del currículo para la enseñanza del idioma español. En la actualidad, vive en Haverhill, Massachusetts.
- Todd F. P. Hughes** nació en Detroit. Todavía se considera oriundo de allá, aunque ya lleva mucho tiempo en Nashville. Se especializa en DH y le gusta la codificación. Su compañero de fatigas, LdG, nunca llegó a vivir en Nashville ni tampoco nació en Detroit.
- Lydia Lutz** es estudiante de segundo año en Vanderbilt University. Tiene la intención de estudiar neurociencia e historia y posiblemente el idioma español también. Además, ella se dedica a una carrera futura en la medicina y a la salud global. Ella espera usar el español en el campo de la asistencia médica. Aparte de los estudios académicos, tiene una pasión por la música, la escritura creativa, y el servicio comunitario.
- Rodrigo Maida** nació en San Salvador en 1987. Es filósofo, profesor universitario y guitarrista. Textos suyos aparecen en diversas antologías publicadas en Chile, México y Gales.

**Nelvy
Bustamante**

es argentina. Profesora en Letras. Ejerció la docencia en los niveles medio, superior y universitario. Publicó numerosos libros, entre ellos *Cuentan en la Patagonia* (Sudamericana) obra destacada por la Asociación de Literatura Infantil y Juvenil de la Argentina (ALIJA); *La araña que vuela* (Sudamericana); *Santino y su gato* (Longseller); *Santino y el río* (Longseller); *Jacinto no sabe decir miau* (Tinta Fresca); *El libro de los fantasmas* (Mención especial en los Premios Nacionales de Literatura 2012); *Adentro de este dedal hay una ciudad* (Edelvives); *Orejas negras, orejas blancas* (Ruedamares), libro destacado en 2016 por la Fundación Cuatrogatos, (Miami).

**Khédija
Gadhoum**

specializes in contemporary Latin American literature and culture. She is currently a Spanish faculty, a study abroad advisor, and Portuguese program supervisor in the Department of Romance Languages at the University of Georgia. She directed study abroad programs in Cuernavaca, and Guadalajara, Mexico, and taught Spanish at UGA-Monterverde, Costa Rica Program. Her creative work includes the poetry collections *Más allá del mar. Bibenes* (Cuadernos del Laberinto, Spain, 2016), and *Celosías en celo* (Torremozas, Spain, 2013). Her published poetry has appeared or is forthcoming in national and international journals, edited volumes and anthologies: Afro-Hispanic Review, Negritud: *Journal of Afro-Latin American Studies*, *Ámbitos Feministas*, *The South Carolina Modern Language Review*, *Dos Orillas: El Estrecho de Gibraltar-Frontera Literaria*, *Feministas Unidas, Inc.*, *Humanismo Solidario: Poesía y compromiso en la sociedad contemporánea*, *ÁREA: Revista Hispanoamericana de Poesía*, *JoLLE@UGA: Journal of Language and Literacy Education*.

**Patrick
Cate**

nació en las montañas de “East Tennessee” a una familia boricua, irlandesa, y jíbara en 1987. Desde entonces, en ningún orden particular, su vida ha involucrado: café, dormir, correr, Nueva York, los robles, Las Marías, P.R., centeno, inglés, English, whiskey, dormir otra vez, besos de mi madre, caminar, nunca el “golf”, cartas de los muertos, etc. etc., y listas, siempre las listas de cosas cotidianas que hacen todo, todo. En serio, Patrick Cate por los últimos años ha trabajado como organizador sindical y en enero se mudará a Oregon para estudiar enfermería. Su pasión es la poesía, la justicia, y la broma perfecta.

**Alicia
Ramos
González**

Nací entre la frontera y el mar, en La Línea de la Concepción, en el estrecho de Gibraltar. Crecí ante el horizonte azul del Mediterráneo. Desde muy pequeña escudriño el paisaje, no para ver más lejos, sino para ver mejor y más adentro. Los avatares de la vida me han hecho vagar por las tierras Andaluzas, desde Granada, en donde me licencié en Historia del Arte a la sombra de la Alhambra, hasta Sevilla en donde realicé una extensión universitaria en Creación literaria y un doctorado en Filosofía, allá viendo discurrir las aguas del Guadalquivir. Ahora resido en el pueblo de Utrera, cerca de la capital sevillana, entre las callejuelas estrechas del urbanismo medieval y los campos abiertos de trigos y girasoles.

**Brenda
Bernsau**

é uma escritora brasileira nascida no Rio de Janeiro. Começou a escrever desde cedo para publicações locais. Hoje, tem dois romances publicados em língua portuguesa, *Alpha e Sophia*, *Alexia e o mundo além daqui*, além de alguns contos e poemas para antologias.

**Tugba
Sevin**

is an Assistant Professor of Spanish at Southwestern Oklahoma State University. After studying at the Complutense University in Spain, Tugba received her MAT Spanish degree from Florida Atlantic University and her Doctoral degree from Vanderbilt University. Her areas of interests are Spanish Peninsular Literature, Colonial Latin American Literature, Sephardic Studies, Travel Literature, Mediterranean Studies and Cultural Studies.

**Miguel Ángel
Herranz
Cano**

nació en Madrid en 1988. Licenciado en Derecho por la Universidad Complutense, decidió dejar su vida como abogado y viajar hasta la Universidad de Alabama, donde estudió su máster en literatura hispánica. A día de hoy, y tras descartar el regreso a España como opción, disfruta de una dulce incertidumbre con respecto a su futuro a este lado del Atlántico.

**Valeria
Ulrich**

Nací y crecí en Buenos Aires. Mi madre tenía un verso para todo, tal vez allí nació mi vocación por las palabras. Estudié Letras en la Universidad de Buenos Aires. Tengo seis hijos. Trabajo como correctora y redactora, y pasé muchos años enseñando español para extranjeros, inglés y portugués. Soy mediadora de lectura en escuelas de bajos recursos, y escribo desde siempre. Desde 2010 participo en la clínica-taller de la escritora Ángeles Durini. He publicado notas de opinión y crónicas en diversas revistas de distribución gratuita. Recientemente fueron publicadas algunas de mis poesías en antologías de Editorial Estrada.

**Sandra
Cid
Sillero**

Entusiasta, curiosa e inquieta por naturaleza. Pedagoga, Especialista en Neuropsicología Educativa y Doctoranda en el programa de Psicología Educativa y Psicopedagogía de la Universidad del País Vasco. Actualmente, desarrolla su tesis doctoral sobre “Emoción, Cognición y Rendimiento Académico en Secundaria”. Trabaja en el Ayuntamiento de Ermua como Técnica de Programas de Políticas Sociales. Es la autora del Blog “Pedagogymás” y de diversos proyectos y recursos educativos. Enamorada de la vida, apasionada de la música y de su familia. Le gusta investigar, descubrir y explorar. Vive para aprender. Le encantan los retos y participar en iniciativas como la de Furman 217.

**Jesús
Cárdenas**

nació en Sevilla. Licenciado en Filología Hispánica por la Universidad de Sevilla. Estudia Máster Universitario “Formación e Investigación Literaria y Teatral en el Contexto Europeo” en la UNED. Coordinador del “Taller de escritura poética” en la Universidad Pablo de Olavide. Destacan sus poemarios: *Algunos arraigos me vienen* (Premio de Poesía XVI Certamen de Poesía “José M^a De Los Santos”, 2005), *La luz de entre los cipreses* (2012), *Laberintos sin cielo* (2012), *Raíces de ser* (Premio de Poesía “Juan Sierra” 2013), *Mudanzas de lo azul* (2013), *Después de la música* (2014), *Sucesión de lunas* (2015), *Los refugios que olvidamos* (2016).

**Alberte
Momán
Noval**

Ferrol (Galiza) 1976. Tem publicado ao redor de uma dúzia de livros. Gosta da literatura e da criação literária.

**Alexander Ramón
Jiménez
del Toro**

Amancio, Las Tunas, Cuba 1987. Contador. Graduado del Curso de Especialistas de Literatura. Miembro de la Asociación Hermanos Saíz. Pertenece al Taller Literario de Ciencia Ficción y Fantasía Espacio Abierto y al Grupo Nacional de Escritores Rurales. Ha obtenido los siguientes premios nacionales: Premio Mundo Marino 2012. Premio Guillermo Cabrera 2015. Premio Portus Patris 2015. Premio Escaramujo 2015. Premio Ala Décima Concurso GenerArte 2015. Premio Toda Luz y Toda Mía 2016. Premio Bustos Domenech 2016. Sus obras se han publicado en revistas, plegables y en internet. Tiene publicado el libro *Modus operandi*.

**Ramón Ángel
Acevedo
Arce**

Fotógrafo documental, cronista viajero y ensayista chileno. Su obra, bajo el título genérico de “EL VIAJE DE RAKAR”, comprende los siguientes Foto-documentales: “67 PUEBLOS OLVIDADOS DE LA 5ª REGIÓN DE CHILE”; “RETRATOS (DES)DE LA LOCURA” (viaje al submundo del internamiento psiquiátrico); “VIAJE DE RAKAR A MÉXICO”. Ha obtenido numerosas becas de residencia artística, premios y reconocimientos. Exposiciones: Chile, Holanda, España, México. Publicaciones: “El Viaje de Rakar”; “La Locura de Artaud-Van Gogh”; “Aforismos”. Corresponsal en Chile del Suplemento Cultural Palabra (Ensenada, Baja California, 2012-2016). Colaborador del suplemento literario Letra Viva (El Imparcial, Oaxaca, México). www.elviajederakar.cl

**Laia
Planagumà
Ramos**

Barcelona, 30.9.1990. Hoja de hierba. Filóloga inglesa. Técnica de realización editorial en el departamento digital de Grupo Editorial Planeta. Microrrelatos y poemas en Diversidad Literaria, LetrasconArte, VisualVerse, Revista Dupin y Sorbo de Letras entre otros.

**Álex
Saldías**

Nacido y criado en Puente Alto, comuna de Santiago, capital de Chile, país de Sudamérica, patio trasero de Estados Unidos, ilusión asiática y rumor europeo. Ganador de algunos concursos literarios, perdedor de la mayoría. Responde estéticamente a una generación de la cual no tiene idea. Lleva escritos varios cuentos y una novela. En algún momento espera hacer algo con ellos. Por ahora ejerce la docencia hasta que las cosas cobren sentido, vuelva Cristo, caiga un meteoro, se derritan los polos, o todo al mismo tiempo.

**Miguel
Ortiz
Rodríguez**

Caracas, 1993. Tesista en la Universidad Católica Andrés Bello. Ha participado en talleres literarios con Sael Ibáñez, Natasha Tiniacos, Fedosy Santaella, Miguel Marcotrigiano, Igor Barreto y María Auxiliadora Álvarez. Sus poemas han sido publicados en Stand Up Poetry, Revista Cantera (#2), Revista Ojo (#25), Revista Canibalismos (#2, #6), Revista Caligrama (#3). Poemas suyos aparecen en la antología 102 poetas: *Jamming*, publicada por Oscar Todtmann Editores; fue finalista en el I Certamen Mundial Excelencia Literaria (Mención Poesía; 2015) en E.E.U.U y en el I Concurso de Prosa Poética Ojos Verdes Ediciones (2016) en Alicante, España, siendo publicado en ambas antologías.

**Jacob
Hardiman**

I am a junior Spanish minor currently taking Spanish 3303. On a trip to El Salvador last spring break, I was inspired by the coffee farmers undergoing strenuous physical labor in order to survive. Furman217 seemed like the perfect chance to express my inspiration. I hope the poem can give readers a glimpse of the toughness of the people of El Salvador and the daily struggles the farmers must endure.

**Juan Luis
Rod**

nace en Cortegana (Huelva) en 1987, y reside actualmente en Barcelona cursando el Postgrado de fotoperiodismo de la UAB. Diplomado en Leguas Extranjeras por la Universidad de Sevilla y Experto Universitario en Fotografía Aplicada por la Universidad Miguel Hernández de Elche (Alicante), Curso Profesional de Fotografía en Efti (Madrid). Ganador del Concurso Internacional sobre Derechos Humanos, Premio Derechos de Mujer. Seleccionado entre los ganadores del Concurso Contemporarte. Ha participado en numerosas exposiciones a nivel nacional e internacional y ha publicado varios libros de fotografía con otros colectivos. Actualmente trabaja como freelance, y es colaborador de la Agencia Plano de Brasil y de diferentes revistas.

**Luis
Bejines**

Mexicano, con pasión a la escritura y la literatura. Obtuve un maestría en la Universidad Estatal de San Francisco, California, y ahora mismo estoy visualizando aplicar para un doctorado en Letras Hispánicas en alguna universidad Canadiense. La poesía siempre ha sido mi fuerte, pero también he escrito cuentos cortos, conglomerados en una novela titulada “La Terapia de los treinta días con Carl Gustav Jung”. Soy una persona curiosa y siempre estoy en busca de nuevas cosas; me gustaría aprender otros dos idiomas, francés y japonés y seguir experimentando la vida y sus innumerables cosas.

**Vivian
Sanchbraj**

es una poeta mexico-americana. Ha cursado diplomados y estudios poéticos en su ciudad natal, Mexicali, B.C., así como en Yale University, UCLA y The Writer’s Studio. En la actualidad realiza una Maestría en Poesía en Spalding University.

**Marcos
Elías
Penott
Contreras**

Nacido en Caracas-Venezuela. Abogado egresado de la Universidad Monteávila. Estudiante de segundo semestre de la Escuela de Letras de la Universidad Central de Venezuela y del segundo semestre de Especialización en Derecho Penal Internacional en la Universidad Latinoamericana y del Caribe. Abogado en la Consultoría Jurídica Adjunta para Asuntos Transaccionales del Banco Central de Venezuela. Interesado en el estudio de los fenómenos sociales y del arte; amante de la familia y de la maravilla de las cosas simples que nos hacen feliz.

**Carlos
Vicéns**

nació en San Juan, Puerto Rico. Llevó a cabo sus estudios de bachillerato y maestría en la Facultad de Humanidades de la Universidad de Puerto Rico. Por su tesis, recibió el Premio y medalla Centro cultural Pablo Neruda en Nueva York (2016, U. P. R.). Asimismo, ganó el certamen del Centro de Estudios Poéticos (2010, Madrid), como ha sido merecedor de una mención honorífica en el Primer Certamen Literario de la Facultad de Humanidades (2012, U. P. R.). *Raíz de la ausencia* es el primer libro de poemas que publica. Actualmente se dedica a proyectos académicos e independientes.

**Emilio
Barraza
Durán**

Con un innegable afecto por la poesía social, este poeta chileno nacido en Viña del Mar, Chile, se hace presente en la destacada revista Furman²¹⁷. Profesor de Lenguaje por vocación y poeta por elección, adhiere al principio de Vicente Huidobro: “el vago es un poeta sin oficio y el poeta es un vago con oficio”. Antipoeta, antisistémico, políticamente incorrecto, crítico y satírico, con dos libros publicados, algunos premios ganados y otros libros sin publicar, camina por la vida y por los textos buscando algún espejo que pueda devolverle sus fantasmas. *Sacrificio Diario* es un poema dedicado a todos los profesores del mundo.

**Elizabeth
Reinosa
Aliaga**

Cuba, 1988. Ingeniera en Ciencias Informáticas. Miembro de la Asociación Hermanos Saiz (AHS) y egresada del XIII Curso de Técnicas Narrativas Onelio Jorge Cardoso. Ha obtenido, los premios nacionales de poesía: Amor Varadero y Francisco Riverón. Así como: segundo premio en los concursos internacionales; El mundo lleva ala; y La Palabra de mi voz; (Estados Unidos 2016); el Premio Iberoamericano Décima al Filo (Cuba 2015), y el Premio Internacional Voces Nuevas (España 2016). Ha publicado en revistas y antologías en Cuba y el extranjero. Autora del cuaderno de décimas: *En la punta del Iceberg* (Cuba, 2011).

**Damián Jerónimo
Andreñuk**

nació en City Bell en 1986 y reside en Villa Elisa, ambas localidades ubicadas en el partido de La Plata, Buenos Aires, Argentina. Publicó tres libros: *Omisiones* (2010), *Portales al vacío* (2011) y *Metástasis* (2015). Obtuvo, asimismo, varias distinciones; entre ellas, el Primer Premio en el X Concurso Internacional de Poesía organizado por Ediciones Hespérides en 2012, que le valió la publicación de un cuadernillo: *Formas concretas* (2013). Y el Primer Premio en el V Concurso Internacional Literarte, que le valió la publicación de otro cuadernillo: *Silencio de crisálidas* (2015).

**Lucía
Pradillos
Luque**

Madriileña de 27 años. Lleva escribiendo desde los 14. Finalista del IV Certamen Aula convocado por el periódico El Mundo por "Obsesión compartida". Primer premio ex-aequo en el concurso Imágenes de Madrid convocado por la Comunidad de Madrid por "La calle en el 2015". Mención especial en el IV concurso de microrrelatos de la Universidad Autónoma de Madrid por "Batalla". Publicación del microrrelato "Cementerio de móviles"; en grupodefoto.com. Publicación del poema "Ascuas"; en el segundo número de la revista literaria Aliar.

**Pilar
Vega**

Directora de arte en la Universidad de Salamanca, fundadora del estudio La Pili Vega, profesora de ilustración y diseño. Licenciada en Bellas Artes y Comunicación Audiovisual por la Universidad de Salamanca. Máster en Dirección de Arte Gráfica y Digital por la Escuela CICE (Madrid). Premios y exposiciones avalan su carrera como artista, diseñadora e ilustradora: Premio Nacional de Pintura Caja España (2010) y su selección como una de los cien mejores collagistas por Collage Collective (2015). Autora de Un Beso en la Frente, junto a Esther B. del Brío, un relato gráfico en torno a la violencia de género. www.lapilivega.com

**Lori
Catanzaro**

is a Senior Lecturer who teaches Spanish for the Medical Professions and Spanish for Business and Economics at Vanderbilt University, courses which examine how language and culture impact health care for Latinos in the US and business in the context of the global economy. She has lived in Argentina, France, the Dominican Republic and Spain. When she's not teaching, you can find her wandering around the world seeking beauty and light in the everyday.

**Enrique
Arias
Beaskoetxea**

Nací un día de septiembre en una ciudad "adusta y oxidada". Mi niñez transcurre en una ciudad africana, parte de mi infancia en una latinoamericana. Mi adolescencia en un pueblo gris, lánguido. Con la juventud tomo la carretera y la mochila. Recorro varios países sin rumbo determinado. Sobrevivo, cambiando de ciudad, de empleos. Termino en una oficina, una mesa con papeles y una luz. Después de muchos años abandono esa vida. El cuerpo roto, la mente arrasada, el espíritu derrotado. Amé y fui amado por tres veces. Vivo retirado en un pueblo frente al mar. Enfermo y recluso en una pequeña casa. Retomo la escritura como única ocupación.

**Jorge
Ortiz
Robla**

nació en las Palmas de Gran Canaria en 1980. Sus poemas aparecen en las antologías, Anónimos 2.1 y 2.2 (Cosmopoética), En Legítima defensa (Bartleby Editores) y en revistas La Cigarra, Cuaderno Ático, La bolsa de pipas, La Galla Ciencia, Eñe, Caja de resistencia, entre otras. Ha publicado los poemarios: *La simetría de los insectos* (Lastura 3ª Edición 2016); *Resiliencia* (La Herradura Oxidada 2016); *Presbicia* (Baile del Sol 2016). Ganador del XIII certamen poesía “Puente de Encuentro”. Finalista del Premio Hermanos Argensola, el Premio Antonio Colina y el Premio Jovellanos, entre otros. Mantiene el blog: Si fuera la lluvia [<http://jorgeortizrobla.blogspot.com.es>].

**Ignacio
Muñoz
Delgado**

Nació en Madrid en el año 1977, soy licenciado en derecho y trabajo en un despacho de abogados. Me encanta escribir y lo hago siempre que puedo sacar tiempo. He tenido la suerte de ganar algunos concursos de microrrelato y relato breve. Sin embargo, lo que más me gusta es escribir guiones de cortometraje, alguno de ellos ya han sido rodados y espero que lo sean muchos más en el futuro.

**Mariano
Contrera**

nació en Lobos, Buenos Aires Argentina, en donde vive hasta la fecha. En 2010 lanzó su primer libro *La idea fija*, con más de 300 ejemplares vendidos. A principios de 2013 publicó su segundo libro, *Media hora de felicidad* que ya cuenta con 400 ejemplares vendidos en diferentes pueblos de la zona. En Junio del 2015, publicó su tercer libro de cuentos *Calesita*. Textos del autor han sido publicados en diversas antologías tanto dentro de Argentina como en Estados Unidos, España, Colombia. Y también en revistas y blogs literarios de diversos países.

**Patricia
Odrizola**

Nació el 8 de julio de 1957 en New York y vivo desde los dos años en Buenos Aires. Soy Magister en Escritura Creativa y Licenciada en Comunicación Social; Secretaria de Redacción de Viento Sur -revista de la Universidad Nacional de Lanús- y redactora creativa freelance. Novelas publicadas: *Dios era argentino*; *El brazo de tu madre*; *La equivocación de Herr Doktor o El caso del hombre feliz*. Actualmente trabajo en expandir lo literario hacia el cruce con otros lenguajes: el diseño, los mass media, los materiales diferentes del papel. También en una versión apócrifa de la Biblia.

**Alexxander
Norton**

escritor e pseudo-boémio geral de 20 e poucos anos, nasceu da e com a necessidade absoluta de consumir a melancolia do mundo, beber muito e andar deprimido consistentemente - assim como as pessoas em geral - e manifesto num desejo de escrever muito e muito depressa. Os seus projectos, normalmente de pouca duração, pautam-se por um forte carácter auto-depreciativo, mas isso não parece incomodá-lo

**Jota
Blumenthal**

Sus primeros escritos nacen a los nueve años de edad, iniciándose tanto en la prosa como en la poesía, siendo un montón de libros y enciclopedias sus mentores, fortaleciendo sus habilidades en los versos a comienzos de su adolescencia. Desde los 14 años decide dedicarse casi por completo a la poesía, inspirándose en Bukowski, Alejandra Pizarnik, Jorge Teillier, Óscar Hahn, entre otros. Actualmente reside en la ciudad de Valdivia, Chile.

**Sylma
García
González**

Puertorriqueña. Completó su doctorado en Estudios Hispánicos, con concentración en literatura española del Siglo de Oro, en la Universidad de Puerto Rico (Río Piedras). Obtuvo el segundo lugar en el Premio Nacional de Literatura (Investigación y Crítica) por su libro *Yo tuve una cosa con él y no es un concepto*. *Originalidad y modernidad en la literatura mística de Ernesto Cardenal* (2011). Su novela *Consultores de misterios* (San Juan: ICP, 2016) ganó el Premio de Literatura del Instituto de Cultura Puertorriqueña, en la categoría de novela juvenil. *El diario de MQ* (Hato Rey: EDP, 2015) es su primera novela publicada.

**Marina
Cavadini**

was born in Milan in 1988. She is an interdisciplinary artist and curator currently based in Chicago. Her practice results in temporal, and site-specific projects, primarily informed by the biological sciences. The manifested work is often an ambiguous but delicate experience of intense details. Marina is a 2017 MFA candidate at the School of the Art Institute of Chicago, and she received a MA in Curatorial Studies, with honors, in 2015, NABA, Milan, Italy. Recently, she has shared her work in places such as: Parco Arte Vivente, Turin, Italy; the Joan Flasch Artists' Book Collection, Chicago, IL, and Isola Art Center, Milan, Italy.

**Joe
Noreña**

is somewhere between a beginner and intermediate salsa dancer, a fan of jazz and samba music and if all worked out as he had planned, he'd be playing in the NBA. Joe graduated from Vanderbilt University with a Bachelor's in Political Science and Latin American Studies, worked as a teacher in Idaho and is currently a student at Boston College Law School.

**Carolina
Otero**

nace en Valencia, en 1977. Es poeta, narradora y cantante, al menos pone mucho empeño en serlo. En la vida real, licenciada en Filología hispánica e inglesa y dedicada profesionalmente a la docencia en Secundaria. Le gusta decir: "Con las letras hago un paracaídas y, a veces, me salvo".

**Damián
Maseda**

es ciudadano del mundo, científico y aikidoka (más o menos en ese orden). Nació en Madrid en 1976, se crió en Málaga. Sigue creciendo (eso cree él al menos), y morirá muy probablemente en algún momento de los próximos 100 años, según nos ha hecho saber. Hizo su doctorado en Alemania y se vino para USA en el 2008. Es biólogo e investigador en inmunología de profesión, lo cual le reporta grandes satisfacciones y también le da de comer. Se considera un poco "Jack of all trades" pa lo bueno y pa lo malo, y por ello es aficionado a muchas cosas, entre ellas la fotografía.

**Alejandro
Arango**

Alejandro is a phenomenal gist from Colombia. When he's not doling out essentials on the structures of experience, he likes to take pictures, eat, try his hand at reproducing tunjos in lino-cut, dance, and play the guitar. But he does not write his own bios.

**Silvia
Plettenberg**

Mi pasión por la fotografía se reavivó con el nacimiento de mis hijos. Con ellos he aprendido a captar emociones con la cámara, a perseguir sus sonrisas, llantos, alegrías y decepciones cada día. Mi trabajo consiste en contar historias a través de fotografías cargadas de emociones.

**Carlos B.
Barrera**

nació en Madrid allá por el año 1986. Aficionado a todo y experto en nada. Asceta y liberal por convicción, disfruta escribiendo, leyendo y reflexionando sobre asuntos filosóficos y políticos. Dicen que en sus ratos libres hace como que investiga sobre asuntos de sordera. Las malas lenguas comentan que años atrás se le vio poniendo discos de rock en garitos malolientes de la capital española. Algunos también apuntan que hoy en día pasea por Nashville en una antigua Vespa italiana y celebra en solitario los goles de su Real Madrid escondido en los bares repletos de aficionados del odioso fútbol americano. Sea como fuere, este chulapo madrileño es mucho más sensible y miedica de lo que a él le gustaría. Todavía hoy se pregunta qué narices está haciendo con su vida. Un solo lema kantiano le sirve de guía: Sapere Aude.

**Berna
Muñoz**

nació en Sevilla en 1980. Licenciado en Filología Inglesa por la Universidad de Sevilla en 2007, ha concluido su doctorado en la misma disciplina en 2015. Mientras, ha vivido y trabajado en Edimburgo y Cambridge, en el Reino Unido. Desde 2012 reside en los Estados Unidos, donde está a punto de concluir su segundo doctorado en el departamento de español y portugués de la Vanderbilt University en Nashville, Tennessee.

**Guillermo
Rodríguez-
Tabernero Vidal**

Tengo 18 años y actualmente curso el primer curso del doble grado en Derecho y Relaciones Internacionales en la Universidad Loyola Andalucía.

**Cheikh
Sene**

Ciudadano de la República de Senegal. Nació en el año 1988, en el pueblo de SOB (región de Kaolack, centro del país), pueblo cuyo nombre significa un árbol en mi lengua materna: Sob = Tamarindus indica = tamarin (francés); o tamarisco (castellano). Anteriormente hice estudios muy variados y a veces incluso contradictorios. Lenguas Extranjeras Aplicadas (L.E.A) al Comercio Internacional (francés, inglés y español), Derecho Comercial, Traducción, Gramática (francesa, española e inglesa), Comunicación, Historia General de África, Civilizaciones Hispanoamericanas, Literatura española y comparada, Literatura afrocubana y hoy hago estudios graduados en el campo de la literatura afro hispana.

**Giulia
Maltese**

Idealista inquieta, nació en Sicilia en 1987. Los espaguetis no le hacen mucha gracia: prefiere una buena ración de pescaito frito. Viajera incansable, por avatares de la vida acaba comprometiéndose con la causa del Sáhara Occidental. Traductora, etnolingüista, estudiante doctoral en el Dep.to de Interpretación y Traducción de la Universidad de Bolonia, investiga sobre poesía saharauí contemporánea en español. Cada vez que puede, viaja a los campamentos de refugiados de Tinduf, para tomar té y seguir chapurreando hasanía, y disfrutar de las contradicciones del desierto, por supuesto.

**Edward
Friedman**

teaches Spanish and comparative literature at Vanderbilt University. In 2015, he published *Quixotic Haiku: Poems and Notes* (Juan de la Cuesta), and here he tries his hand at this poetic subgenre in Spanish.

**Charlie
Geyer**

was born in Chicago, IL in 1987 and grew up in Charlotte, NC. He tends to live in a literary world of pure abstraction, and occasionally tries to write himself into real experience using poetry. The irony of this is not lost on him. He possesses a BA in English and Creative Writing from Emory University. He thought so long about this autobiographical statement that he died, and Paul de Man came and took his face as a trophy. He is currently working towards a Ph.D. in Spanish and Portuguese from Vanderbilt University.

**Bert
Geyer**

compulsively writes run on sentences and enigmatic fragments because categorizing heterogeneous simultaneities into piecemeal sequential narrative exasperates him, and dénouements are stultifying. Bert is sometimes frustrated with critique's oft-slovenly assumption of knowledge and its constitution so he tries to cultivate parallel means of encounter and recognition that might mitigate the presumptuous foist of learning and knowing, which he obviously has internalized as he is, for better and worse, resolutely in the academy. He does this through acts of sculpture, architecture, writing, photo, and video, embracing disciplinary porosity amongst them and with a bent towards engaging socio-spatial dynamics of the built environment. Bert is currently an MFA candidate at the School of the Art Institute of Chicago. You can see some of his work at www.bertgeyer.com.

**Paula
Ruiz
Santamaría**

Esta bilbaína trotamundos, reside actualmente en Barcelona, donde se busca la vida como periodista y profesora de español. Sus pasiones son la poesía, el humor absurdo y viajar, viajar, viajar y así fotografiar la belleza del mundo. Enamorada -y en posesión de un máster- de la literatura hispanoamericana y española, combina su afición por la declamación poética, el teatro amateur y el aprendizaje de lenguas.

**Clara
Mengolini**

nació un 29 de abril de 1977 en Bariloche, una ciudad al sur de la Patagonia argentina. Desde su más temprana infancia sintió una fuerte inclinación hacia la escritura, la lectura, el teatro y el arte en general. Una vez terminado el colegio secundario, dejó su ciudad natal y se marchó a Buenos Aires a estudiar Letras. Actualmente es profesora de español y literatura en Mercer University, una universidad ubicada en Macon, Georgia. En los últimos años empezó a dibujar con acuarelas y la escritura es un pasatiempo al que recurre muy de vez en cuando, sólo si la inspiración o la necesidad tocan su puerta.

**Valentina
Castro**

nació en Caracas, Venezuela, en 1985. Getting rid of this stupid third person I'm gonna say que me gradué de Licenciada en Letras (Magna Cum Laude) en la Universidad Central de Venezuela. Creciendo en una burbuja gringa en medio del trópico salvaje Venezolano, vine a mi madre patria para emprender estudios de doctorado at Vanderbilt University. Aunque siempre he escrito poesía, ahora se ha convertido en una manera passive aggressive de informarle a mi marido lo histérica que estoy. Currently living in Macon Georgia, soy Visiting Assistant Professor en Mercer University.

**Fernando
Varela**

nació en Asunción, Paraguay y pasó la mayor parte de su infancia en una pequeña ciudad llamada Remanso, que queda a orillas del río Paraguay. A los quince años se mudó a Florida, EEUU con su familia y realizó sus estudios universitarios en el mismo estado. En el 2015 se relocó a Nashville para hacer sus estudios de posgrado en Vanderbilt University.

**Manuel Felipe
Álvarez**

Medellín, Colombia. Sus orígenes e infancia se remiten a El Peñol. Filólogo hispanista de la Universidad de Antioquia. Escritor, corrector, traductor y conferencista. Docente de griego, italiano, portugués, latín y distintas materias humanísticas. Ha recibido distintos premios y reconocimientos en América Latina, donde ha participado en festivales y reconocimientos, además de impartir sus conferencias. Su obra ha sido publicada y antologada en catorce países y traducido a siete idiomas. Ha publicado los libros *El carnaval del olvido* en Málaga, España (2013); *Recuerdos de María Celeste* en Medellín (2002) y la novela *El lector de círculos* en Chiclayo, Perú (2015).

**Juan J.
Peñaloza
Rodríguez**

nacido el 13 de noviembre de 1987. En el 2005 comenzó sus estudios en la facultad de Humanidades con concentración en Música, de la Universidad de Puerto Rico. Durante sus años de estudios participó en diversos certámenes de poesía, oratoria y música, logrando obtener varios premios; siempre con la intención de expresar, apalabrar o ilustrar la búsqueda de su identidad y del sentido o el propósito por el cual cambiar el mundo. Actualmente trabaja por su cuenta como analista financiero y se mantiene activo tocando y componiendo música, con la Tuna Bardos de la UPR-RP.

**Rafael
Romero**

nació en Guatemala en 1978. Narrador y poeta. Ha publicado en revistas impresas y digitales de España y Latinoamérica. Creador de la revista antológica de arte y literatura *Te prometo anarquía*. Ha publicado *Distensión del ansia* (Alambique, 2011, poesía), *Génesis y encierro* (Cultura, 2011, relato), la trilogía *El elegido*, *Chichicaste*, *Zánganos* (Alas de Barrilete, 2012-2014, novela), *Entelequias* (E/x, 2015, relato), *Nadie advirtió el rencor de las precipitaciones* (Círculo Cultural, 2015, poesía), así como las plaquettes de poesía *El convoy en el que habito se desplaza entre tinieblas* (Ultramarina, 2013) y *Orgánica palabra* (Sin Tecomates, 2014). Actualmente reside en Logroño, La Rioja.

**Itxaso
Rodríguez
Ordóñez**

Born, raised and bred in the Basque Country, traveled all the way to the US to study Basque and Hispanic Linguistics. Her mum still asks “why to the US?”, and she keeps answering in American style: “why not?” When she is not reading or writing about linguistics, she is talking and (mostly) arguing about linguistics, possibly as it relates to Basque. She also has a life beyond linguistics, not Basque though, as she likes to host pintxo-partys at home, but only once in a while.

**Alberto
García
Gutiérrez**

es un joven artista plástico de Valladolid que reside actualmente en Barcelona. Este castellano, licenciado en la Escuela de Artes y Oficios de su ciudad, ha estudiado escultura con grandes maestros en Galicia, Italia o Almería, donde ha pulido su técnica minuciosamente. Tímido, pero ávido de ganas por reflejar sus más íntimas sensaciones mediante el arte, dedica todo su tiempo libre al grabado, la fotografía amateur, la pintura...y el Rock and Roll.

**Diogo
Oliveira
do Espírito Santo**

é aluno do programa de Mestrado em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia no Brasil e tem graduação em Língua Estrangeira Moderna/Inglês pela mesma universidade (2014). Fez parte de uma das equipes nacionais encarregadas de produzir material didático para o PPPL, uma plataforma online que disponibiliza unidades didáticas gratuitas para professores de português como língua estrangeira ao redor do mundo. Atualmente, ele é bolsista Fulbright e desenvolve materiais didáticos para o ensino de português como língua estrangeira para o Centro de Estudos Latino Americanos (CLAS) da Universidade de Vanderbilt.

**Francia
Herrera
Parisi**

nace en La Sucursal del Cielo, mismo día que Michael Jackson pero en año bisiesto 18 años después. Menor de 3 hermanos, de madre italiana y padre criollo... Nómadas circunstanciales. Hipocondriaca en infancia, vive en emergencias hasta que dieron con mágico tratamiento: Natación... Aprende a Volar. Estudia Arquitectura en la Universidad Simón Bolívar... Aprende a Cuestionar. Un viernes del 2001 recibe el título, al miércoles siguiente vuela a Italia... Aprende a Leer. Escenografía de día, Acróbata de noche... Aprende a Desaprender. En 2005 Regresa a la Venezuela Cavernícola. Resistencia de día, Subversiva de noche... Aprende a Desaparecer. Comienza el Camuflaje...!!!

**Gualberto
García**

Vivo en la ciudad de Rosario, Argentina. Nací el 24 de mayo de 1981. Soy escritor, escultor y fotógrafo. Escribo ficción breve para el diario argentino Página/12, he publicado mi primer obra de teatro “La Gema Indelicada” y Julio de este año sale una nouvelle que titulé “El reverso de la piel”. Como fotógrafo doy clases de iluminación, he ganado concursos y participo de la Comunidad Argentina de Fotografía Analógica y Lomography Argentina.

**Alejandro
Aguado**

publica en diarios, suplementos, revistas, libros de Patagonia argentina, Argentina, España, Chile, Venezuela, Colombia, Uruguay, Bolivia, Estados Unidos, Francia e Italia. Tiene 15 libros publicados. Dirigió/coordinó las publicaciones Duendes del Sur, El Espejo de los dibujantes del sur y la editorial la La Duendes - Historieta Patagónica. Expuso en Argentina, Ecuador, Colombia, Brasil, España y Alemania. Obtuvo premios y diversos reconocimientos en Argentina y el exterior. En Francia participó del libro Dear Patagonia, que fue elegido como mejor libro del año de autor extranjero de 2013.

**Antonia
Russo**

Poeta, escritora, gestora cultural, coordinadora 100.000 Artistas Por la Paz “Pacis Nunti”; portadora Bandera Universal de la Paz. Embajadora de la Paz Cercle Universel Dess Ambassadeurs de la Paix -Suisse-France. Directora Zonal Sociedad Internacional Poetas, Escritores y Artistas (SIPEA). Libro *Quanta Nostalgia* (historias vivas de inmigrantes italianos) traducido al italiano, declarado de Interés cultural por la Honorable Cámara de diputados de la Nación, presentado en varias ciudades de Argentina, Brasil, España, Uruguay e Italia. Libro *Jardín Azul* (poemas) editado en El Salvador. Libro *Partivano I bastimenti* (italiano) editado en Roma Italia. Libro *Arcobaleno* editado en Cáp. Fed. Premios y Antologías nacionales e internacionales.

**Renata
Oliveira**

won the nickname Chavs [which sounds like “keys” in Portuguese] because her tiny body reminds us of a little key chain. No wonder she has always been chasing the entrances of the doors inside her own Self. She’s amused to believe she’s an astronaut on a mission to explore her internal galaxies. For that, the image creation is her ship: a communication point between dimensions. The great mysteries of consciousness expansion are her main fuel. Back on Earth, she’s graduated in Advertising and Marketing at ESPM-São Paulo, and later on in Graphic Design by the same institution. Chavs works in a big corporation, and seeks the production of images and their signifiers whenever she can.

**Anthony
Ríos**

Yo estoy en mi segundo año en Vanderbilt estudiando neurociencia y español. Vivo en Miami, Florida y mis pasiones incluyen los deportes, la medicina y la música. Soy un cubano-americano de segunda generación y mi cultura es una gran parte de mi personalidad, valores y carácter. Por eso, estoy escribiendo y hablando en mi lengua nativa para poder expresar emociones únicas al idioma y para comunicarme claramente con mis padres y abuelos. Como soy trompetista, Louis Armstrong es mi ídolo y *Descubriendo a Louis* es mi traducción de la sensación musical del Jazz y de la trompeta de Louis.

**Blamem
(Blanca
Mederos)**

nace el 22 de abril de 1951 en La Habana, Cuba. Realizó estudios universitarios graduándose como Economista. Inicia su labor al oficio de escritor en el 2011, luego de incorporarse a los talleres literarios. Ha obtenido premios diversos a nivel municipal y provincial, así como en concursos nacionales. Ha publicado cuentos y poesías en varias antologías, tanto en México como en Chile. Trabaja la literatura para adultos y la infantil. Se adentra en diversos géneros literarios como son; cuento, poesía, periodismo, ensayo y novela. Acostumbra a presentar su obra bajo seudónimo.

**Roly
Avalos
Díaz**

La Habana, 1988). Poeta, narrador, repentinista. Licenciado en Comunicación Social. Miembro de la Asociación Hermanos Saíz. Ha colaborado con revistas y medios nacionales e internacionales como Círculo de poesía (México), La Jiribilla. Ha recibido varios lauros: Premio (ex aequo) en el VIII Certamen Internacional de Décima Espinela Tuineje, Santa Cruz de Tenerife, España (2011); I Premio La Literatura del Arte (Colombia, 2013); Premio en la modalidad El Buscón (para poetas menores de 30 años), en el XXXIV Certamen Poético de la Orden Literaria Francisco de Quevedo de Villanueva de los Infantes (España, 2014), entre otros.

**Lydia
Lutz**

es una estudiante de segundo año en Vanderbilt. Tiene la intención de estudiar neurociencia e historia y posiblemente español también. Además, ella se dedica a una carrera futura en medicina y salud global. Ella espera usar el español en el campo de la asistencia médica. Aparte de los estudios académicos, tiene pasión por la música, la escritura creativa, y el servicio comunitario.

**Enrique
Barrera
Gómez**

nació en Madrid allá por los finales de los 60. Más conocido como “Juez” entre sus amigos, Enrique combina su labor como abogado con su afición por la escritura. Ganador de concursos literarios, sus relatos se caracterizan por su crudeza y tintes de novela negra.

**Marcio
Bahia**

Marcio Bahia atualmente ocupa o posto de Associate Teaching Professor de Português e Estudos Brasileiros na Universidade de Notre Dame após ter servido como Assistant Professor na Universidade de Vanderbilt (2011-2016), EUA. Mestre e Doutor em crítica cultural pela Universidade de Ottawa, o professor Marcio Bahia publicou artigos em português, inglês e francês para diversas revistas no Brasil, Canadá e Estados Unidos. Seus interesses de pesquisa incluem o conceito de americanidade, as relações entre literatura e novas mídias, mobilidade cultural e circuitos musicais periféricos no Brasil e América Latina. Co-editor de *Filmes de (An)amnésia: Memória e Esquecimento no Cinema Comercial Contemporâneo* (UFMG, 2009), o professor Bahia trabalha agora no manuscrito do livro preliminarmente intitulado *Tecnobrega and Other Revolutions: Music, Technology and Conflict in Latin American Music Scene*.

**Edição: Kadiri Vaquer Fernández, David
Vila Die(é)guez(s), Carlos B. Barrera,
Marco Parodi, Cheikh Sene, Charlie
Geyer e Berna Muñoz.**

**Desenho gráfico: David Vila
Die(é)guez(s) e Kadiri Vaquer
Fernández**

Nashville, Fevereiro de 2017.

www.furman217.com